

LEONARDO BURLAMAQUI DA CUNHA

*Foi exemplar
de trabalho de
defesa de
T. Burlamaqui da
Cunha
30/04/86
Burlamaqui da
Cunha*

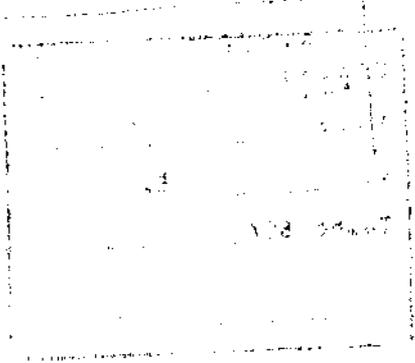
**A HETERODOXIA MARXISTA REVISITADA:
BERNSTEIN E TUGAN-BARANOVSKY,
INTERPRETES PRECOSES DO CAPITALISMO MADURO**

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Instituto
de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade
Estadual de Campinas - SP.

1986

C914h
7613/BC

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL



Aos meus pais, que nunca me impu-
seram nenhum caminho a seguir.

E para Bizu e Rafa, que me ensi-
nam muito sobre o amor.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	04
INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO 1 - O ÚLTIMO ENGELS: ORTODOXIA OU REVISIONISMO?....	12
1. INTRODUÇÃO	12
2. OS DOIS TESTAMENTOS	16
3. ENGELS X LEI DE TENDÊNCIA X MARX	27
CAPÍTULO 2 - EDUARD BERNSTEIN OU ...A PROVA DA HISTÓRIA.....	34
1. INTRODUÇÃO	34
2. UMA NOVA VISÃO DO DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA.	39
3. ADEUS ÀS ILUSÕES: AS CONDIÇÕES DA CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO.....	62
CAPÍTULO 3 - M.I.TUGAN-BARANOVSKY: UM NOVO PARADIGMA?.....	72
1. INTRODUÇÃO.....	72
2. A CIRURGIA TEÓRICA (I).....	76
2.1. VALOR, MAIS-VALIA E EXPLORAÇÃO.....	78
2.2. NEM MARX, NEM BÖHM-BAWERCK.....	92
2.3. O MOVIMENTO DA TAXA DE LUCRO.....	100
3. A CIRURGIA TEÓRICA (II).....	117
3.1. ACUMULAÇÃO E REALIZAÇÃO	118
3.2. DESMONTANDO A TESE ESTAGNACIONISTA.....	125
3.3. CICLO E CRISE.....	132
3.4. TRANSFORMAÇÕES ESTRUTURAIS.....	141
4. O FUTURO DO CAPITALISMO E O ADVENTO DO SOCIA LISMO.....	147
CONCLUSÃO	153
BIBLIOGRAFIA	161

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho difere significativamente daquele que imaginava resultar quando me dispus a iniciá-lo. Seu conteúdo foi-me, por assim dizer, imposto pelo material com que vim a lidar e isto fez com que me desviasse de meu projeto original. Gostaria de dizer algo sobre isto. Era minha intenção estudar como o marxismo centro-europeu abordou as questões das crises periódicas e do destino do capitalismo, entre os anos de 1894 - data da publicação do terceiro volume do Capital e período onde se ensaia o fim da retração iniciada em 1873 - e 1929 - ano da publicação do livro de Henryk Grossmann sobre o assunto e também, do colapso de Wall Street.

Nesta perspectiva, Bernstein e Tugan-Baranovsky dividiriam um modesto capítulo ao qual se seguiriam outros quatro. Quando já havia rascunhado três dos seis capítulos previstos (um dos quais referente a ambos) chegaram-me às mãos, mais ou menos ao mesmo tempo, a excelente edição espanhola, por Siglo XXI, da obra de Bernstein que vinha acompanhada de seus artigos anteriores ("Probleme des Sozialismus") e de dois textos posteriores ao livro de 1899;(1) e - graças ao amigo, e insuperável bibliófilo, José Pedro Macarini - edições, também em língua espanhola, de dois trabalhos de Tugan, de 1905 e 1906, praticamente inacessí-

(1) Cf. referência completa à edição na nota 10 do cap.2.

veis (só os havia visto citados em russo e alemão, e em edições dos respectivos anos de publicação) até então. (2)

A digestão destes textos por pouco não se transforma em indigestão. A estatura que iam assumindo, para mim, ambos os autores era tão grande que passei a duvidar um pouco de minha capacidade de avaliação. Isto foi reforçado pelo fato de que neste momento encontrava-me, do ponto de vista da elaboração do trabalho, no mais monástico isolamento, isto é, não tinha nenhum interlocutor a quem submeter o que estava tomando forma aos meus olhos (este é, aliás, certamente, um dos problemas de que se ressentia o estudo. Estou plenamente consciente disso). Todavia, resolvi apostar em minha percepção e deixei-me levar para onde o material que tinha em mãos me puxava. A consequência foi uma reestruturação de todo o plano original, não o seu abandono: continuo trabalhando nele mas resolvi dividi-lo em duas partes, a primeira das quais é o presente texto, redigido de forma a poder ser lido independentemente de sua sequência e com conclusões próprias. Em um ponto ou outro, o leitor encontrará notas que o remetem para a segunda parte do estudo o qual ainda se encontra em fase de elaboração. Decidi mantê-las e talvez deva me desculpar por não apresentar ambas em simultâneo, mas faço-o convicto de que esta é a melhor forma de organizar o material de que disponho, principalmente porque a forma final que tomou esta 'primeira parte' obrigou-me a repensar muito do que já havia escrito anteriormente. De todo modo, creio que mais alguns meses, talvez um ano, de trabalho, me permitirão concluir o plano original que me havia proposto.

(2) Cf. referências completas às edições na nota 48 do cap. 2 e na NOTA 7 do cap. 3. Eles continuam, de fato, inacessíveis pois as edições espanholas são de 1915 e 1921 respectivamente e foram obtidas por Macarini em xerox junto a um livreiro (melhor seria dizer antiquário) espanhol.

Finalmente, gostaria que este fosse um trabalho recheado de agradecimentos, como tantos que já li. Infelizmente, não poderá sê-lo, pois, como já referi, foi concebido muito à margem do debate; mas os poucos que quero fazer são realmente sinceros.

Em primeiro lugar, a José Pedro Macarini e Claudia Pereira Blanco sem cuja generosidade e espírito cooperativo não teria obtido textos fundamentais para sua elaboração, e cujo incentivo me ajudou a prosseguir. A Perry Anderson, por ter-me respondido à solicitação de algumas informações - coisa raríssima entre nossos "Schollars" nativos - e também pelo interesse que demonstrou pelo trabalho na conversa que mantivemos por ocasião do 1º Congresso Internacional de Política Econômica, realizado aqui no Rio de Janeiro em 1984. A Gilberto Hochman, que leu a primeira versão e comentou-a comigo e a Fernando Cardim de Carvalho por ter apostado em mim ainda nos tempos da graduação.

À Maria Helena, por muito mais do que eu poderia dizer aqui, mas principalmente, por ser minha mulher.

Ao mestre, orientador e amigo Antônio Castro, quero dedicar, plagiando William M. Johnson, (3) uma frase de Eliot: "Those who trust us, educate us". (4)

(3) The Austrian Mind, an intellectual and social history. 1848-1938. Los Angeles, University of California Press, 1972, p.VIII.

(4) Quando já terminara a conclusão deste texto, chegaram-me às mãos dois trabalhos recentes, de Horst Heinmann e Sergio Amato, sobre Bernstein e Tugan-Baranovsky respectivamente. Não pude portanto utilizá-los ao longo do trabalho, apenas os referi brevemente numa nota. Gostaria no entanto de deixar aqui assinalada minha satisfação em constatar que ambos tem significativas convergências com os pontos de vista aqui defendidos.

INTRODUÇÃO

São cada vez mais frequentes os clamores de que vivemos numa espécie de "limite da modernidade", uma encruzilhada histórica provocada pelo esgotamento da institucionalidade e das coordenadas culturais que caracterizaram o capitalismo novecentista.

(1) Talvez ainda não seja a hora de rotular a nossa época, mas é indiscutível que vivemos um período de grandes transformações, aceleração do tempo histórico ... e grandes desafios teóricos. A crise do conhecimento é, ao que parece, geral e se explicita com particular transparência no campo das ciências sociais. (2) O chamado "eclipse das grandes visões" que caracteriza a cena contemporânea pode ser que tenha um lado positivo - a maior aproximação às micro realidades - mas reflete também, sem dúvida, uma crescente incapacidade de lidar com o presente. Crise entretanto, não é um conceito exclusivamente negativo, para os chineses por exemplo, o termo tem um duplo significado: perigo e oportunidade. (3)

(1) Cf. por exemplo André Gorz, Les Chemins du Paradis, Paris, Galilée, 1983, Christopher Lasch, The culture of Narcisism, N. York, W.W. Norton, 1979 (trad. port, Rio de Janeiro, IMAGO, 1983) e também, The minimal self, N. York, W.W. Norton, 1984 (trad. port, São Paulo, Brasiliense, 1986), Eduardo Subirats, Da Vanguarda ao Pós-Moderno, São Paulo, Nobel 1984; Perry Anderson, "Modernity and Revolution", NLR, 144, Março-Abril 1984; Fredric Jameson "Post modernism, or the cultural logic of late Capitalism", NLR 146, Julho-Agosto 1984, e New German Critique 33, Fall 1984 special issue on Modernity and Post modernity.

(2) Cf. por exemplo Fritjof Capra, The Turning Point, N. York, Simon and Schuster, 1982 (trad. port, São Paulo, Cultrix, 1986);

Oportunidade de inovar, mas também, como perceptivamente assinou Pierangelo Garegnani, de "voltar atrás ... e verificar se algum enfoque preexistente não foi prematuramente abandonado," (4) o que nos pode levar a descobrir que, em certas circunstâncias, "voltar atrás seja um modo de ir em frente". (5)

O presente trabalho foi animado por esta perspectiva, e minha, digamos, intuição de que estava me envolvendo com uma situação como a sugerida por Garegnani só se viu confirmada conforme estendia o contato com o material que tinha em mãos. Devo dizer que me sinto um pouco constrangido de começar a falar sobre meu trabalho desta forma aparentemente tão arrogante mas animam-me a fazê-lo duas convicções, a saber: a certeza de que não estou propriamente "advogando em causa própria", já que o mérito que creio existir nas páginas que se seguem não é meu mas dos autores que analiso; minha contribuição aqui terá sido apenas a de chamar, para eles, alguma atenção. Em segundo lugar, o fato de que realmente penso assim, ou seja, creio firmemente ter estado diante de um impressionante caso de "enfoque prematuramente abandonado" na história das idéias. De todo modo, o leitor poderá julgar por si próprio e, assim sendo, é conveniente que já parta informado de minha própria posição.

Como referi acima, é crescente a sensação de que estamos vivendo a "crise da modernidade". Os autores que discuto nas

Jean-François Lyotard, La Condition Postmoderne, Paris, Minuit 1979 (trad. port. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986) R.J. Holton, The Transition from Feudalism to Capitalism, London, Mac Millan, 1985, Conclusão, e The Public Interest, Special issue on The Crisis in Economic Theory, 1980.

(3) Cf. Caora, Op.cit., introdução.

(4) "Sobre a teoria da distribuição e do valor em Marx e nos economistas clássicos" in Garegnani et alii, Progresso Técnico e Teoria Econômica, São Paulo, Hucitec-Unicamp, 1980, p.2.

(5) Marshall Berman, All that is solid melts into Air, London, vers, 1985, p.24.

páginas subsequentes viveram o seu florescimento e, a meu juízo, deram conta dela: interpretaram-na e nos deixaram elementos para pensar a sua transformação.

É esta a conclusão que resultou deste estudo. Convido o leitor a examiná-la.

"O tempo corria. Aqueles que não viveram nesta época talvez tenham dificuldade em acreditá-lo mas o tempo já então se deslocava com a velocidade de um camelo: simplesmente , então, não se sabia para onde ele caminhava. Depois também não era fácil distinguir claramente o que estava em cima e o que estava embaixo, o que avançava e o que retrocedia."

Robert Musil

"A sociedade pós-moderna é aquela onde tudo está acontecendo pela segunda vez..."

Mauro Eduardo Pommer

CAPÍTULO I

O ÚLTIMO ENGELS;

ORTODOXIA OU REVISIONISMO?

1. INTRODUÇÃO

A época que vai de 1878 à 1914 é um dos períodos mais complexos de toda a história contemporânea. Com esta convicção, o historiador inglês Norman Stone inicia uma recente e penetrante reconsideração da história européia entre 1878 e 1919. (1) Subscrevemo-la. Na história do desenvolvimento capitalista, o período em questão aparece marcado por profundas transformações; transformações estas sobre cuja "visibilidade", escreveria Schumpeter em 1928, "... não é possível discordar na constatação..." ao que agregava: "o desacordo pode dar-se somente em torno ao modo de interpretá-lo". (2), O "desacordo" existiu e foi, como veremos, um divisor de águas na história do marxismo.

(1) Europe transformed, 1878-1919. Glasgow, 1983 (trad. esp. México. Siglo XXI, 1985).

(2) "The instability of Capitalism" in: The Economic Journal, setembro de 1928. (trad. esp. in: Ensayos. Barcelona, Oikos-tau, 1968, donde citamos, p.74).

Para ficarmos, por enquanto, apenas nas três últimas décadas do século passado, foi esta a etapa inaugural de substanciais modificações na estrutura e no próprio funcionamento do Capitalismo: um período tão dinâmico quanto instável. (3) Em simultâneo à prolongada depressão na Inglaterra e à crises abruptas no continente e nos Estados Unidos, (4) descortinavam-se novas fronteiras de acumulação à partir das "revoluções" da química e da eletricidade, da "era do aço barato", (5) dos começos da automobilística e da penetração dos motores de combustão interna. (6) Conjuntamente com a passagem da "concorrência ao monopólio" dentro dos principais países industriais (destacadamente Alemanha e Estados Unidos), operava-se também um movimento de passagem "de uma situação de monopólio (o da Inglaterra) para uma concorrência, ou pelo menos, de oligopólio (Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, França, Bélgica)", (7) ao nível das relações entre estes países industriais.

(3) Cf. Stone (Op.Cit.) ou a introdução do recente ensaio de Bottmore. Theories of Modern Capitalism. Londres, George Allen and Unwin, 1985. (Controversies in Sociology, nº17).

(4) Para uma periodização mais precisa dos "picos" e "reversões" de conjuntura embutidos nestes anos, ver Rendigs Fels. "The long wave depression, 1873-97". In: Review of Economics and Statistics, Feb. 1949.

(5) A expressão é de David Landes no seu Unbound Prometheus. Londres, Cambridge Univ.Press, 1969 (trad.esp.donde citamos, Madrid, Tecnos, 1979, p.271).

(6) Landes, Op.Cit., cap.5. O livro de Landes continua a ser, a nosso juízo, até o presente momento, o melhor estudo de conjunto a respeito do desenvolvimento tecnológico e industrial no período. Não obstante, podem também ser consultados T. K. Derry e Trevor J.Williams. A short history of technology, Oxford, Clarendon Press, 1960 (trad. esp. México, Siglo XXI, 1977, 3 v.) e J.Bernal. Science and industry in the 19th century, Londres. Routledge e Kegan Paul, 1973.

(7) LANDES, Op. Cit., p.261.

Paralelamente ao "retorno para o protecionismo", processava-se uma extroversão quase que generalizada por parte do capitalismo europeu e norte-americano; mercadorias e investimentos fluíam de suas economias industrializadas para todos os cantos do mundo: a "era do imperialismo", e dos vigorosos movimentos de cartelização e concentração-centralização do capital. (8)

Politicamente, o panorama apresentava-se igualmente complexo. A ruptura do equilíbrio de poder na Europa, representada pela passagem do "concerto das nações" à "política de alianças", e, entre ela e o restante do mundo, pela ascensão dos Estados Unidos acompanhava, no plano interno de cada nação, uma segunda metamorfose: a disrupção do tecido social, consubstanciado no fortalecimento da chamada burguesia industrial, mas, sobretudo, pelo advento de um numeroso - e orgulhoso - proletariado que se inseria em novos partidos políticos (os quais se convertiam, portanto, em grandes partidos de massa) de orientação socialista. (9) São crescentes, ao longo destes anos, tanto o número de greves quanto sua inquestionável conotação política; o "fantasma da sublevação social" parecia, mais uma vez, rondar a Europa, mas, junto

(8) Um bom estudo sobre a "expansão imperialista" é o de D.K. Fieldhouse. Economics and Empire. 1830-1914, Londres, Weidenfeld and Nicolson, 1973. Quanto aos movimentos de cartelização e concentração-centralização do capital ver para Alemanha, por exemplo, Cambridge Economic History of Europe, CUP 1978, Vol.VII, Cap.X ("Entrepreneurs and Managers in German Industrialization" por J. Kocka) e E.Maschke. Outline of the history of German Cartels from 1873 to 1914 in F. Crouzet, W.H.Chaloner e W.M.Stern (eds.). Essays in European economic history, Edward Arnold, 1969. Para Inglaterra ver, por exemplo P.I.Payne. The emergence of the large scale company in Great Britain 1870-1940 in: Economic History Review, 1967. Para os EUA, ver no supracitado volume da Cambridge Economic History of Europe o ensaio Alfred Chandler JR "The United States: Evolution of Enterprise, ou do mesmo autor Strategy and Structure; chapters in the History of the Industrial Enterprise, 1962. Para os demais países ver, em geral, os volumes VI e VII da Cambridge Economic History of Europe.

com ele, recrudescia o conservadorismo. (10) Para o sistema no seu conjunto, a situação ia tornando-se, pois, progressivamente, mais tensa; o crescimento do militarismo e do nacionalismo e a proliferação de "ameaças de guerra" refletiam-no por toda parte.

Estes anos foram diagnosticados pela quase totalidade do pensamento marxista e por alguns dos melhores representantes da ciência social não marxista (Weber, Sombart, Schumpeter, Polanyi, Mannheim e Keynes) (11), como anos de transição. Sobre este ponto, como tratou de sublinhar Schumpeter, há um significativo consenso. As divergências aparecem e são intensas, repetimos, quando se trata da interpretação desta transição. Transição para que; ou, melhor ainda, de que para que, de onde para onde? (12)

(9) Ver a respeito Stone, (Op.Cit.) caps.1 e 2; Polanyi. The Great Transformation, 1944 (trad.port.ed. Campus 1980) parte I; Joll. The Second International, 1889-1914, 1974 (orig.1955) caps.1 e 2 e, do mesmo Joll, o excelente Europe since 1870. Penguin Books 1973 (trad.port.Lisboa, Dom Quixote, 1982, donde citamos, cap.1).

(10) Cf. Joll. Europe since 1870 (Op.Cit.) Caps.2 e 3 e Hans Rosenberg "Political and social consequences of the great depression in Central Europe in : Economic History Review, 1943. Ver também John Weiss Conservadorism in Europe 1770-1945. Londres, Thames and Hudson, 1977.

(11) Para o juízo de Weber ver, por exemplo - Stanislaw Andreski, Max Weber on capitalism, bureaucracy and religion, Londres, George Allen e Unwin, 1983, cap.10; e também a introdução de Giacomo Marramao à sua coletânea de ensaios Il Politico e la trasformazione. Bari, De Donato, 1979. (trad.esp., México, Sí glo XXI, 1982 donde citamos). O de Sombart pode ser visto em seu ensaio "Capitalism", escrito para a Encyclopedia of Social Sciences, ou, em seu livro Wirtschaftsleben des Hochkapitalismus. Munique, 1927. (trad.esp.México. Fondo de Cultura Económica, 1946). De Schumpeter, veja-se o artigo supracitado e também seu clássico Capitalism, socialism and Democracy. Londres, George Allen e Unwin, 1976 (orig.1942, trad. port., donde citamos, Rio de Janeiro, Zahar, 1984) parte II. Para o diagnóstico de Polanyi, ver sua obra supracitada; de Mannheim pode-se consultar Freedom, power and democratic planning. Londres, Routledge e Kegan Paul, Londres, 1951 (trad.port., Mestre Jou, 1972) parte I. Quanto à Keynes ver, por exemplo, "Am I a liberal?" incluído em seus Essays in Persuasion. NY. W. Norton, 1931. Ver também o ensaio de Robert Skidelsky incluído em Milo Keynes ed. Essays on John Maynard Keynes. Cambridge Univ. Press (trad. parc. Paz e Terra, 1977).

2. OS DOIS "TESTAMENTOS"

Para o marxismo - principiando a viver então uma fase de intenso florescimento (13) - a "digestão" desta torrente de novos acontecimentos era de todos os modos fundamental, tanto pelas suas implicações teóricas quanto políticas.

Com o desaparecimento de Marx em 1883, Engels tornara-se, naturalmente, a principal autoridade, reconhecidamente responsável pela interpretação, atualização e difusão do seu pensamento. Viu-se ele, por isto mesmo, nos últimos anos de sua vida "envolvido numa situação histórica que o colocava diante de tarefas inteiramente novas, no trabalho de defesa da teoria...". (14) Engels o tentou. A tremenda complexidade desta empresa refletiu-se todavia em um intrigante desencontro entre seus últimos escritos "políticos" e "econômicos", um fato cujas implicações seriam duradouras.

-
- (12) Queremos registrar, de partida, nossa dívida para com os recentes trabalhos de Giacomo Marramao. Sua obra desenvolveu-se dentro de um campo teórico e historiográfico cujas potencialidades apenas começam, a nosso juízo, a ser percebidas. Foi, em grande parte, a leitura de seu excelente ensaio "Teoria del Crollo e Capitalismo organizzato nei Dibattiti dell'estremismo storico" (incluído na sua coletânea supracitada) que nos despertou o interesse para os temas da presente investigação. Além dos demais ensaios incluídos em Il Politico e le trasformazioni (Op.Cit.), ver também, sua ampla introdução à coletânea Austromaximo e socialismo di sinistra fra le due guerre. Milão, La Pietra, 1980, bem como, suas contribuições ao volume coletivo, editado por Siglo XXI, Teoria Marxista de la Política (México, 1981).
- (13) Leszek Kolakowski alcunhã-la-ia de "The golden age" no seu Main Currents of Marxism. Oxford, 1978. Perry Anderson refere-se a ela de modo semelhante, cf. Considerations on western Marxism. Londres, NLB, 1976. (trad. esp., México, Siglo XXI, 1979).
- (14) A observação é de Oskar Negt in "O Marxismo e a teoria da revolução no último Engels" incluído em E. Hobsbawm et alii eds. Storia del Marxismo. Torino, Einaudi, 1978 (trad. port. RJ, Paz e Terra 1982, Vol.2, parte 1, p.125).

Em um estimulante ensaio escrito em 1968 (15) como introdução à edição italiana do livro de Bernstein, Lucio Colletti nos chama a atenção para um texto de Engels de 1895, sua introdução à primeira reedição da Luta de classes em França, de Marx; escrito este conhecido também como seu "Testamento Político". Nêle, Colletti sugere - como já havia feito antes o próprio Bernstein (16) - que podem ser encontrados alguns elementos nos quais se iria inspirar o "revisionismo", principalmente no que se refere à forma política da transição para o socialismo.

Na introdução referida, Engels observa - argui Colletti - que o principal equívoco cometido por Marx e por êle mesmo na época das revoluções de 1848, havia consistido em considerar que a situação européia de então estava já madura para a transformação socialista. A este erro de apreciação acerca do grau real de desenvolvimento das forças produtivas capitalistas em 1848 estava conectada também - continua - uma concepção política equivocada: a da "revolução de minorias".

"A época dos golpes de surpresa - escreve Engels, das revoluções feitas por pequenas minorias à frente de massas inconscientes estava já encerrada."
(17)

Do reexame que fez do pensamento de Marx e do seu próprio, Engels deriva - prossegue Colletti - uma nova tática para

(15) "Bernstein e il marxismo della seconda internazionale", incluído em Ideologia e Società. Bari, Laterza, 1969. (trad. esp., Barcelona, Fontanella, 1975).

(16) Cf. o prefácio à 1ª edição de sua obra de 1899. (ref. completa na nota 10 do seguinte capítulo). Ver também as observações no mesmo sentido de Colletti, em seu ensaio supracitado pp. 76 e 77.

(17) Engels cit. por Colletti (Op. Cit., p. 72). Sobre o "Testamento Político de Engels" ver, ademais do ensaio de Colletti, Bo. Gustafsson. Marxism och revisionism, Uppsala, 1969. (trad. esp. Grijalbo. Barcelona, 1975) cap. 2.

possibilita a transformação socialista: um lento trabalho de propaganda, de utilização do sufrágio universal e da atividade parlamentar. Em particular - esta suficiente utilização do sufrágio universal, é que configuraria o novo método de luta que o proletariado estaria já adotando, que deveria continuar a adotar no futuro:

"Os dois milhões de eleitores que envia às urnas junto com os jovens e as mulheres que estão por trás deles e não tem voto, formam a massa mais numerosa e mais compacta, a 'força de choque' decisiva do exército proletário internacional. Esta massa proporciona, já hoje, mais da quarta parte de todos os votos emitidos; e cresce incessantemente... seu crescimento avança de uma maneira tão espontânea, tão constante, tão firme e ao mesmo tempo tão tranquila como um processo natural (SIC.LBC) Todas as intervenções do governo resultam impotentes contra ele... se este avanço continuar, antes de terminar o século haveremos conquistado a maior parte das camadas médias da sociedade, tanto os pequenos burgueses como os pequenos camponeses, e nos teremos convertido na potência decisiva do país, ante a qual terão que inclinar-se, queiram-no ou não, todas as demais forças. Manter em marcha ininterrupta este incremento até que por si mesmo ele se torne mais forte que o sistema de governo atual ... É esta a nossa tarefa fundamental." (18)

Frente à possibilidade de chegada ao poder... "somente há um meio - escreve Engels - que possa hoje conter ou mesmo, fazer retroceder o crescimento constante do exército socialista na Alemanha: um enfrentamento em grande escala com as tropas, uma sangria semelhante à ocorrida em 1871 em Paris." (19)

"A ironia da história - conclui - subverte todas as coisas. Nós os 'revolucionários', os 'subversivos', avançamos muito melhor com meios legais do que com os ilegais e a conspiração. Os partidos da ordem - como eles se intitulam - arruinam-se nos quadros da legalidade criada por eles mesmos." (20)

Estas idéias iriam realmente - como se verá - encontrar pleno eco em Bernstein. Quiçá se deva acrescentar somente que, a idéia de legalidade da transição já estava presente na mente de Engels desde pelo menos 1891. É o que se depreende de uma carta sua enviada à Bebel em 26 de outubro deste mesmo ano:

(18) Engels cit. por Colletti (Op.Cit.,p.73).

(19) Op. Cit.,p.74.

(20) Engels cit. por Nejt (Op. Cit.,p.160).

"Para apoderar-se dos meios de produção e usá-los, precisamos de pessoas que tenham uma preparação técnica; e em grande quantidade. Por ora, eles não estão à nossa disposição ... porém, prevejo que nos próximos oito ou dez anos teremos conquistado para a nossa causa numerosos jovens tecnicamente preparados, médicos, juristas, professores, de modo que poderemos entregar a companheiros a administração das fábricas e dos grandes bens nacionais. Poderemos nos apropriar do poder da forma mais natural e simples (relativamente). Se, ao contrário nos apropriarmos do poder prematuramente, com uma guerra, então os técnicos serão os nossos principais inimigos e, assim que puderem, nos enganarão e nos trairão; precisaremos usar o terror contra eles..."(21)

Dentro desta mesma linha interpretativa, Leonardo Paggi, em um recente texto escreve que:

"Certamente não é casual que a discussão sobre o revisionismo tenha como ponto de partida um texto como a introdução de Engels às LUTAS DE CLASSE EM FRANÇA onde se trata de colocar em evidência com relação à periodização contemporânea do capitalismo e do movimento operário, comparativamente à 1848, a tendência de uma sociedade capitalista madura à dar-se a si mesma em suas manifestações distintas e contrapostas, o aspecto de uma organização permanente e consciente no campo da luta social e política: o partido de massa da classe operária, mas também o estado que estende seus poderes à sociedade. Tida em conta esta nova realidade a obra de Marx começa a aparecer como um modelo de sociedade pura, necessitando de comprovação e modificações com relação à evolução real."(22)

Parecem ambos (Colletti e Paggi) ter razão. Não obstante, Karl Korsch, em um texto de 1933, - consagrado também às origens da controvérsia revisionista, arqui que o último Engels deveria ser tomado não como predecessor do revisionismo, senão como inspirador direto da formulação conhecida como "teoria do colapso" e conseqüentemente, de toda a "ortodoxia" que nela se baseou. Vejamos o que ele diz:

(21) Engels cit. por Nejt (Op.Cit., p. 158/159).

(22) Intellettuale, teoria e partito nel marxismo della seconda internazionale: aspetti e problemi. Incluído como introdução à edição italiana de Der Sozialismus und die intellektuellen, de Marx Adler (orig., Viena 1910, trad., it. Bari, De Donato, 1974, trad. esp., México, Siglo XXI, 1980, p.21).

"Fêz-se muito escândalo ao redor da questão de se as expressões do 'velho' Engels na introdução escrita em 1895 ao livro de Marx, AS LUTAS DE CLASSE EM FRANÇA, continham o abandono de uma parte dos princípios revolucionários do marxismo original. Pode-se formular esta pergunta com muito mais razão em relação a certas expressões de Engels no prólogo à primeira edição alemã da MISÉRIA DA FILOSOFIA, de 1884 e numa nota de pé de página do terceiro tomo do CAPITAL, de 1894. Aqui fala-se de uma recente alteração no caráter do ciclo da indústria moderna em virtude da qual 'a maior parte dos antigos focos de crises e de ocasiões para formação de crises tenham sido eliminados ou poderosamente debilitados. Naturalmente, é possível que estas expressões de Engels hajam formado o primeiro ponto de referência ideológica para a teoria sustentada ao final do século, aparentemente, apenas pelo revisionismo de Bernstein (...). Certamente, Friedrich Engels achava-se muito distante deste tipo de conclusões, ele ao contrário identificava a substituição referida do ciclo decenal verificado até aquele momento por 'uma nova forma de compensação', como 'uma transição à 'estagnação crônica como estado normal da indústria moderna'. Com isto Engels não só converteu-se no criador direto da anteriormente discutida teoria das crises do programa de Erfurt de 1891, senão que também no fundador de toda a charlatanice, acerca da chamada 'crise mortal', a qual, como a despreveram no Congresso de Erfurt, Wilhem Liebknecht e mais tarde, Cunow, Kautsky e muitos outros, deveria mostrar com 'férrea lógica' à 'uma catástrofe, ao próprio fim do mundo; que seria inevitável'." (23)

Confrontando as linhas de argumentação de Colletti-Paggi e Korsch, podemos, pois, formular uma intrigante questão: seria Engels a "fonte originária do revisionismo" ou contrariamente o "verdadeiro pai da ortodoxia"? Tendo visto em termos gerais as idéias do seu "Testamento Político", voltamo-nos agora para os últimos escritos, entre os quais os aludidos por Korsch, - que chamamos de seu Testamento Econômico.

(23) "Ube einige grundsatzliche voraussetzungen für eine materialistische diskussion der krisentheorie", Proletarie, fev.1933, (trad. esp., in: Cuadernos pasado y presente n°78. Korsch, Mattick, Panekoeck, Derrumbe del capitalismo o sujeto revolucionário? México, Siglo XXI, 127-128, 1978, donde citamos).

Na introdução à MISÉRIA DA FILOSOFIA de Marx, escrita em 1884, Engels observa que:

"Segundo as leis da economia burguesa, a maior parte do produto não pertence aos trabalhadores responsáveis pela sua criação. Quando dizemos que isto é injusto, que não deve ocorrer, esta afirmação nada tem que ver com a economia política. Não dizemos senão que este fato acha-se em contradição com o nosso senso moral. Por isto, Marx jamais baseou suas reivindicações comunistas em argumentos desta espécie, senão no desmoronamento inevitável do modo de produção capitalista, desmoronamento que adquire a nossos olhos, a cada dia, proporções mais vastas." (24)

Ao que acrescenta numa nota:

"Desde que a Inglaterra perde cada vez mais o monopólio do mercado mundial por causa da participação da França, da Alemanha e, sobretudo, da América no comércio internacional, uma nova forma de equilíbrio parece querer estabelecer-se. O período de prosperidade geral - que precede as crises nem sempre aparecerá, e isto ocorrendo, uma estagnação crônica com ligeiras flutuações tornar-se-á o estado normal da indústria moderna." (25)

Em 1886, na introdução à edição inglesa do primeiro volume do CAPITAL, o tema é retomado:

"A indústria estrangeira - escreve Engels - que se desenvolve rapidamente, desafia a produção inglesa por toda parte, não só em mercados defendidos por tarifas aduaneiras, mas também em mercados neutros, até mesmo deste lado do canal. Enquanto a força produtiva cresce em progressão geométrica, a expansão dos mercados cresce, na melhor das hipóteses, em progressão aritmética. O ciclo decenal de estagnação, prosperidade, superprodução e crise, que se repetiu sempre de 1825 à 1867, parece ter-se esgotado, mas só para deixar-nos aterrisar no lodçal desesperador de uma depressão crônica e duradoura (...) quase podemos calcular o momento em que os desempregados vão perder a paciência e tomar seu destino em suas próprias mãos." (26)

(24) Engels Op.Cit. (México, Siglo XXI, 1975), p.198.

(25) Engels Op.Cit. (Lisboa, Estampa 1978), p.22-23, nota 1.

(26) Engels Op.Cit. (Os Economistas. São Paulo, Abril, v.1, 1983, p.33).

Oito anos mais tarde, nas anotações adicionadas aos es
critos de Marx editados como terceiro volume do CAPITAL, Engels ar
gui:

"Depois de escritas estas linhas (1865), aguçou-se consideravelmente a concorrência no mercado mundial em virtude do desenvolvimento rápido da indústria em todos os países civilizados, em particular na América e na Alemanha. Hoje, impõe-se cada vez mais à consciência dos capitalistas a circunstância de que as forças produtivas modernas, em crescimento veloz e gigantesco ultrapassam cada dia mais o domínio das leis capitalistas relativas à troca de mercadorias, dentro das quais deveriam mo
ver-se." (27)

Estas passagens irão fazer discípulos. Sugerindo a possibilidade da supressão do movimento cíclico tradicional segundo o qual se movera até então o modo de produção capitalista, Engels parece dar uma reorientação no pensamento de Marx. (28) A alteração da periodicidade do ciclo é por ele vista como sendo reflexo de uma mutação no sistema capitalista, de uma nova etapa onde as contradições que lhe são inerentes já se vão tornando maiores do que a sua capacidade de superá-las, ou mesmo, resolvê-las temporariamente. Consoante esta visão, os anos de Grande Depressão (1873-96) são tomados por Engels como a nova realidade de um longo período de estagnação, de prostração do desenvolvimento econômico. As crises periódicas teriam, a partir daí, dado lugar a um período crítico, caracterizado pela ação inexorável de uma relação "malthusiana da produção com os mercados" - cujos resultados mais visíveis seriam a superprodução crônica e a disrupção progressiva da ordem capitalista.

(27) Engels Op.Cit. (Civilização Brasileira, 1974) v.4, l.3, p.134.

(28) A observação é de Richard Day; cf. The crisis and the crash; soviet studies of the west (1917-1939), Londres, New Left Books, 1981, cap.1, p.13.

Vale a pena anotar que, quiçã, seja este o berço de toda uma família de interpretações. Substituindo as observações de Marx acerca do ciclo econômico por uma tese da superprodução crônica e sugerindo para ela uma interpretação subconsumista, Engels irá autorizar a abertura de uma larga avenida no marxismo; os temas da "depressão secular" e da expansão do capitalismo para novas regiões como seu resultado necessário (o "imperialismo") tornar-se-iam argumentos-chave para toda uma vertente do pensamento pós-Marx. Comentando esta mesma questão, R. Day, na sua recente e original investigação, observa que:

"Sancionada pela autoridade de Engels, a idéia de superprodução crônica logo tornou-se um tema privilegiado em escritos marxistas posteriores, culminando com a obra de Rosa Luxemburg." (29)

Na realidade - pensamos - é possível arguir que a influência desta interpretação ultrapassa em muito quer a "obra de Luxemburg" quer o período onde foi escrita. O próprio Day aliás reconhece este fato ao longo de seu estudo. Comentando a apreciação feita por Eugen Varga sobre a crise do pós-guerra de 1920-21, ele observa:

"Varga não viu nenhuma razão para rever a previsão feita por Engels há mais de vinte e cinco anos atrás. Parafraseando suas notas ao Capital ele previu: 'esta intensa crise assumirá um caráter crônico que somente será interrompido de tempos em tempos por fracas retomadas in the economic curve'." (30)

Em 1945, iniciando uma apreciação sobre o período 1873-96, Maurice Dobb, no seu clássico, Studies in the development of Capitalism escrevia as seguintes observações:

(29) Op.Cit., p.14.

(30) Varga cit. por Day (Op.Cit., p.61).

"O que se tornou conhecido como a Grande Depressão iniciada em 1873, interrompida por surtos de recuperação em 1880 e 1888, e recomeçada em meados da década de 1890, passou a ser encarada como um divisor de águas entre dois estágios do capitalismo: aquele inicial e vigoroso, próspero e cheio de otimismo aventureiro, e o posterior, mais embaraçado e, diriam alguns, mostrando já as marcas da senilidade e decadência." (31)

Vinte e um anos mais tarde, os dois famosos economistas norte-americanos Paul Baran e Paul Sweezy, numa obra hoje também clássica, se encarregaram de reeditar, mais uma vez, esta mesma tese:

"Se os efeitos depressivos do crescimento do monopólio tivessem funcionado sem controle, a economia dos Estados Unidos teria entrado num período de estagnação muito antes do fim do século XIX e seria improvável a sobrevivência do capitalismo na segunda metade do século XX. Que estímulos externos poderosos barraram, então, esses efeitos depressivos e possibilitaram o rápido crescimento econômico durante as últimas décadas do século XIX e com significativas interrupções, durante os primeiros dois terços deste século?" (32)

Não nos deixemos, entretanto, desviar demasiado do nosso propósito; para nos conservarmos dentro dos limites deste estudo, retornemos às repercussões imediatas destas "teses" de Engels. Sua influência pode ser plenamente percebida no programado partido social-democrata alemão sancionado pelo Congresso de Erfurt, em 1891. Em tal programa, que substituiu o anterior adotado em Gotha em 1875, pode-se ler os seguintes parágrafos:

(31) Routledge e Kegan Paul, Londres 1963 (orig. 1945, trad. port. Zahar, 1980, p. 300). É ilustrativo a este respeito, que Dobb, numa rápida alusão ao trabalho de Schumpeter publicado em 1942, tenha escrito que: "Existe um motivo especial para acharmos que o tipo de era dourada do capitalismo por nós descrita até aqui (Dobb refere-se ao período 1780-1870. LBC), no entanto, deverá ser transitória. Tal motivo acha-se ligado à natureza essencial do que queremos dizer por investimento em equipamento produtivo: o fato simples de que cada ato de investimento deixa o estoque de equipamento produtivo maior do que era antes" (Dobb, Op. Cit., p. 299).

(32) Monopoly Capital, NY, Monthly Review Press, 1966 (trad. port., Zahar, 1974, cap. 8, p. 219).

"É cada vez maior o número de proletários e cada vez mais massivo o exército de trabalhadores excedentes, cada vez mais abrupto o enfrentamento entre exploradores e explorados, cada vez mais amarga a luta de classes entre a burguesia e o proletariado, que dividiu a sociedade moderna em dois campos antagônicos e que é um traço comum a todos os países industriais." (33)

"O abismo que se abre entre possuidores e despossuídos amplia-se ainda mais através das crises fundadas na natureza mesmo do modo de produção capitalista, e que são cada vez mais amplas e devastadoras." (34)

Karl Kautsky, um dos relatores do programa - junto com Bernstein - adiciona, no seu "comentário", as seguintes observações aos parágrafos transcritos:

"Consideramos o colapso (Zusammenbruchs) da sociedade atual como inevitável porque sabemos que o desenvolvimento econômico produz naturalmente condições que obrigam aos explorados a combater contra a propriedade privada, incrementam o número e a força dos exploradores interessados na manutenção da ordem atual das coisas e finalmente, produzem uma situação insuportável para a massa da população que somente deixou à ela a opção entre o embrutecimento inerte ou a destruição do sistema de propriedade existente."

As quais agregava algumas linhas à frente:

"A sociedade capitalista já iniciou o seu colapso; sua dissolução é tão somente questão de tempo; o impetuoso desenvolvimento econômico produz como uma necessidade natural, a bancarrota do modo de produção capitalista." (35)

Não nos pareceria destituída de razão uma opinião que identificasse como ponto de partida teórico de tais formulações, o

(33) Das Erfurter Programm 1891 (trad. port., in apêndice à K. Kautsky. Programa Socialista. São Paulo, Editorial Paulista, s.d., p.282).

(34) Ibidem.

(35) Kautsky cit. por Colletti (Op. Cit., p.85).

chamado "Testamento Econômico de Engels". Em tempo: Kautsky na sua réplica ao ataque que lhe seria dirigido por Bernstein mostrar-se-á muito menos explícito acerca de sua concepção sobre o colapso do sistema. (36)

De volta à Engels, encontramos-nos ao avaliá-lo, frente a uma peculiar situação: seus últimos escritos parecem autorizar tanto o juízo formulado por Colletti-Paggi quanto o adotado por Korsch-Day. (37) Em grande medida, poder-se-ia argumentar, isto seria produto de uma dissincronia entre seus "testamentos" político e econômico. Concordando em parte com isto, devemos no entanto acrescentar que pelo menos numa longa nota, redatada para atualizar a análise de Marx contida no terceiro volume do Capital e relativa portanto à seus últimos escritos econômicos, Engels considerava elementos capazes de inspirar (como de fato o fizeram) simultaneamente o "revisionismo" de Bernstein e a "ortodoxia" de Cunow e Rosa Luxemburg. Vejamos o que ele diz:

"Conforme já observei, houve alteração no ciclo depois da última grande crise geral. A forma aguda do processo periódico com seu ciclo decenal parece ter cedido à intermitência - mais crônica, mais extensa, repartindo-se pelos diversos países em tempos diferentes - de melhoria nos negócios relativamente curto e débil e de depressão relativamente longa onde não se entrevê uma decisão. Mas, talvez o ciclo tenha somente se alongado. Na fase infantil do mercado internacional, de 1815 à 1847, evidenciam-se os ciclos de cerca de 5 anos, de 1847 à 1867. O ciclo é decididamente de dez anos, estaríamos no período preparatório de um novo craque mundial, de violência inédita? Os indícios são fortes. Depois da crise geral de 1867 sobrevieram grandes modificações. Na realidade foi

(36) Cf. Bernstein und das Sozialdemokratische Programm, Eine An-
tekritik. Stuttgart 1899 (trad. esp. Barcelona, Fontamara, 1975,
Parte II, seção B).

(37) Para uma avaliação diversa, ver por exemplo Vernon L. Lidtke
"revisionism", ensaio redigido para a enciclopédia Marxism,
Communism and the western society. NY, Herder e Herder, 1972.

a expansão colossal dos meios de transportes e comunicação - navios a vapor, ferrovias, telégrafo e elétrico, canal de Suez - que estruturou o mercado mundial. Vários países industriais surgiram ao lado da Inglaterra, que antes monopolizava a indústria; em todas as partes do mundo abriram-se mais vastos e mais diversificados territórios à aplicação do capital europeu excedente, que deste modo se reparte mais amplamente, superando com mais facilidade os excessos de especulação local. Todos estes fatores suprimiram ou enfraqueceram bastante, na maior parte, os antigos focos e as conjunturas responsáveis pelas crises. Ademais, a concorrência retrocede no mercado interno diante dos trustes e cartéis, enquanto se restringe no mercado externo pela proteção aduaneira com que se cercam todos os grandes países industriais, exceto a Inglaterra. Mas, as muralhas de proteção aduaneira são apenas armaduras para a última batalha internacional da indústria, que decidirá o domínio do mercado mundial. Assim, todo fator que se opõe à repetição das velhas crises traz consigo o germe da crise futura muito mais violenta." (38)

Ambígua passagem! Ela é por isto mesma, a nosso juízo, fundamental pois sintetiza de modo exemplar as contradições do "último Engels".

3. ENGELS X LEI DE TENDÊNCIA X MARX

Chegados a este ponto somos levados, quase que "naturalmente", a uma intrigante questão: ao formular sua prognose acerca da proximidade do "desmoronamento inevitável" da ordem capitalista Engels evitou cuidadosamente qualquer referência à tese da tendência à queda na taxa de lucro, por efeito da elevação na composição orgânica do capital; lei esta anunciada co

(38) Engels, Op.Cit. (ed. Civilização Brasileira) L.3, v.5, p.562.

mo se sabe, por Marx como constituindo "... a lei mais importante da economia política moderna" e utilizada justamente para caracterizar "The most striking form in which advice is given capital to be gone and to give room to a higher state of social production". (39)

Sendo assim, por que - é necessário perguntar - teria Engels agido desta forma? A resposta não pode ser conclusiva, mas, parece residir na existência de sérias reservas por parte de Engels quanto à aceitação deste componente do edifício teórico de Marx.

É sabido que entre os Grundrisse e o Capital há uma significativa mudança de atitude por parte de Marx com relação a ênfase conferida à supracitada "lei": no segundo texto, Marx trata com muito mais respeito as chamadas "causas contrarrestantes da ação da lei". O que, entretanto, talvez não seja tão conhecido é que - como nos mostrou Jerrold Seigel - tal mudança de ênfase tenha ocorrido mais por conta do trabalho de Engels como editor, do que propriamente por causa de uma modificação no pensamento de Marx. (40) Segundo Seigel -, que consultou os manuscritos originais de Marx, arquivados na Biblioteca do Instituto Internacional de História Social de Amsterdam, o texto publicado como seção terceira do terceiro volume do Capital - aquele que trata da referida "lei" - discrepa significativamente do texto originalmente escrito por Marx.

(39) Cf. Grundrisse der Kritik des politischen Ökonomie. 1857-58. Berlin, Dietz Verlag, 1953. (trad. esp., México, Siglo XXI, 1977, Vol. II, p. 281-282).

(40) Cf. seu brilhante e erudito trabalho (lamentavelmente pouco conhecido) Marx's Fate, The Shape of a Life. New Jersey, Princeton Univ. Press., 1978, especialmente o capítulo I. Para as diferenças, neste ponto, entre os "Grundrisse" e o Capital, ver p. 336-339.

"Engels - observa Seigel -, in editing volume three after Marx's death, made some significant changes which he did not reveal, and which make Marx's meaning even less clear than it ought to be".(41)

Ao que, aduz:

"In the case of Part III, Engels did not merely create the chapter divisions and provide the titles. In order to divide the manuscript in the way he did, he shifted some of Marx's pages to a different place in the text. The result was to alter the focus and balance of Marx's argument."(42)

Pois bem, o núcleo desta alteração foi justamente uma operação destinada a reduzir a convicção demonstrada por Marx, no original, na validade da ação da "lei". Segundo Seigel, algumas das páginas onde Marx advoga decididamente em favor da validade do seu argumento e que aparecem, no texto publicado, antes do capítulo relativo às "causas contrarrestantes" figuram no original, depois dele.

"Engels separated the discussion of counteracting influences from the recapitulation of the law with which Marx had followed it, thus, giving the factors working against the law a more independent place in the argument than Marx had. In this way Engels made Marx's confidence in the actual operation of the profit law seem weaker than Marx's manuscript indicated it to be."(43)

Sua conclusão não pode deixar de impressionar:

(41) Cf. Op. Cit., p. 339.

(42) Ibidem.

(43) Ibidem. "Only by moving - prossegue Seigel na página seguinte - the pages that contained this recapitulation of Marx's argument from their place following the section (made by Engels into a separate chapter) on "counteracting influences" into the earlier chapter called "The law as such", could Engels make the title he gave to chapter 15, "Exposition of the Internal Contradictions of the Law" plausible.

"Marx never referred to internal contradictions in the profit law. When he spoke of contradictions in this section, they were contradictions within capitalism, not in his law about its fundamental direction." (44)

Assim sendo, somos tentados, seguindo Seigel, a interpretar a "reforma editorial" realizada por Engels como um reflexo de suas reservas quanto à validade da "lei" descoberta por Marx. Tal interpretação pode ademais ser reforçada, com argumentos do próprio Engels. Seu pensamento acerca desta questão não é difícil de recuperar; ele se encontra no único capítulo inteiramente escrito por sua pena para a edição do terceiro volume do Capital - o quarto capítulo da primeira parte, titulado "a rotação e a taxa de lucro". Neste capítulo, como observou Seigel, Engels "made clear his view that technical improvements in modern industry did not in general lead to a fall in the profit rate, as Marx theorized, but instead to a rise in it". (45) Com efeito, Engels ao referir-se à relação existente entre produtividade do trabalho e movimento de taxa de lucro, assim se expressou:

"O principal meio para diminuir o tempo de produção é aumentar a produtividade do trabalho, o que se chama geralmente progresso industrial. Se isto não ocasiona simultaneamente um reforço significativo do desembolso global de capital, mediante a aquisição de maquinaria cara, etc..., e, conseqüentemente, uma queda da taxa de lucro calculada em relação ao capital global, então esta última tem de elevar-se. E esse é, decididamente, o caso em muitos dos mais recentes progressos da metalurgia e da indústria química. Os recém-descobertos processos de produção do ferro e do aço de Bessemer, Siemens, Gilchrist-Thomas, entre outros, reduzem a um mínimo, com custos relativamente pequenos, proces

(44) Ibidem. Para maiores detalhes sobre o trabalho de Engels como "Editor", Cf. p. 340-346.

(45) Cf. Op. Cit. p. 343.

so antes altamente demorados." (46) "A preparação da Alizarina ou da Ribiacina a partir do alcatrão de hulha - continua Engels - alcança em poucas semanas e com as instalações fabris já em uso o mesmo resultado que antes exigia anos..."

Referindo-se em seguida aos fenômenos incidentes sobre a velocidade da rotação do capital (cuja relação com a taxa de lucro é - coeteris paribus - diretamente proporcional) Engels assim o coloca:

"O principal meio para reduzir o tempo de rotação é o aperfeiçoamento das comunicações. E estes últimos 50 anos testemunharam uma revolução que só pode ser comparada com a Revolução Industrial da segunda metade do século passado." (47)

Para os nossos propósitos, não necessitamos seguir insistindo. Tratem-se pois de sumarizar o argumento: o que Engels, um sensível observador da realidade (48), parecia estar recolhendo do "terremoto tecnológico" que se desenvolvia à seu redor era a percepção de um fenômeno para o qual Marx havia prestado escassa atenção. O fato de que algumas importantes inovações não somente não elevam a composição orgânica do capital, deixando-a constante, mas até são capazes de reduzi-la significativamente, não obstante os gigantescos aumentos de produtividade que trazem consigo. Nestas circunstâncias, utilizando mais uma vez as palavras de Seigel, "o mecanismo que Marx identificou como estando na base da queda na taxa de lucro tornava-se simplesmente inoperante." (49)

(46) Capital, v.3, Pte.1, cap.IV, p.55.

(47) Op.Cit., p.56.

(48) Cf. a este respeito, as observações de Perry Anderson no seu trabalho Lineages of the Absolutist State. London: New Left Book, 1974. (trad. esp. México, Siglo XXI, 1979, p.17-18, nota 12).

(49) Seigel. Op. Cit., p.344.

Assim sendo, se o que precede estiver correto, então, deixa de surpreender tanto o fato de que Engels nas suas notas supracitadas, referidas como constituindo seu "Testamento Econômico", tenha evitado qualquer menção à lei em cuja elaboração Marx havia gasto tanto tempo e sobre a qual havia escrito nove dos onze manuscritos arquivados, como já foi mencionado - no Instituto Internacional de História Social de Amsterdã, relativos ao terceiro volume do Capital. (50) Ele, não obstante, não poderia deixar de legar ao Marxismo - dado o clima intelectual da época - um argumento supostamente irrefutável, aliás "científico", acerca do destino, da nêmesis para sermos mais exatos - do capitalismo. O retorno a Malthus parece ter sido a resposta...

Todo o anterior nos convida a concluir com a seguinte idéia: no "último Engels" estão já claramente delineados os contornos daquilo que se chamará, mais tarde, de "Crise do Marxismo". Mais que isto: a nosso juízo, o desenvolvimento mesmo do marxismo deveria ser apreciado, em grande medida, como um florescimento das idéias contidas nestes dois troncos analíticos sugeridos pelos escritos teóricos deste pensador.

Vivendo - como um personagem de Musil - numa época onde "não era fácil distinguir claramente... o que avançava e o que

(50) Cf. Seigel Op.Cit., p.346. Engels ao que parece - mencionamos apenas de passagem - preocupava-se profundamente também, como se depreende de sua correspondência com Sombart e Conrad Schmidht, com o problema da relação valores-preços em Marx. É bem possível que este tenha sido um segundo forte motivo para que, como nos adverte sugestivamente Bo Gustafsson, "os meses que segundo as palavras de Engels, no prólogo ao segundo volume do CAPITAL, deveriam transcorrer até a publicação do terceiro volume tenham-se convertido em nove anos". (Op.Cit.p.67). Para um exame das discussões de Engels com Sombart e Schmidht ver, de Gustafsson, o capítulo 2 especialmente p.68-80.

retrocedia", (51) captando as metamorfoses que se produziam à sua volta, mas, todavia, comprimido pela necessidade de fornecer uma prova rigorosa da impossibilidade da perpetuação do desenvolvimento capitalista, Engels tornar-se-ia o berço tanto daquilo que seria afirmado quanto do que seria negado pelo "re-visionismo". Ele, no entanto, não estava sozinho nestas suas dúvidas quanto à exatidão da análise de Marx (e da sua própria) : para ficarmos num único, a nosso juízo, o mais importante, exemplo disto, basta assinalar que no mesmo ano em que editava o terceiro volume d'o CAPITAL, antes mesmo do "ataque" desfechado por Bernstein portanto, vinha a luz, na longínqua São Petersburgo, Promyshlennye Krisiy v Sovremennoi Anglii ikl prichiny i vliianil na Narodnuiv Zhizn, (52) trabalho publicado pelo então obscuro economista russo Mikhail Ivanovitch Tugan-Baranovsky, cujo conteúdo ia muito além de uma crítica ao "marxismo estabelecido" e sobre o qual logo iremos falar longamente.

Tempos carregados... mas também, como veremos em seguida, criativos...

(51) Cf. DER MANN OHNE EIGENSCHAFTEN, 1930-1942 (VERLAG 1952, trad. port., Lisboa, Livros do Brasil, s/d, p.12) a referência, a propósito, é a respeito do período pré-1ª Grande Guerra.

(52) AS CRISES INDUSTRIAIS NA INGLATERRA CONTEMPORÂNEA, SUAS CAUSAS E SUA INFLUÊNCIA SOBRE A VIDA DA NAÇÃO. (São Petersburgo: I.N. Skorokhodova, 1894; trad. alem. Gustav Fischer, Jena, 1901, trad. francesa Giard e Brière, Paris, 1913; trad. esp. parcial - in Lucio Colletti e Claudio Napoleoni eds Il futuro del capitalismo. Crollo o sviluppo? Bari, Gius Laterza 1970 (trad. esp. 2 vols., México, Siglo XXI, 1978). Na realidade, alguns destes temas já começam a despontar na obra de Conrad Schmidt; Die Druschnittsprofitrate out grundlage des Marx'schen Wertgesetzes (Stuttgart 1889), aparecendo também na resenha crítica de Sombart ao terceiro volume do CAPITAL ("Zur Kritik des ökonomischen systems von Karl Marx", Archiv fur Soziologie Gesetzgebung und Statistik vol.7) publicada no mesmo ano de 1894. Seria interessante incluí-los em nosso estudo mas, lamentavelmente não pudemos dispor de seus textos. Não obstante, pode-se saber algo acerca de suas opiniões: sobre Schmidt veja-se o ensaio de Bernard Bernier incluído no primeiro volume da edição espanhola de Storia del Marxismo Contemporaneo (orig. Milano, Feltrinelli, 1974, trad. esp. Barcelona, Avance, 1976) e sobre Sombart, a seção b do segundo capítulo da obra de Gustafsson supracitada.

CAPÍTULO II

EDUARD BERNSTEIN OU...A PROVA DA HISTÓRIA

1. INTRODUÇÃO

A data (1895.03.06) da publicação do escrito de Engels acima referido como seu "testamento político" assinala, como se disse, um momento crítico no desenvolvimento do marxismo. No partido social-democrata alemão, as posições de Vollmar e outros sobre a questão agrária provocavam acaloradas discussões e configuravam já os "primeiros e intensos prenúncios da emergência de uma corrente revisionista". (1) Em Berlim, vinha à luz no ano seguinte, a primeira crítica neoclássica séria da obra de Marx. (2)

(1) Massimo L. Salvatori "Kautsky entre o revisionismo e a ortodoxia" in Storia del Marxismo (ed. cit., Vol. 2, pte. 1, p. 317). Para um resumo das discussões anteriores ao "Bernstein-debate", sobre a questão agrária dentro do SPD pode-se consultar, no mesmo volume, o ensaio de Iring Fetscher "Bernstein e o desafio à Ortodoxia". A este mesmo propósito, veja-se também a longa introdução de Giulliano Procacci à Die Agrarfrage de Kautsky, incluída na edição em língua espanhola da obra por Siglo XXI, México, 1974.

(2) Referimo-nos naturalmente ao longo ensaio de E. Böhm-Bawerk "Zum Abschluss des Marxschen System" Berlim 1896 (o qual é um desenvolvimento de suas reflexões de 1884 contidos em Kapital kapitalzins, 2 vol., Innsbruck, 1884-89).

Em Londres, Vera Zasulich "observadora sagaz, pouco dada à enganos" (3) informava a seus companheiros do grupo Emancipação do Trabalho que via na Inglaterra, uma situação totalmente desencorajadora para os socialistas. Na Rússia dos Tzares, as questões relativas ao futuro do (incipiente) capitalismo nativo, bem como, da estratégia mais adequada à passagem para o socialismo opunham não somente marxistas à populistas, mas, dividiam o próprio marxismo, gerando um conjunto de polêmicas que, em vários aspectos, antecipavam o grande debate alemão em vias de se travar. (4)

A tensão acima referida prenunciava um autêntico "estado de guerra". Esta viria a eclodir poucos meses após o desaparecimento de Engels (ocorrido no mesmo ano de 1895). Coube a sua deflagração à Eduard Bernstein, então um dos mais importantes membros da social-democracia alemã e discípulo dileto do próprio Engels. (5) O estopim foi sem dúvida a série de artigos que principia a publicar na revista teórica oficial do Partido - "Die Neue Zeit" - adequadamente titulada de "Probleme des sozialismus". (6) Nesta série, publicada a partir de 1896 e várias vezes interrompida - "pelas ásperas reações que ia suscitando" -, (7) Bernstein "apresenta abertamente a exigência de submeter à revisão a análise de Marx (e do próprio Engels. LBC) sobre o capitalismo". (8) Em consequên

(3) Cf. Samuel Baron, Plekhanov: The father of russian marxism, Stanford 1963 (trad. esp. Siglo XXI, México 1976, p.227).

(4) Cf. por exemplo Bo Gustafsson, op.cit., cap.7, ou, os ensaios de Andrzej Walicki e Vittorio Strada para o segundo volume da Storia del Marxismo supracitada (trad. port. Vol.3).

(5) Para uma detalhada exposição sobre as relações de Bernstein com Engels, ver Peter Gay, The Dilemma of Democratic Socialism, Collins Books, New York 1962 (Orig. Columbia Univ. Press. 1952) Cap.3.

(6) Stuttgart, 1896-1898 (trad. cap. Siglo XXI, México 1982).

(7) Lucio Colletti, nota editorial ao texto de Bernstein incluído em L. Colletti e C. Napoleoni eds. Il futuro del Capitalismo. Crollo o sviluppo? (trad. cit. p.143).

(8) Salvatori (in) Op. Cit., p.317.

cia da significativa polêmica que iam provocando suas teses, Bernstein vê-se compelido a precisá-las e a desenvolvê-las. (9) Ele o faz entre 1898 e 1899 e o resultado aparece em março deste último ano sob a forma de um livro seu famoso, embora pouquíssimo lido, Die Voraussetzungen des sozialismus und die aufgaben des sozialdemokratie. (10)

O argumento central desenvolvido por Bernstein era que, sem excluir possíveis crises conjunturais, a sociedade capitalista havia adquirido, justamente ao longo do período nomeado como a "Grande Depressão", elementos capazes de estabilizá-la; isto é, instrumentos capazes de impedir o prosseguimento do avanço em direção ao "colapso".

Em suma, que o sistema se havia, em uma palavra, fortalecido. Frontalmente contrário às teses do Programa de Erfurt, este argumento de Bernstein encaixava-se, no entanto, admiravelmente bem em uma das vertentes contidas nos escritos de Engels. Segundo ele, com esta mudança nos "pressupostos do socialismo", dever-se-iam alterar também as próprias "tarefas da social-democracia", isto é, tanto a concepção marxista original de tomada do poder, quanto seu modelo de revolução. Se Engels falara em "mudança de tática", Bernstein propunha muito mais do que isto; um questionamento global. Nas palavras de George Lichteim... "o repúdio de toda a análise contida no Programa de Erfurt". (11)

(9) Sobre a polêmica suscitada pelo aparecimento dos artigos ver Gay op.cit., cap.9; e também o ensaio de Christian Gneuss in Leopold Labedz (ed) Revisionism; essays on the History of Marxist Ideas, London, George Allen e Unwin, 1962 (trad. esp. Instituto de Estudios Políticos, Madrid 1968).

(10) Os Pressupostos do socialismo e as tarefas da social-democracia (citado pela edição em língua espanhola publicada por Siglo XXI, México 1982). Existe uma edição em língua portuguesa publicada no Brasil por Zahar editores com o título Socialismo Evolucionário (1964). Lamentavelmente, esta edição é, além de muito mal traduzida, incompleta, o que não a recomenda para consulta.

A exposição conclui com uma exortação ao Partido para que "se emancipasse de uma bagagem herdada de 1848 e incapaz de responder às necessidades do momento".(12) Tratava-se, como se percebe, não de uma disputa de ênfase ou detalhe, mas da denúncia de toda uma tradição, teórica e política.

Não se haviam ainda dissipado os primeiros ecos deste ataque, quando vem à luz, em 1901, a primeira edição alemã da obra, acima referida, de Tugan-Baranovsky. Neste livro, através de um exame tanto da história industrial inglesa quanto da teorização elaborada por Marx, Tugan arremetia simultaneamente contra o populismo russo e contra certas teses do marxismo. Mais precisamente, tratava de negar tanto o argumento populista acerca da inviabilidade do capitalismo na Rússia (diagnóstico derivado de sua concepção de crises econômicas, nucleada em torno à mesma "lei malthussiana" da relação entre produção e mercados já sugerida por Engels) quanto o prognóstico fatalista do segundo com relação as possibilidades econômicas do capitalismo em geral. Este decorrente para Tugan, da aceitação de argumentos utilizados pelos populistas, e também, sobretudo na obra do próprio Marx, da eleição da teoria do valor-trabalho como instrumento mor de investigação (com a percepção, dali derivada, de uma vocação auto-destrutiva da ordem econômica fundada no capital).

Com suas colocações, Tugan abria uma avenida teórica convergente com a argumentação elaborada por Bernstein. Se com este (e também, de certa forma, com o próprio Engels) o "marxismo de Marx" era submetido à "crítica da história", com Tugan, este mesmo marxismo tem as suas proposições teóricas nucleares dissecadas e questionadas.

(11) Cf. Marxism. An Historical and Critical Study. Praeger, New York 1961 (trad. esp. anagrama, Barcelona, sd. p. 334).

(12) Cf. a este respeito a excelente discussão levada ao cabo por Colletti (in) Ideologia e sociedade (ed. cit.) p. 76-21.

Com a edição alemã da obra de Tugan, o "revisionismo" recebia uma poderosa argumentação. Isto não passou despercebido ao primeiro "resenhador" deste debate, Henryk Grossmann, que conceberia Tugan como o ... "verdadeiro teórico do revisionismo". (13) A complementaridade entre os dois argumentos seria, aliás, sublinhada, como veremos, pelo próprio Bernstein, no epílogo que agrega ao seu livro em 1920.

As sementes aí lançadas são muito recentemente viriam, como veremos, a florescer completamente. Elas entretanto, estariam presentes em Hilferding e na obra madura de Kautsky. (14) Influenciariam também o austro-marxismo e os pensamentos de Schumpeter e Friedrich Pollock, um dos fundadores da "Escola de Frankfurt". (15)

Isto posto voltemo-nos, para a reconstituição dos principais elementos com que foi realizado este importante, e quase simultâneo ataque ao marxismo, até então, estabelecido.

(13) Cf. seu Das Akkumulations- und zuzammengruchsgesetz des kapitalistischen systems, Leipzig, 1929 (trad. esp. Siglo XXI, México, 1979, p. 391-92 nota 59).

(14) A fundamentação deste juízo encontra-se na segunda parte deste estudo, ainda em fase de elaboração.

(15) Com respeito a Schumpeter cf. nossas observações adiante. A influência sobre o austro-marxismo não está, ao que sabemos, documentada sistematicamente, donde, apenas a leitura das principais obras produzidas pelos seus integrantes (Bauer, Adler, Renner e o próprio Hilferding) permite percebê-lo. Em todo caso, os ensaios de Giacomo Marramao incluídos em Il Político e la trasformazione (ed. cit.) fornecem-nos uma boa pista neste sentido. Quanto a Pollock, ver a antologia de seus escritos editada por Marramao: Teoria e Prassi dell'Economia di Piani, Bari, De Donato, 1973. Ver também E. Greblo "Stato Autoritario e crisi della ragione in M. Horkheimer in Aut-Aut (jan-fev 1982) e Martin Jay. The Dialectical Imagination. Boston, 1973 (trad. esp. Taurus-Madrid 1974, cap. 1).

2. UMA NOVA VISÃO DO DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA

Tratemos de apresentar, em primeiro lugar, o essencial dos argumentos de Bernstein.

O núcleo em torno do qual gira toda a sua construção é, como bem observou Colletti, (16) a crítica à "teoria do colapso", atribuída à Marx, mas também à Engels. Além disto, são também questionados outros importantes tópicos da teorização Marx-Engelsiana (17): do método dialético ao conceito de revolução, das previsões sobre a velocidade e características do processo de concentração capitalista à (excessiva rigidez da) teoria do valor-trabalho; da teoria das classes à conceituação do Estado.

Para efeito desta investigação, é necessário perguntar antes de tudo, o que entendia concretamente Bernstein por "teoria do colapso"? A questão é tão mais pertinente, quando recordamos que por ocasião do Congresso de Erfurt, sob a influência do "Testamento Econômico", de Engels, ia-se estabelecendo como fundamento da tese do colapso, uma segunda "lei de movimento" do capitalismo. Referimo-nos àquela que chamamos de "concepção malthusiana" da relação entre produção e mercados. Atento a esta mudança, Tugan-Baranovsky apontará, corretamente, em seu trabalho

(16) Cf. Ideologia e sociedade, parte 1 cap.2 (ed.cit.p.81).

(17) Para um exame global dos argumentos de Bernstein ver Gay.Op. Cit., livro segundo, caps.4-8.

de 1905, para a existência, de duas teorias do colapso no marxismo. (18)

Bernstein de sua parte, e como nos conta Peter Gay, havia lido o terceiro volume d'O Capital imediatamente após seu aparecimento, em 1894, e dele possuía uma precisa, não obstante crítica, visão. (19) No seu entendimento, o fundamento teórico de onde se poderia retirar a prognose de Marx acerca do destino suicida do capitalismo era justamente o da tendência à queda na taxa de lucro por efeito da elevação da composição orgânica no Capital. Vejamos, nas suas próprias palavras, a percepção que tinha Bernstein deste mecanismo descrito nos três célebres capítulos do volume d'O Capital:

"Para se assegurar de mercado em detrimento de seus concorrentes, (o capitalista) deve tratar de reduzir os custos de produção, coisa que logra, quando não pode reduzir os salários, somente através de um aumento na produtividade do trabalho, isto é, aperfeiçoamentos na maquinaria com redução de força humana de trabalho. Não obstante, quando deixa inativa a força de trabalho, prescinde do trabalho que produz a mais-valia e mata a galinha dos ovos de ouro. Seu efeito é a queda gradual da taxa de lucro que, ainda que possa ser freada, temporariamente através de uma série de circunstâncias contrarrestantes, acaba por sobrevir... O capital mesmo apresenta-se como obstáculo a produção capitalista... Isto não é senão a outra face dos processos que impulsionam a crise de superprodução relativa no mercado ... (e que) se manifesta simultaneamente como superprodução de capitais." (20)

(18) Teoreticheskiya Osnovi Marksizma, São Petersburgo, 1905 (Fundamentos teóricos do Marxismo, trad. alemã também de 1905, trad. esp., Hijos de Reus editores, Madrid 1915 e (parcial) in Colletti e Napoleoni eds. op.cit. (trad. esp. Siglo XXI, México 1978 c/título de El Marxismo y El Derrumbe del Capitalismo, a parte aos cuidados de Colletti e El Futuro del Capitalismo, a organizada por Napoleoni. Em tempo, a edição espanhola é uma "reprodução ampliada" da italiana, para maiores detalhes a respeito das diferenças, ver a "nota editorial" redigida por José Aricó para o volume editado por Colletti). A Tugan dedicamos o terceiro capítulo; ali, alguns dos argumentos contidos no seu trabalho de 1905 são examinados.

(19) Op. Cit., p.180.

(20) Bernstein, Die Voraussetzungen.. (ed.cit., cap.3, p.149-150).

Ao que, aduz:

"Tanto num caso como noutro, as crises criam um equilíbrio temporal. Dá-se uma colossal desvalorização e destruição de capitais, e, sob o influxo da estagnação, uma parte da classe trabalhadora vê-se obrigada a sofrer uma redução salarial... Desta maneira restabelecem-se, durante algum tempo, as condições para novas e rentáveis inversões de capital... pode recomeçar mais uma vez a dança, ainda que, a um nível mais alto da contradição interna que acabamos de descrever." (21)

Este longo trecho parece-nos fundamental, na medida em que os comentadores e críticos de Bernstein não costumam atentar para este ponto de partida da sua reflexão. (22) A percepção que tem ele da ação desta lei "descoberta" por Marx não é, a nosso juízo, muito distinta daquela que o próprio Marx tinha, (23) ou mesmo, da que um marxista tão genuinamente "ortodoxo" como Henryk Grossmann teria. (24)

Bernstein, entretanto, ficou ao que parece muito decepcionado com o terceiro volume d'O Capital. Sua impressão sobre este texto foi, como informa Gay, que expressava "the deep inner struggles of Marx, who had been compelled to acknowledge that capitalism could not be grasped as simply as he had indicated in vo

(21) Ibidem.

(22) Mesmo Colletti, a despeito de sua habitual precisão no que se refere à interpretação dos textos com que lida, descuida deste aspecto do pensamento do autor. Quando se refere ao significado para Bernstein, da expressão "teoria do colapso", ele assim o aponta: "Em substância, o que Bernstein designa com esta teoria não é outra coisa senão o conteúdo do célebre parágrafo do Capital relativo à tendência histórica da acumulação capitalista" (Colletti está, portando, referindo-se ao primeiro volume d'O Capital como constituindo a matriz sobre a qual se constrói a crítica de Bernstein. O texto bernsteiniano que viemos de transcrever não confirma tal interpretação. A fidedignidade para com seu pensamento é aqui, a nosso juízo, fundamental, pelas razões que citaremos a seguir.)

(23) Salvo as dúvidas com que Marx conviveu a seu respeito, tão bem documentadas por Seigel. Cf. Seigel op.cit., cap. 11

(24) Cf. Grossmann op.cit., cap. 2 e "conclusões".

lume I." (25) Mais precisamente, e ainda segundo Gay, o ponto de partida da crítica Bernsteiniana teria sido, como o próprio autor viria a admitir posteriormente, sua insatisfação para com a "solução" dada por Marx à questão da relação entre valor e preço, no terceiro volume do Capital. Ele achou-a "simplificatória" (sobering) e isto o teria levado a questionar a própria teoria do valor-trabalho de Marx, bem como as suas implicações. (26)

Bernstein não questiona no entanto neste momento, a validade do raciocínio de Marx; ele denuncia apenas a sua parcialidade. Em outras palavras, havendo descrito o que entendia como constituindo o núcleo da prognose de Marx sobre o destino do capitalismo, Bernstein se pergunta sobre a sua exatidão:

"Está tudo isto correto? Sim e não. Está correto sobretudo tendencialmente. As forças que descrevemos existem e atuam na direção considerada. Também os processos foram extraídos da realidade. A queda na taxa de lucro é um fato, o aparecimento das crises de superprodução, a periódica destruição de capitais, a concentração e a centralização do capital e o aumento da taxa de mais-valia são todos, fatos reais. Até aqui, não há que objetar nada, em princípio, a esta descrição. Se o panorama não corresponde à realidade, não é porque o que se diz seja falso, mas, porque é incompleto. Marx descuida totalmente, ou, estuda isoladamente os fatores que limitam estas contradições, esquecendo-se deles no momento no qual realiza a síntese, via contraposição, dos fatores referidos." (27)

No que viria a ser a obra de Bernstein, estas palavras constituem, a nosso juízo, os "prolegômena" à compreensão de sua crítica, pois, é partindo desta premissa (a parcialidade de Marx no lidar com a "lei de tendência") que ele estrutura toda a sua argumentação: uma análise do "desenvolvimento econômico da sociedade moderna" (28) onde são privilegiados justamente aqueles fato-

(25) Cf. op. cit., p. 180.

(26) Ibidem.

(27) Bernstein, op. cit., p. 150.

(28) É este o título do terceiro e, a nosso juízo, mais importante capítulo de seu livro.

res capazes de limitar o alcance das contradições assinaladas por Marx e desenvolvidas acriticamente pelo marxismo posterior (incluído ele próprio, até o momento de sua inflexão).

O "ponto de partida" da sua crítica, vale a pena assinalar, é justamente a reconsideração daquele conjunto de fatores mencionados por Engels na sua longa nota, acima referida, (29): a "colossal expansão dos meios de transporte e comunicação", o "surgimento de novos campos para aplicação do capital", os "efeitos dos processos de concentração e cartelização do capital", e as consequências do surgimento das sociedades por ações. Não obstante, a prognose dali derivada divergirá completamente daquela sugerida por Engels. Passemos então, à reconstituição das suas colocações.

Sua primeira objeção dirige-se às conclusões de Marx relativas às análises dos processos de concentração e centralização do capital e de desenvolvimento das sociedades por ações. Havendo-se fixado nos tópicos da "redução do número de magnatas do capital" e do "poder de comando - possibilitado pelo desenvolvimento das sociedades anônimas - sobre massas cada vez maiores de riqueza", diz Bernstein, O argumento de Marx omitia uma terceira e igualmente importante característica: a multiplicação do número de proprietários de títulos, e com ela, o advento de uma relevante modificação no tecido social capitalista: o aparecimento de uma nova camada média - que vinha, a substituir aquela que estava sendo destruída pela concentração do capital - representada pelos possuidores de ações. Por trás dos novos gigantes industriais e financeiros estaria portanto, não a redução relativa da classe capitalista, mas, uma estrutura social que se tornava mais complexa, ao contrário da tendência simplificadora sugere-

(29) Cf. supra, capítulo 1.

rida por Marx. Bernstein trata então de introduzir esta nova classe na sua análise do capitalismo: ele adverte por exemplo, para a influência destas novas camadas médias no processo de absorção (aquisição) de parte do sobreproduto associado à produção capitalista. Nas suas próprias palavras:

"Que fim tem, então, a quantidade de mercadorias que não são consumidas nem pelos magnatas nem pelos seus agregados? Se não chegam aos proletários, devem ser absorvidas por outras classes. Ou uma crescente redução relativa do número de capitalistas e um bem-estar também crescente do proletariado ou, uma nova classe média. Estas são as únicas alternativas que nos concede o progressivo aumento da produção. As crises, os gastos improdutivos com fins militares, etc. trazem muito, mas, ainda assim, atualmente são capazes de absorver algumas funções do sobreproduto global. Se a classe trabalhadora precisasse esperar até que 'O Capital' houvesse feito desaparecer da face da terra as classes médias, teria tempo de dormir uma boa soneca." (30)

Sua conclusão neste sentido é, pois, que "a ação" (o título LBC) reconstrói na escala social os graus intermediários que haviam sido eliminados da indústria, pela concentração nos negócios. (31)

Por outro lado, recolhendo numerosos dados estatísticos relativos à indústria, agricultura e comércio, tanto da Alemanha quanto de outros países, entre os quais Bélgica, França, In-

(30) Bernstein, op.cit., p.154-155. Uma solução alternativa e igualmente fecunda para esta questão dos destinos possíveis do "Sobreproduto Capitalista" será dada, como veremos, por Tugan-Baranovsky. Cf. adiante, cap 3, seção 3.1.

(31) Bernstein op.cit., p.157. Dever-se-ia também aqui sublinhar fato mencionado mas não salientado suficientemente por Bernstein, que uma "segunda" nova camada média - de técnicos e "cientistas" ou engenheiros - estava sendo criada, neste mesmo momento, pelas revoluções que se operavam na eletricidade, etc., e também na administração dos grandes conglomerados industriais e bancários (os white-collar workers sobre os quais tanto falaria a sociologia posterior). Ver a respeito, as considerações desenvolvidas por Andrea Pannacione em seu ensaio sobre Kautsky in: Storia del Marxismo Contemporaneo, ed.cit. v.1, p.25-33. As observações do próprio Bernstein a este respeito encontram-se na seção A do quarto capítulo de seu livro.

glaterra e Estados Unidos, (32) Bernstein sustenta também, que a velocidade dos movimentos de concentração e centralização do capital revelava-se muito inferior àquela prognosticada por Marx:

"Se é certo tanto o progresso incessante da técnica quanto o da centralização das empresas em seu número cada vez maior de ramos industriais, fatos cuja importância apenas alguns reacionários empedernidos podem deixar de admitir, não menos certo é, que em toda uma série de setores industriais, as pequenas e médias empresas mostram, junto com as grandes, uma vitalidade indiscutível. Na indústria não existe uma evolução rumo a um modelo uniformemente válido para todos os setores de fabricação." (33)

Kautsky polemizando com Bernstein, no mesmo ano da publicação do livro deste, contra argumentará apontando para o "sentido figurado" da linguagem de Marx ao lidar com este tema. (34) A questão é, como sabemos, complicada; o desenvolvimento sucessivo do capitalismo parece ter comprovado numa certa medida, ambas as opiniões, isto é, tanto o vigor dos processos de concentração e centralização quanto a persistência e "vitalidade indiscutível" das pequenas e médias empresas. (35) Bernstein todavia, vai, como

(32) Cf. op. cit., cap. 3, especialmente p. 157-168.

(33) Bernstein op. cit., p. 159.

(34) Cf. Bernstein und das Sozialdemokratische Programm, Eine Antekritik. Stuttgart 1899 (trad. esp. donde citamos, Fontamara, Barcelona 1975) onde Kautsky escreve, a respeito da descrição efetuada por Marx dos processos de concentração e centralização do capital, no capítulo 23 do primeiro volume d'O Capital, o seguinte: "Evidentemente que é preciso saber compreender esta descrição lapidar de uma evolução que tarda séculos para se realizar; é preciso perceber que nela há um certo rebuscamento espiritual, sobretudo, quando Marx fala em sentido figurado". (p. 84).

(35) É certo também, que Marx ao mesmo tempo que descreve enfaticamente a velocidade dos processos referidos, faz menção, de passagem à forças atuando na direção oposta: "o aumento dos capitais em funcionamento - diz -, é estorvado pela formação de novos e pela fragmentação dos capitais existentes. Por isso, a acumulação aparece, de um lado, através da concentração crescente dos meios de produção e do comando sobre o trabalho, e, do outro, através da repulsão recíproca de muitos capitais individuais". (Marx, Capital, Vol. 1, ed. Civ. Bras., cap. XXIII p. 727). Não obstante, a ênfase maior da análise de Marx, está, a nosso juízo, na indicação da tendência à eliminação dos pequenos e médios capitais, e não, na da sua recriação.

apontamos acima, além do questionamento da velocidade atribuída por Marx aos processos de concentração e centralização: polemiza também com respeito às suas possibilidades. Para ele, aquela "vitalidade industrial" exibida em numerosos ramos produtivos pelas pequenas e médias empresas, longe de constituir um fenômeno passageiro, é uma característica indissociável do desenvolvimento capitalista. "A consolidação e a renovação das empresas médias e pequenas - diz - está determinada por uma série de circunstâncias que se podem dividir em três grupos." (36) Os três grupos referidos seriam: 1) a complementaridade existente, em numerosos ramos de produção, entre grandes e médias-pequenas empresas, a qual tornaria a existência destas últimas funcional a uma divisão social do trabalho elaborado pelas primeiras; 2) as características técnicas dos processos produtivos relativos à fabricação de numerosos produtos favoreceriam a sua produção em pequenos e médios estabelecimentos ao invés de em grandes plantas; e 3) as tendências para redução dos custos e substituição de mão-de-obra por máquinas, características das grandes empresas, agiriam no sentido de baratear insumos e força de trabalho utilizados pelas pequenas e médias, favorecendo a sua proliferação. Antes de prosseguirmos, uma observação: recentemente autores como, por exemplo, John Blair e David Landes produziram análises convergentes com estas colocações de Bernstein. (37) Este, sobre esse ponto conclui:

"Em linhas gerais, e apesar das contínuas mudanças no agrupamento das indústrias, e, na estrutura interna das empresas, o panorama apresenta hoje as

(36) Bernstein, op.cit., p.160.

(37) Cf. a respeito o longo e extremamente sugestivo artigo de Blair "Technology and Size" publicado na American Economic Review, maio de 1948. De Landes veja-se o quinto capítulo de sua obra citada, especialmente as observações relativas às consequências da penetração da eletricidade no desenvolvimento industrial (ed.cit.p. 304-317).

seguintes características: a grande empresa não absorve continuamente as pequenas e médias, mas, desenvolve-se convivendo com elas. Somente as empresas minúsculas tem tendência à declínios tanto em termos absolutos quanto relativos." (38)

Ao que agrega adiante:

"Se a 'quebra' da sociedade moderna depende do desaparecimento dos elementos que estão entre o vértice e a base da pirâmide social, e, se está condicionada à absorção destes elementos intermediários pelos extremos inferior e superior, então, na Inglaterra, Alemanha e França, o colapso não está hoje mais próxima da sua realização do que esteve em qualquer outro período anterior, no século XIX." (39)

Escrevendo à oitenta e três anos da publicação do livro de Bernstein, cremos ser possível repetir suas palavras. Adiemos, entretanto, para mais tarde as nossas considerações. Em suma: a simplificação do tecido social não ocorreu, o enorme incremento da riqueza social não se fez acompanhar por uma redução do número de "magnatas do capital", o número de proprietários não diminuiu e ainda, as "camadas médias" mudaram de natureza e aspecto, mas, não desapareceram.

Não obstante o anterior, argui Bernstein, a chamada "teoria do colapso" está normalmente associada ao caráter cumulativamente devastador das crises, cujos efeitos "cada vez mais importantes sobre a estrutura social" torná-la-iam progressivamente mais propensa à desintegração. Pois bem, também neste particular, prossegue, é necessária uma séria reavaliação da prognose de Marx. Segundo Bernstein, o capitalismo havia adquirido, desde a

(38) Bernstein op.cit., p.161. Cf. ademais, as penetrantes observações que faz a este respeito, sobre as consequências do surgimento da indústria da eletricidade, no seu texto de 1909 (Incluído como apêndice in op.cit., p. 300-301).

(39) Bernstein op.cit., p.168.

segunda metade do século, mas, fundamentalmente nas suas últimas três décadas, novos traços ou mecanismos capazes de amortecer o impacto das crises, isto é, de torná-las menos devastadoras e, assim fazendo, de "desviar" a marcha do sistema em direção ao colapso. Tais "novos traços", ele também os vai buscar, como já referimos, nas notas redigidas por Engels para complementar o terceiro volume d'O Capital: desenvolvimento vertiginoso dos meios de transporte e comunicação, sofisticação do sistema creditício e cartelização industrial; são estes justamente os elementos capazes de atuar como estabilizadores do capitalismo, conferindo-lhe uma certa capacidade de auto-regulação e permitindo-lhe executar de outras formas o "trabalho necessário" realizado pelas crises no desenrolar do processo de acumulação. O resultado seria um "novo capitalismo", capaz de contestar a validade das previsões anteriormente formuladas por Marx, e reafirmadas pelo Programa de Erfurt.

Os novos meios de transporte e comunicação (ferrovia, navegação à vapor, telégrafo e telefone) teriam verdadeiramente criado o "mercado mundial" e, com ele, novas e abundantes possibilidades de comércio entre as nações capitalistas.

Bernstein desenvolve aqui também um sugestivo ponto de vista. Respondendo às críticas a ele dirigidas por Rosa Luxemburg, (40) a respeito dos chamados "limites para o desenvolvimento do mercado mundial" ele assim argumenta:

(40) Luxemburg numa série de artigos, inicialmente publicados na revista Leipziger Volkszeitung e posteriormente reunidos no volume Sozialreform oder Revolution? (Leipzig, 1899) arremetia violentamente contra os escritos de Bernstein, da série Probleme del sozialismus (ref.cit.). Este, portanto, quando publica o livro, já os tem em conta e polemiza com eles. Luxemburg, por seu turno, agrega aos seus artigos anteriores uma "segunda parte" onde polemiza com o Die Voraussetzungen... de Bernstein. Cf. a respeito na segunda parte do presente trabalho, ainda em elaboração.

"É ainda impossível determinar quando o mercado mundial alcançará seu desenvolvimento integral, além do que, a própria Luxemburg certamente não ignora que existe, ademais da expansão extensiva, também uma expansão intensiva do mercado mundial, e que atualmente esta última tem um peso muito maior do que a primeira."

Ao que, agrega:

"Nas estatísticas de comércio dos grandes países industriais, o papel mais importante é assumido indubitavelmente pelas exportações para os tradicionais importadores. O valor das exportações da Inglaterra para toda a Ásia austral ... não alcança sequer o valor de suas exportações à França; o valor das exportações para as colônias britânicas na América não alcança sequer o valor das exportações para Rússia, e ainda, os dois setores coloniais acima mencionados não conseguem igualar o valor do comércio da Inglaterra com a Alemanha".
(41)

São argumentos sobre os quais refletir. Bernstein antecipava com suas colocações uma linha recorrentemente utilizada para contestar as previsões Luxemburgianas contidas em Die Akkumulation des Kapitals. (42) E mais, arguindo desta forma, ele apontava também para um fato que receberia escassa atenção por parte de seus contemporâneos e sucessores dentro do marxismo, e para o qual recentemente chamou-nos a atenção Perry Anderson: o fato de que a relação capitalista é tipicamente ADITIVA, isto é, que "as partes rivais podem expandir-se e prosperar - ainda que de forma desigual - no processo de mútua confrontação, já que a produção manufaturada de mercadorias é ilimitada por natureza". (43)

Com relação ao tema do desenvolvimento do sistema creditício, a atitude Bernsteiniana é otimista mas cautelosa. Ele percebe no crédito, simultaneamente, aspectos positivos e negati

(41) Bernstein, op.cit., p. 176-177 (ambas as transcrições, Grifomeu).

(42) Berlim, 1913.

(43) Lineages of the Absolutist State (trad.cit.) p.26.

vos, tendendo os primeiros, a seu juízo, a prevalecer - à medida em que vai evoluindo o sistema - sobre os últimos. Como aspectos positivos ele entendia a capacidade do sistema creditício de conferir uma maior flexibilidade ao organismo da produção:

"A superprodução - diz - é uma certa medida, inevitável. Não obstante, uma superprodução em certas indústrias não significa, todavia, uma crise geral. Para se chegar a uma crise deste tipo, é necessário que as indústrias referidas, ou sejam, consumidoras de produtos de outras indústrias numa medida tal que as arrastem consigo com a sua paralisação, ou, que subtraíam às demais, mediante o estancamento do crédito (devido também à paralisação das primeiras. LBC), os meios necessários para que continuem a produção."

"Parece não obstante certo - continua - que quanto mais rico seja um país e mais desenvolvido seu sistema creditício, ... tanto mais improvável se torna aquele último efeito." (44)

Seja-nos permitida aqui uma digressão, embora estejamos diante de um juízo de difícil avaliação, arriscamo-nos a sugerir que esta tenha sido uma atinada percepção de Bernstein: no capitalismo maduro de nossos dias, um dos fatores suavizadores do impacto das crises (responsáveis pela sua não conversão em "depressões") parece ser justamente, a maior "flexibilidade" associada ao desenvolvimento do sistema creditício. Este é porém, é necessário sublinhar, apenas um dos lados do fenômeno em apreço. É bem sabido - Tugan-Baranovski e Hilferding, e mais recentemente, a literatura chamada "Pós-keynesiana" insistirão a respeito (45) - que a ação dos mecanismos creditícios, a despeito de sua sofisticação, (46) é também um relevante elemento de desestabilização do organismo produtivo e, desta forma, um co-determinante das referidas "crise gerais". Bernstein embora não se pro

(44) Bernstein op.cit., p.175.

(45) Sobre as opiniões de Tugan ver adiante. Acerca da literatura pós-keynessiana, ver por exemplo, Hyman P. Minsky. John Maynard Keynes. N.Y.: Columbia University Press, 1975 e também Can "It" Happen Again? N.Y., ME Sharp Inc., 1982.

(46) Por causa dela... diriam alguns.

nuncie enfaticamente a respeito, (47) também reconhece no desenvolvimento do sistema creditício, como mencionamos, aspectos negativos: basicamente, sua tendência de atuar como "meio artificial de favorecimento da superprodução" (48) e a criação de condições propícias ao incremento da especulação.

Tais aspectos negativos tenderiam entretanto, argui, a ser gradativamente minorados. O primeiro, pelo avanço do processo de cartelização, e o último pelo aperfeiçoamento dos meios de comunicação. (49) Quanto ao primeiro ponto (ao qual tornaremos em seguida) Bernstein parece ter tido, em boa parte, razão; quanto ao segundo porém, até prova em contrário, a história permanece ao lado de Marx: a situação atual do capitalismo parece mostrar que na base do incremento do seu potencial especulativo está, além da sofisticação do sistema creditício, justamente o desenvolvimento dos meios de comunicação. (50)

(47) Ele faz contudo, a este respeito, uma observação que vale a pena reproduzir: adverte que a seu ver, a relação entre crises monetária-financeiras e crises "econômicas" (crises na produção bem entendido) não estaria ainda bem estabelecida, para que se pudesse chegar à conclusões definitivas no que tange à relações de causalidade (Cf. op. cit. p. 176). Não obstante o considerável número de trabalhos realizados acerca do tema, desde então, com destaque para o estudo de Hilferding, cremos hoje, ainda pertinente a sua indicação.

(48) Bernstein, op. cit., p. 177.

(49) "(Marx) afirma - escreve Bernstein - que com a extensão dos mercados, os créditos passam a ter seus vencimentos em períodos cada vez mais longos de modo que o elemento especulativo tende a dominar progressivamente suas transações. A revolução nos meios de comunicação que se vem verificando desde então parece ter compensado, neste aspecto, os efeitos (negativos. LBC) das distâncias especiais." (op. cit., p. 175).

(50) Um excelente retrato desta situação nos é dado pelo programa especial preparado pelo Humanities Fund para a TV Norte-Americana chamado The Information Society (1981); o qual está disponível em vídeo nos arquivos do Consulado Norte-Americano no Rio de Janeiro, sob a classificação 81313.

Com respeito ao avanço do movimento de cartelização, Bernstein o percebe como um terceiro fator (ao lado dos outros dois, desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte, e do sistema creditício) potencialmente "estabilizador" do sistema. Funcionaria ele, como elemento atenuador da tendência para a superprodução.

"... a tal avultamento da produção - diz - opõem-se, atualmente, com frequência cada vez maior nos diversos países e também em escala internacional, as associações de empresários que sob a forma de cartel, sindicato ou truste buscam sempre regular a produção." (51)

Luxemburg e Kautsky, entre muitos outros nos quais se incluiria Tugan, arremeteriam contra esta suposta NAIVETÊ Bernsteïniana. (52) Hilferding no entanto, inspirado nas experiências de Rathenau desenvolvê-la-ia entre os anos da guerra e os da república de Weimar sob a rubrica do conceito de "capitalismo organizado". (53) Bernstein todavia destilava, ao que parece, menos otimismo do que soi-lhe atribuir: contraposto ao movimento que lhe foi historicamente correlato, o "retorno ao protecionismo", o processo de cartelização propenderia a assumir, a seu juízo, perigosas dimensões. Assim ele se expressa a seu respeito:

(51) Bernstein, op.cit., p.177 (Grifo meu).

(52) Para as opiniões de Luxemburg, consulte-se seu panfleto Sozial reform oder Revolution? (trad.port.Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1975); as de Kautsky acham-se no seu Bernstein und das Sozialdemokratische Programm (ed.cit.especialmente cap.2 item d). O juízo de Tugan encontra-se, por exemplo, na sua obra de 1894 (Cf.trad.francesa citada p.464 e segs.)

(53) As colocações de Rathenau encontram-se nas suas obras Die Neue Wirtschaft (1917, trad.ital. Torino Einaudi 1976), Die Neue Gesellschaft (1919) e Die Neue Staat (1919). Suas interessantíssimas (e em muitos pontos convergentes com as de Weber e principalmente Hilferding) reflexões só agora, ao que consta, principiam a merecer a devida atenção. Cf. a respeito M.Cacciari "La nuova economia di Walther Rathenau" in Democrazia e Diritto, 1977, p.347-360. Quanto à Hilferding, ver a segunda parte deste trabalho (ainda em processo de elaboração).

"... aqui - diz - não se trata nem de negar os efeitos nocivos do atual protecionismo ...nem de fazer a apologia das associações empresariais. Nunca me ocorreu afirmar que os cartéis sejam a última palavra em relação ao desenvolvimento econômico, ou, que estejam aptos para eliminar definitivamente os antagonismos da realidade econômica moderna. Ainda mais, estou convencido que.... onde os cartéis e os trustes são sustentados e fortalecidos através de tarifas protecionistas... estão destinados a se converterem em fatores de crise, para a indústria em cujo seio nascem e, se não de imediato, em todo caso finalmente, também para o país protegido." (54)

Não obstante agrega:

"O fato de que ao mesmo tempo o cartel possa tornar-se um meio de exploração monopolista está fora de dúvidas mas, do mesmo modo, é indubitável que sua função primária é a de aumentar a eficiência de todos os antídotos tradicionais contra a superprodução. Com muito menos risco que a empresa isolada o cartel pode proceder em períodos de saturação de mercado, a uma temporária limitação da produção ... Negar isto seria negar as vantagens da organização sobre a concorrência anárquica." (55)

Hilferding haverá de utilizar intensamente estas indicações, baseando-lhes inclusive (nos anos vinte) um grau de otimismo que não se encontra nas análises de Bernstein. (56) Para este, embora constituindo isoladamente um fator de disciplinamento (não de supressão, bem entendido) da concorrência intercapitalista, o cartel pode tornar-se oposto ao seu fim originário quando conjugado com a ação de outros elementos. Seria de todo modo, quando muito, um elemento potencialmente contrarrestador do suposto "agravamento das crises" (Erfurt); nunca um "seguro" contra elas. Reportando-se à questão do grau em que os cartéis poderiam exercer uma ação modificadora do caráter e frequência das crises, Bernstein assim se pronuncia:

(54) Bernstein, op.cit., p.180.

(55) Ibidem (Grifo meu).

(56) Ver a respeito a segunda parte deste trabalho.

"Até que ponto podem fazê-lo é, por hora, um problema puramente conjectural já que as experiências de que dispomos não são ainda suficientes para permitir um juízo definitivo a respeito." (57)

O máximo que se arrisca a dizer acerca deste ponto é que "os fenômenos das depressões de caráter parcial e local são inevitáveis, não o é sem embargo, uma paralisação generalizada..." (58) Seu texto não confere, portanto, com a interpretação, tão disseminada, de que Bernstein haveria prognosticado "a supressão das crises no capitalismo". Ele jamais disse isto. Se por outro lado nos voltamos para esta última observação sua sobre a "evitabilidade de uma paralisação geral", somos logo tentados a contrapô-la com "29". O colapso dos anos trinta aparece, a primeira vista, como uma frontal refutação da indicação Bernsteiniana. Não obstante se em seguida tornamos para a atual situação, de crise, do sistema capitalista, ao mesmo tempo que atentamos para a interpretação dos anos trinta de Hilferding (a crise como "produto da guerra") ou de F.Pollock (a "última crise da fase competitiva do sistema"), (59) então, vemo-nos obrigados a evitar uma conclusão. Sobre isto, ainda teremos algo que dizer.

Parece pertinente adicionar aqui a seguinte observação: Bernstein a despeito de bem formado em matéria de teoria econômica, (60) não dá aos seus argumentos feitio ou status de teoria. Ele ao contrário parece pretender atuar, de início pelo menos, como alguém que observa e pensa os fatos. Estes, por sua vez, deveriam ser integrados no corpo do "paradigma teórico" herdado. Se para tal o mesmo necessitasse "reformas", então, elas

(57) Bernstein, op.cit., p.180.

(58) Bernstein, op.cit., p.182.

(59) Ver a respeito G.Marramao Il Politico e le trasformazioni (cit) la. parte, cap.3, G. Enrico Rusconi, La Crisi di Weimar, Einaudi, Torino, 1977, caps. 9 e 14 e F.Pollock, Teoria e Prassi Dell'Economia di Piano, ed.cit. Parte 2.

deveriam ser feitas... (61) a este respeito Colletti em seu ensaio já referido, (um texto no geral bastante rigoroso para com as colocações Bernsteinianas), observa que ao advertir que os tempos estavam mudando "Bernstein se adiantou e ganhou em visão antecipatória de Engels, Kautsky e todos os demais." (62)

Subscrevemos suas palavras. No que se refere aos efeitos da "política dos cartéis" sobre a classe trabalhadora e sobre a "sociedade em geral"; conclui Bernstein que:

"... os cartéis das empresas capitalistas - diz - representam por um lado, em relação aos operários, e por outro, em relação ao grande público, formas de associação monopolistas que tendem a travar combates entre si às custas tanto dos trabalhadores quanto do público em geral, além de praticarem acordos interindustriais com vistas à adequar arbitrariamente tanto a produção quanto os preços às suas necessidades de lucro."

(60) Cf. Gay op.cit., caps. 2, 3 e 7 (neste, especialmente p.184-176) e Gustafsson op.cit. cap.3 (especialmente nota 17).

(61) Ele observa a este propósito, no último capítulo de seu livro o seguinte: "Naturalmente que estou distante de poder comparar-me com o pensador Marx. Não obstante, não se trata aqui da minha maior ou menor inferioridade com respeito à ele. Qualquer um pode ter razão contra Marx, a despeito de não possuir sua cultura nem sua inteligência. A questão consiste em se os fatos por mim constatados se verificam ou não, e se respaldam as conclusões que deles extraí". (p.264)

(62) Ideologia e Societã, p.93. Colletti aliás, é oportuno apontar, que neste texto apresentou, como se disse, uma perspectiva acentuadamente crítica ao "revisionismo" parece ter nos seus últimos escritos modificado completamente sua posição. Embora não o declarando explicitamente, o filósofo italiano aproxima-se progressivamente das teses que tanto houvera de criticar. Cf. a respeito, por exemplo, sua entrevista concedida a Perry Anderson e publicada em New Left Review julho-agosto 1974 ("A Political - Philosophical Interview) ou seus ensaios reunidos em Tra Marxismo e No, Gius Laterza e Figli, Roma-Bari 1979 (trad. port. Forense Universitária, RJ, 1963 - especialmente partes 2 e 3), ou ainda, seu artigo comemorativo do centenário da morte de Marx publicado aqui no suplemento dominical CULTURA do jornal O ESTADO DE SÃO PAULO (13/03/1983) com o título: "K. Marx, profeta ou cientista?".

Assim sendo,

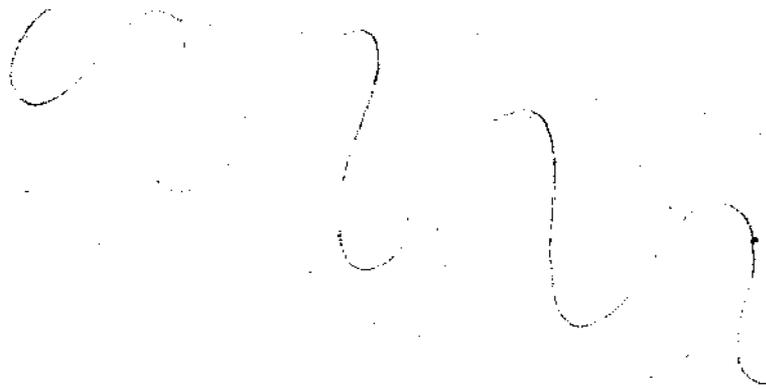
"Virtualmente, o antídoto capitalista contra as crises leva em si os germens de um novo e agravado submetimento da classe trabalhadora e, ao mesmo tempo, de privilégios de produção que representam uma forma mais patente dos antigos privilégios corporativos. Por esta razão, parece-nos muito mais importante, do ponto de vista dos operários, advertir claramente sobre as possibilidades dos trustes e cartéis do que fazer profecias sobre a sua "impotência".(63)

Vemos pois que para o autor, embora o capitalismo tenha gerado - justamente ao longo da chamada "Grande Depressão" dos anos 70 - mecanismos "amortecedores", e mesmo modificadores, do caráter das crises, ele permanece redutível aos seus traços originários mais importantes: um sistema econômico antagônico, fundado na exploração (embora não somente nela), sujeito à crises e organizado sobre uma hierarquia de privilégios em benefício de uma minoria. Não obstante, seus traços recém-adquiridos, ter-lhe-iam equipado com fatores capazes de impedir não as crises, mas, seu agravamento, evitando destarte o declínio em espiral. Este ponto, Bernstein o ilustra claramente num texto escrito em 1909 para ser apresentado em Amsterdã a "uma platéia de acadêmicos e trabalhadores".(64) Ali, ele contrasta a prognose atribuída à Marx e ao Programa de Erfurt de crises "cada vez mais importantes e devastadoras", (65) que ilustra com a linha que reproduzimos a seguir:

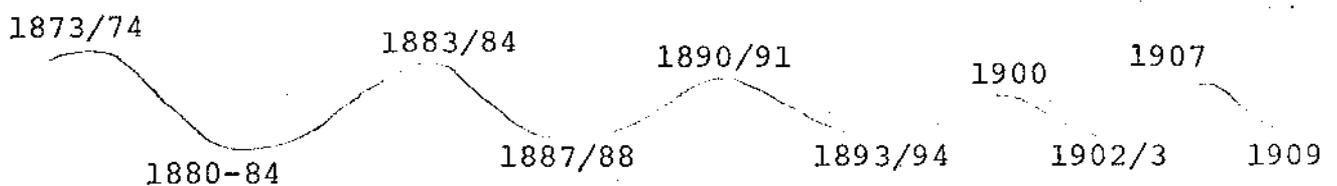
(63) Bernstein, op. cit., p. 181-182 (ambas as transcrições).

(64) Der Revisionismus in der sozialdemokratie, Amsterdam, Verlag-gesellschaft martin y cohen, 1909 (trad. esp. México, Siglo XXI, 1982, como apêndice ao seu livro de 1899, p. 289).

(65) Bernstein, op. cit., p. 310.



Com o que teria efetivamente ocorrido com o sistema, que retrata aproximadamente como aparece em seguida:



"Trata-se - interpreta - de um quadro completamente diferente, um comportamento conjuntural completamente distinto daquele que tinha anteriormente aos seus olhos a social democracia. Forças contrárias, que antes não existiam com a mesma intensidade debilitaram os fatores que promoviam as crises." (66)

Para que não reste dúvidas seja-nos permitido insistir que para Bernstein, o anterior não significa em absoluto que o sistema tenha resolvido seus antagonismos. Concluindo em seu estudo de 1899, o capítulo relativo aos novos traços por ele assumidos ele diz:

(66) Bernstein, op.cit., p.311.

"A única coisa que nós podemos fazer é estabelecer quais os elementos da economia moderna que favorecem as crises e quais tendem a contrarrestá-las. Um juízo apriorístico acerca da relação recíproca entre ambas as forças ou mesmo, sobre o desenvolvimento de tal relação é impossível. Exce^{to} que, se não se produzirem acontecimentos exte^{rn}os e imprevistos que provoquem uma crise generalizada - como já vimos, isto é sempre possível - não há razão suficiente para se deduzir com base em motivos puramente econômicos, que tal crise se ja eminente." (67)

Se estes comentários encerram suas considerações sobre as crises, entreabrem, ao mesmo tempo, um novo campo sobre o qual refletir: a primeira questão que nos vem à mente quando transcrevemos o texto Bernsteiniano é relativa ao que entendia precisamente ele por "motivos puramente econômicos?" A primeira grande guerra aparece-nos neste ponto, quase que espontaneamente, como parâmetro: te-la-ia enxergado Bernstein como acontecimento "interno" ou "externo" à dinâmica capitalista? Não temos como dar uma resposta precisa a esta pergunta (68) mas o próprio Bernstein numa nota inserida no final do terceiro capítulo de seu livro nos sugere, para ela, uma pista:

"Aqui - diz ele - como é natural, somente se toma em consideração as motivações econômicas para as crises. Crises produzidas por acontecimentos políticos (guerras ou sérios perigos de guerra)...são não obstante sempre possíveis..." (69)

Estas palavras escritas quinze anos antes do deflagar da primeira grande guerra, sugerem que seria lícito supor que Bernstein teria encarado a guerra como um fenômeno externo à dinâmica econômica capitalista. Kautsky, Hilferding, Schumpeter e Kondratieff enxergaram-na também desta forma; Lenin e Trotsky

(67) Bernstein, Die. Voraussetzungen...p.182.

(68) Seu biógrafo Gay não aborda a questão e aos escritos "pós - bélicos" de Bernstein, arquivados no Instituto Internacional de História Social de Amsterdã, não tivemos acesso (quando nada, porque não lemos em alemão, bem entendido).

(69) Bernstein, op.cit.,p.181, nota 29.

negaram-no. (70) Não cremos que a questão possa ser facilmente resolvida (ou mesmo, que possa sê-lo) mas um estudo aprofundado acerca do tema, por ora inexistente, é condição sine-qua-non para o prosseguimento da reflexão. (71)

Sumarizando o argumento, poder-se-ia dizer que para Bernstein os "novos traços" do capitalismo ter-lhe-iam facultado, simultaneamente, novas "fronteiras de acumulação" e "instrumentos de organização". O resultado, um processo de amadurecimento entendido este, no entanto, como significando FORTALECIMENTO, REVIGORAMENTO DE SUA ESTRUTURA ECONÔMICA (72); ou seja, a interpretação por ele oferecida do significado da chamada "Grande Depressão" será pouco menos do que diametralmente oposta àquela produzida por Engels e repetida quase em uníssono pelo marxismo posterior. (73)

(70) Para as opiniões de Kautsky e Hilferding, ver a segunda parte do trabalho. Os juízos de Schumpeter podem ser consultados seu ensaio "Zur soziologie der Imperialism" Tubingen, 1919 (trad. port., RJ, Zahar, 1961), ou sua "Magnum Opus" Business Cycles, N.Y. 1939 (Vol. II, caps. XIV e XV); o de Lenin, em seu "Imperialismo" por exemplo, e os de Kondratieff e Trotsky, no livro de Richard Day já referido, e no seu excelente artigo "The Theory of the long cycle: Kondratieff, Trotsky, Mandel" in: New Left Review 99 (sep. oct. 1976).

(71) Cf. as observações de Perry Anderson a respeito em Lineages of the Absolutist State (ed. cit., parte 1, cap. 1, p. 25-26).

(72) Juízo este que parece ter encontrado eco em autores como o próprio Anderson, um estudioso em tudo o mais extremamente avesso ao "revisãoismo Bernsteiniano". Escrevendo em 1976 a conclusão de seu ensaio "Considerations on Western Marxism" ele diz: "Hoje, os formidáveis problemas científicos que coloca para o movimento socialista, o modo de produção capitalista em seu momento mais forte, e não no mais débil, estão vindo, em grande medida, por resolver". (Cf. ed. cit., p. 127).

(73) Grifamos o termo "significado" para termos certeza de ser compreendidos. Já havíamos indicado (caps. I e este passim), que Engels e Bernstein observam os mesmos processos (fatos) e que o segundo vai mesmo buscar nas anotações do primeiro, sua fonte de inspiração. Não obstante, a conclusão que tira Engels em seu "Testamento Econômico" é manifestamente oposta à indicada por Bernstein.

Seus argumentos, dever-se-ia acrescentar, não deixam de recordar os de Schumpeter (um pensador que, a nosso juízo, teve uma enorme dívida para com Bernstein que incômpreensivelmente, nunca se dispôs a reconhecer) no seu, "clássico" Capitalism, Socialism and Democracy - onde o autor, nadando contra a corrente, reafirma as possibilidades econômicas do capitalismo, num momento onde até seus apologetas mais intransigentes principiavam a delas desconfiar. (74) Além disto, também a atitude "pragmática" de Schumpeter quanto ao capitalismo, que advertia que "gostar dele não deveria implicar em deixar de reconhecer a sua nêtese", parece ter tido em Bernstein, ainda que "às avessas", um (não reconhecido) predecessor. Para este, "gostar do socialismo" não deveria implicar em deixar de reconhecer os enormes problemas envolvidos na sua construção, entre os quais, a grande vitalidade ainda exibida pelo seu antecessor.

A história parece ter dado razão a Bernstein. Seu "marxismo" foi, no entanto, derrotado e a história, como se sabe costuma ser escrita, pelo vencedor. O "marxismo vencedor" pagaria caro não obstante, pelo desprezo aos seus argumentos...

George Lukács, por exemplo, durante muito tempo um paradigma desta atitude discriminatória, declararia, simbolicamente, em sua última entrevista concedida a Franco Ferrarotti:

"Há novos fenômenos sobre os quais não temos nada o que dizer como, por exemplo, o consumismo maciço da classe trabalhadora que serve para limitar as crises econômicas." (75)

(74) Cf. op. cit. especialmente a segunda parte.

(75) "A Final Rethinking: George Lukács Talks with Franco Ferrarotti" in Social Policy, julho-agosto de 1972, cit., por Alvin Gouldner The Two Marxisms - Contradictions and Anomalies in The Development of Theory. London, Mac Millan, 1981 (trad. esp. Madrid, Alianza, 1983, p. 41-42). O parágrafo se inicia com as seguintes observações: "O Marxismo como teoria geral da sociedade sofreu uma interrupção. Permaneceu estacionário. Podemos dizer que o marxismo, concebido como deve sê-lo, como uma teoria geral da sociedade, já não existe, eclipsou-se faz tempo... Nossas análises se detiveram mas o capitalismo seguiu evoluindo. Nos detivemos em Lenin. Depois dele, não houve mais Marxismo."

Bernstein tinha, como vimos, "algo que dizer" até sobre isto. O que Lukács não disse foi que o marxismo de Lenin tornou-se matriz, e que por conseguinte, talvez também lá devessem ser buscadas, as raízes da crise que detecta. Fernando Claudin e Perry Anderson, por exemplo, já nos tinham advertido sobre isto. (76) Simbólico também, a este mesmo respeito, é o juízo expresso por Kautsky, a quem coube responder "oficialmente" a Bernstein em 1899, no final de sua vida (1935), a respeito da "Grande Depressão" do século XIX:

"Para dizer a verdade - ele observa - esperávamos muito mais da crise de então. Não somente o reforço do movimento socialista na Inglaterra mas, na realidade, o colapso do capitalismo no mundo inteiro. Esta espera foi em vão. O capitalismo sobreviveu à crise, a despeito de sua enorme extensão no tempo e no espaço e de sua inaudita intensidade. Iniciou-se uma nova era de prosperidade capitalista, e de um capitalismo inteiramente modificado. O velho 'havia ido à passeio'." (77)

Escrevendo no limiar dos (nossos) anos 70, David Landes prestaria sem sabê-lo, um tributo às idéias de Bernstein. Analisando o período anterior à 1914, ele assim se expressa a seu respeito:

"Os estudiosos marxistas da História estiveram propensos a interpretar as rivalidades internacionais que precederam a primeira guerra mundial como resultado do desmembramento de um sistema em processo de declive e dissolução. Na realidade, tratava-se das dores crescentes de um sistema em processo de germinação." (78)

(76) Cf., de Claudin La Crisis del Movimiento Comunista (2 vols.) Paris, Ruedo Ibérico 1970, tomo 1 caps. 1 e 2 e, de Anderson, o epílogo ao seu Considerations on Western Marxism.

(77) Kautsky citado por Colletti; Cf. Ideologia e Societã, (cit.), p.88.

(78) Op.Cit., p.269.

3. ADEUS ÀS ILUSÕES:

AS CONDIÇÕES DA CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO

Antes de concluirmos com Bernstein somos levados - quase que compulsoriamente dada a natureza do tema que tratamos - ao exame de um último ponto da sua reflexão: a partir da "revisão" do pensamento de Marx, Engels e do marxismo "Erfurtiano", como contemplava ele as possibilidades do advento do Socialismo? Realismo, esta é, a nosso juízo, a palavra chave na resposta a esta questão. Sua visão é construída a partir da crítica daqueles que seriam, a seu juízo, os elementos utópicos ou equivocados da doutrina estabelecida, e basear-se-á - pense-se dela o que se pensar -, em supostos rigorosamente materialistas.

Para ele, o "marxismo estabelecido" teria, como vimos, subestimado fortemente as potencialidades do capitalismo. Além disto, haveria incorrido - grosso modo - em mais um erro e numa grande omissão: haveria superestimado as possibilidades (a maturidade) do proletariado e ter-se-ia também dispensado de proceder a uma reflexão objetiva tanto acerca do que seria na prática o suposto "Zusammenbruchs" da sociedade existente quanto das características a serem assumidas pelo processo de transição subsequente. No primeiro artigo da série "Probleme des sozialismus", Bernstein já advertia sobre este último ponto:

"A social-democracia moderna - diz - orgulha-se de ter superado teoricamente o utopismo socialista, ... Nenhum socialista responsável descreve, na atualidade, cenas do porvenir com o objetivo de dar à humanidade a receita que a vá conduzir com maior rapidez e segurança ao objetivo desejado... Sem embargo - prossegue - existe atualmente outra classe de utopismo que ainda não foi

extinto. Trata-se do extremo oposto do velho utopismo. Evita-se temerosamente toda consideração a cerca da organização da ordem social futura ao mesmo tempo em que se aceita (a idéia de) um salto brusco do capitalismo ao socialismo. A postergação de todas as soluções para o dia 'da vitória final'... - conclui -... não resulta despojada de seu caráter utópico pelo fato de que se a adorne com expressões do arsenal de escritos de Marx e Engels." (79)

É todavia num prefácio escrito em 1908, para a edição comemorativa do trigésimo milhar do seu livro, que Bernstein nos fornece a melhor pista acerca da questão aqui em foco: "Aqui - argui - gostaria de assinalar somente que na atualidade, ainda que as opiniões acerca dos problemas que vem surgindo dentro da social-democracia continuem divididas em detalhes menores, vem se formando de maneira cada vez mais clara uma convicção que constitui um patrimônio cognoscitivo comum: a convicção de que devemos contar com uma sobrevivência e uma elasticidade da atual ordem social muito maiores do que aquelas que haviam sido previstas e, portanto, de que devemos nisto basear a práxis de nossa luta. É esta precisamente a chave deste livro..." (80). Ou seja, na medida em que se altera o juízo acerca das possibilidades do capitalismo, dever-se-iam alterar também as proposições sobre a questão do advento do socialismo: um capitalismo substancialmente "saudável" não deveria sugerir conclusões triunfalistas acerca de sua superação. Ao lado disto, diz, dever-se-ia ter mais cuidado no que se refere à avaliação da própria situação da classe operária:

"... O marxismo - argui - reconheceu, distinguindo-se nisto dos partidos demagógicos, que a classe trabalhadora não havia ainda alcançado a maturidade indispensável para a sua emancipação, e

(79) Op.Cit., p.3-4.

(80) Die Voraussetzungen... p.110, Grifo meu.

que para tal não existam sequer as premissas econômicas adequadas. Não obstante, apesar disto, apegou-se insistentemente a uma tática que dava quase por descontada a realização de ambas as premissas." (81)

A isto agrega, duas páginas adiante, as seguintes considerações:

"Devemos tomar os operários pelo que são. Não é tão geral o seu empobrecimento como previa o MANIFESTO COMUNISTA nem são tão livre de preconceitos e de fraquezas como pretendem fazer-nos crer seus adutores. Tem as virtudes e os vícios das condições econômicas em que vivem. E não é possível, de um dia para o outro, eliminar estas condições." (82)

Polemizando com Phekánov, Bernstein declara mesmo algo que deve ter soado como uma inominável heresia para o marxismo de então:

"Apesar dos grandes progressos logrados pela classe operária desde os pontos de vista intelectual, político e econômico, desde a época em que escreviam Marx e Engels, considero não obstante que não está, ainda, todavia suficientemente desenvolvida a ponto de poder assumir o poder político."

E acrescenta:

"Se não podemos pretender de uma classe cuja grande maioria está alojada miseravelmente, mal instruída, mal remunerada e cuja remuneração não é sequer segura, o alto nível intelectual e moral que constitui o pressuposto da instituição de uma sociedade socialista estável, tratemos então de não atribuímos-lhe tal." (83)

Se levasse isto em conta (ademais das indicações anteriores) a social-democracia deveria por certo modificar suas posições; um capitalismo sólido e uma classe operária ainda não suficientemente amadurecida não recomendariam, aos olhos de Berns

(81) Op.Cit., p.269.

(82) Op.Cit., p.273.

(83) Ibidem.

tein, uma tática insurrecional pois "... a via revolucionária (sempre no sentido da violência revolucionária) atua mais rapidamente quando se trata de eliminar uma série de obstáculos... sua força está em seu lado negativo." (84) Ao que aduz: "... a mais violenta revolução não é capaz de modificar senão lentamente o nível geral de uma nação." (85)

A tática a ser seguida dever-se-ia basear, portanto, numa estratégia de longo prazo; reformas parciais, utilização inteligente do voto e gradativo amadurecimento do IDEAL socialista. Bernstein o coloca claramente já nos artigos da série "Probleme des sozialismus":

"... a social-democracia não pode ansiar nem confiar no eminente colapso do sistema econômico existente, se o pensa como produto de uma espantosa grande crise... o que ela deve fazer, e esta é uma tarefa de longo prazo, é organizar politicamente a classe operária e formá-la para a democracia e para a luta dentro do estado por todas as reformas conducentes a elevar a classe operária e a transformar o estado no sentido da democracia." (86)

Como se nota, a visão Bernsteiniana do porvenir socialista não se pauta pela destruição do estado capitalista mas, pela sua transformação. Isto se explica porque para Bernstein, o "estado democratizado" estaria longe de poder ser pensado unicamente como "um opressor de classe". Ele o declara explicitamente, como nos conta Gay, em uma carta enviada a Kautsky em 1927 onde

(84) Op. Cit., p.270.

(85) Op. Cit., p.271.

(86) "Probleme..." p.75. Comentando Bernstein, George Lichteim assim opinava em seu trabalho de 1961: "a casta governante estava decidida a não permitir nem na Prússia nem no Reich, um avanço significativo da democracia... Alemanha não necessitava (então, LBC) de uma revolução socialista senão que, de uma revolução democrática. Correspondeu à Bernstein o mérito de haver percebido isto, antes de qualquer outro..." (Marxism... p.333).

objeta contra a definição Engelsiana de estado: "Engel's definition of the State - diz - as a purely repressive institution is in my opinion absolutely inadequate. It might apply to the State in certain stages of development, but it does not do justice to the role of the state in its more highly developed form." (87) Sem todavia citar o nome de Engels, ele não obstante já advertira sobre isto no ano seguinte ao da publicação de seu livro:

"... estou convencido de que a soberania do Estado... pode desenvolver-se de diversas formas. Sustentada pelas organizações coletivas livres, imporá limites cada vez mais rigorosos à fração exploradora do capital. Esta é a convicção que constitui a base do meu socialismo" (88)

O estado democrático - escreverá em 1913 - converter-se-á em socialista "quando o povo o fizer". (89) Não menos "adequada" seria no seu entendimento, a antevista "extinção do Estado" na ordem social comunista, sustentada por Marx e Engels. Completamente carente de racionalidade, esta prognose explicar-se-ia apenas pelo utopismo remanescente na obra de ambos. A necessidade do estado para a sociedade decorre não apenas de motivos repressivos senão que responde às demandas de uma sociedade cada vez mais complexa. (90) "O Estado - dirá - é um produto do desenvolvimento ... É impossível suprimi-lo, podemos quando muito modificá-lo." (91)

É por fim pertinente inquirir sobre o que entendia Bernstein por "realização do socialismo". Também nos "Probleme des socialismus" ele nos dá uma resposta para isto:

(87) Bernstein citado por Gay, Cf. Gay, op.cit., p.249.

(88) Bernstein citado por Pierre Angel Cf. "Stato e società nel pensiero di Bernstein" in: Storia del Marxismo Contemporaneo (ed.cit.) p.211.

(89) Bernstein citado por Angel Cf. op.cit., p.203.

(90) Cf. Angel in op.cit., p.224.

(91) Bernstein citado por Gay Cf. op.cit., p. 249-250.

"Se por realização do socialismo se entende a organização de uma sociedade regulada de forma estritamente comunista em todos os níveis, eu não tenho problema algum em reconhecer que, em minha opinião, ela ainda está bastante longe. Não obstante, estou firmemente convencido de que nossa geração viverá muitos logros socialistas... a contínua ampliação do círculo de deveres sociais, isto é, dos correspondentes deveres e direitos dos indivíduos frente à sociedade e das obrigações desta, frente aos indivíduos, a extensão do direito de controle da sociedade... sobre a vida econômica, o desenvolvimento da autonomia administrativa... nas comunas, distritos e províncias, e a ampliação das funções destas associações. Em minha opinião, tudo isto significa desenvolvimento rumo ao socialismo ou mesmo, se se quiser, realização parcial do socialismo." (92)

Com Bernstein, o socialismo passa a depender não da crise mas do desenvolvimento do capitalismo. "Quanto mais rica é uma sociedade - dirá - mais fáceis e seguras são suas realizações socialistas". (93) Não obstante, não é apenas de supostos materialistas que retira ele suas reflexões; à idéia de socialismo científico como originalmente deferida por Marx, Bernstein contrapõe a noção de algo como um "socialismo ético". Comentando a dura crítica que lhe havia dirigido Rosa Luxemburg ele o indica tranquilamente:

"Ainda que a argumentação (de Luxemburg.LBC) termine por identificar de maneira totalmente arbitrária o idealismo com o utopismo, capta sem embargo o 'miolo' da questão, na medida em que eu não somente não faço que dependa, na realidade, a vitória do socialismo da sua 'necessidade econômica imanente', senão que, não considero nem necessário nem possível dar-lhe um fundamento meramente materialista." (94)

(92) "Probleme..." p.74.

(93) Op.Cit., p.75.

(94) "Die Voraussetzungen..." p.266. O argumento de Luxemburg, levantado no primeiro de seus artigos da série "Sozial reform oder Revolution?" consistia em apontar para o fato de que se o colapso econômico do capitalismo não era "inevitável", então o socialismo como necessidade econômica "objetiva" também deixaria de sê-lo. Cf.Op.Cit. (trad.por. RJ, Civilização Brasileira, 1975, donde citamos, p.11).

A isto agrega, algumas páginas adiante: "Neste contexto, não posso subscrever a frase que diz que, 'a classe operária não tem nenhum ideal a realizar'." (95) É "neste contexto", que Bernstein evoca o nome de Kant, "o grande filósofo de Königsberg".

"... e social-democracia - escreve - necessita um Kant que denuncie de uma vez por todas o escolasticismo tradicional e que o submeteu ao juízo rigoroso da crítica, um Kant que revele ao mesmo tempo como o seu materialismo aparente constituia mais refinada, e por isto mesmo a mais sutilmente desorientadora ideologia, e, como o seu desprezo pelos ideais e sua exaltação das forças materiais como fatores onipotentes do desenvolvimento é ilusório..."

Ao que aduz:

"Uma mente desta natureza, que esclareça com rigor convincente quais partes da obra de nossos grandes precursores merecem e estejam destinadas a sobreviver, e quais as que podem e devem perecer, e que nos permita emitir um juízo desapaidado a seu respeito..." (96)

Sabemos hoje, que o marxismo continua à procura deste Kant. Não obstante, poderia necessitá-lo menos urgentemente se houvesse dado ouvidos à Bernstein. Este, por seu turno, estabelecia com Marx e Engels (e com o marxismo "Erfurtiano", do qual aliás fizera parte) uma relação semelhante àquela estabelecida por eles com o socialismo utópico. Isto fica patente quando perscatamos o seu juízo, expresso no final do seu livro, sobre o último capítulo do primeiro volume d'O Capital. Referindo-se às ambiguidades, aos seus olhos, nele existentes, Bernstein assim se expressou a seu respeito:

(95) Op.Cit., p.274.

(96) Ibidem, Grifo meu.

"Em minha opinião, o capítulo revela um dualismo que circula por toda a monumental obra de Marx... um dualismo que consiste nisto: uma obra que pretende ser uma análise científica, a despeito de se fazer para demonstrar conclusões apriorísticas, uma obra que se baseia em um esquema no qual o resultado que deveria emergir já está fixado antecipadamente. O retorno ao manifesto comunista denota aqui, um resíduo de utopismo no sistema de Marx." (97)

Em determinados momentos, dirá Bernstein, advertimo-nos de que esta estupenda mente científica encontrava-se prisioneira de uma doutrina (98): "Teria sido o conhecimento desta incongruência o que o teria induzido a abandonar a culminação de sua obra para dedicar-se, repetidamente, a melhorá-la nos detalhes?" (99) "Sacrílego" quando proferido, este juízo recentemente voltaria a ser proposto por nomes como Colletti, Nove e Gorz, entre outros. (100)

A leitura do seu livro a quase um século de sua publicação é seguramente impactante; se tantas obras do marxismo parecem-nos hoje antiquadas, a sua é da maior atualidade. Praticamente todas as críticas "modernas" ao pensamento de Marx podem ser lá encontradas, ao mesmo tempo que as opiniões do autor sobre as "tendências" do capitalismo ou sobre o curso futuro desta ordem social revelar-se-iam, a nosso juízo, substancialmente confirmadas pela história. Esta, "o melhor dos marxistas" como dirá Hilferding no final de sua vida, (101) teve em Bernstein

(97) Op. Cit., p.265..

(98) Op. Cit., p.266.

(99) Ibidem.

(100) Cf. de Colletti, em seus escritos citados na nota 63 do presente capítulo; de Nove, a primeira parte do seu brilhante e instigante trabalho The Economics of Feasible Socialism; London, George Allen e Unwin, 1983 e de Gorz, os primeiros quatro capítulos do seu (não menos brilhante e instigante) ensaio Adieux au Proletariat, Paris, Galilae, 1980 (trad. por. RJ, Forense Universitária, 1982).

(101) Hilferding citado por Bottomore; Cf. Bottomore "Introduction to the translation" in: Bottomore ed, Financial Capital, London, Routledge e Kegan Paul, 1981.

um respeitoso analista. Enquanto o marxismo ortodoxo procurava encaixar a todo o custo, o boom dos anos 90 na sua prognose apocalíptica, Bernstein perfazia o caminho contrário: a partir do seu estudo, procedia à "revisão" da teoria.

Além disto, também nos causam admiração alguns traços distintos da personalidade do autor. Sua coragem, honestidade intelectual, independência de espírito e ausência de preconceito ideológico tornam-no um paradigma para qualquer investigador social que se pretenda um cientista, quer se concorde ou não com as suas opiniões. Peter Gay numa conclusão não totalmente favorável às suas colocações não deixa de indicá-lo:

"Its concern with the truth had an almost obsessive quality: it drove him into abandoning theories in which he had found security, giving up friends with whom he had found happiness, turning his back on a party which had filled his life." (102)

Decidir-se a fazer o que fez deve ter-lhe demandado muito certamente, já que os resultados trar-lhe-iam previsivelmente - como de fato o fizeram - mais problemas do que prestígio, e, obviamente, menos admiração do que a que ele despertaria se seguisse sendo o "discípulo dileto de Engels". Não obstante, o marxismo - sobretudo, sob o influxo do Leninismo - condenou Bernstein; e, fazendo isto, condenou-se numa certa medida a si mesmo. Condenou-se a se converter, pelo menos majoritariamente, numa análise progressivamente distorcida da realidade capitalista e numa doutrina cada vez mais ideologizada e utópica.

Suas teses contudo, como dizíamos, não foram aceitas. Rejeitadas em princípio (ou talvez, melhor seria dizer por princípio, os "alarmes" dentro delas contidos não passariam to

(102) Gay, op.cit., p.298.

davia despercebidos nem seriam desconsiderados - como veremos (103)- por alguns de seus melhores "pares" no marxismo de então. As reflexões de Kautsky, Hilferding e do Austromarxismo constituir-se-ão num terreno delimitado por Bernstein. É necessário assinalar porém, que sua contribuição no campo da teoria econômica não foi seu maior feito, se a contrapusermos às suas concepções nas esferas da sociologia, da política e da observação histórica. Bernstein entretanto, não estava sozinho - como já referimos - nesta sua cruzada contra o "marxismo estabelecido". Num contexto histórico e político bem diferente algumas das suas idéias haviam já florescido, e elas vem à luz em língua alemã pela pena do seu melhor teórico, exatamente dois anos após a publicação do livro de Bernstein. É com a obra Tugan-Baranovski que o revisionismo adquire suas verdadeiras funções teóricas. A ela dedicamos agora, portanto, a nossa investigação.

(103) Na segunda parte do presente trabalho.

CAPÍTULO III

M. I. TUGAN-BARANOVSKY: UM NOVO PARADIGMA?

1. INTRODUÇÃO

No Império Tzarista de Nicolau II, a esquerda intelectual nativa debatia intensamente, a partir dos primeiros anos da década de noventa, não apenas as premissas e condições da passagem ao socialismo - objeto por excelência do debate alemão - mas também, as condições e a viabilidade do "desenvolvimento do capitalismo na Rússia". (1) Como já foi mencionado, confrontavam-se nestas discussões não só "Marxistas" e "Narodnicks" como também "Marxistas revolucionários" e "Legais". (2)

(1) Cf. Gustafsson, op.cit., cap.7 (a observação está na p.396).

(2) O "Marxismo Legal" - informa-nos Gustafsson - constitui-se na Rússia, nos primeiros anos da década de noventa do século passado, principalmente em torno à Peter Von Struve e a seus escritos, entre os quais se destaca Kriticheskie Zametki i voproser ob ekonomiches kom razvitii Rossii (Notas críticas acerca do desenvolvimento econômico da Rússia, S. Peterburgo

As polêmicas suscitadas anunciavam - como também já foi mencionado - diversos temas que emergiriam, com força, no curso do "Bernstein-debate". No "Marxismo Legal" russo se destaca a figura de Mikhail Ivanovich Tugan-Baranovsky, a nosso juízo um dos mais penetrantes teóricos do desenvolvimento capitalista e do pensamento socialista em geral. "... a major scholar... one of the great minds among economists of the first quarter of the present century" nas palavras de Alec Nove (3); "... (a) brilliant man and a fine stylist" nas de seu discípulo (e autor de seu obituário intelectual), Kondratieff. (4) Pensador de sólida formação, versado em filosofia e profundo conhecedor tanto da literatura "clássica" e marxista, quanto das obras da escola de Jevons, Menger e B. Bawerck, Tugan-Baranovsky as submetia, todas, ao crivo da crítica. É aliás muito provavelmente a sua, a primeira crítica sistemática do "economics" neoclássico. Sua atitude duplamente crítica (ao marginalismo e ao marxismo) contribuiria significativamente, entretanto, para o seu isolamento.

1894). Seus principais representantes, além do próprio Struve, eram Serguei Bulgakov, Nikolai Berdiaiev, S.L. Frank e Tugan. A denominação "Legal", argui Gustafsson, referir-se-ia à sua condição comum, em contraste com a de "exilados" de Lenin e outros. (Cf. op.cit.p.399). Olga Crisp em seu verbete sobre Tugan escrito para a International Encyclopedia of Social Sciences chama-nos a atenção para uma outra interpretação do termo "Legal" dada por R.Kindersley, um historiador deste movimento: "Kindersley - diz Crisp - believes they were called 'Legal Marxists' because of their strict intellectual honesty". (Cf. op.cit.,p.165). (A propósito, o livro de Kindersley por ela citado é The First Russian Revisionists: a story of 'Legal Marxism', Oxford, Oxford University Press 1962).

(3) "M.I.Tugan-Baranovsky (1865-1919)" in: History of Political Economy, v.2, n.2, 1970, p.246.

(4) Kondratieff citado por Nove, Cf. art.cit.p.247.

Dono de uma singular independência de pensamento, Tugan procuraria formular uma síntese teórica sua, retirando elementos de pensadores tão distintos como Kant, Fourier, J.B.Say, Ricardo, Marx, Rodbertus e Gossen. (5) Através de sua obra o "marxismo estabelecido" era submetido a uma crítica radical - sem que fosse todavia comprometida a conclusão de que o socialismo haveria de ser o "herdeiro legítimo do capitalismo" - onde Bernstein sugeria "completar e aperfeiçoar", a palavra de Tugan era "reconstruir".

Sintomaticamente execrado pela ortodoxia, algumas de suas idéias não deixariam todavia de exercer influência. Além de Kautsky, Schumpeter e Hilferding (e através deste, todo o "austromarxismo") podem ser aqui também referidos o "jovem Lenin", Bukárin, Kondratieff, os membros da chamada "escola continental" e mesmo Friederich Pollock (um dos "economistas" - junto com Grossmann - dos começos da escola de Frankfurt). (6) Não obstante, sua obra é desconcertantemente ignorada (apesar de muito criticada - ! -) e sobre ela, quase nada se produziu. (7) Dois de seus

(5) Tugan dedica - como nos conta Lubomyr M.Kowal - seu trabalho de 1909, Osnovy politicheski edkonomii (Fundamentos da economia política. S.Peterburgo, Slovo) a "Quesnay, autor do Tableau Economique, à Gossen, fundador da utilidade marginal e a Marx, o crítico mais penetrante do capitalismo" op. cit.p.3-8, cit. por Kowal in: Storia del Marxismo Contemporaneo (trad.francesa, donde citamos, Paris, Union Generale d'Éditions, Collection 10-18, 1977, v.3,p.149).

(6) Quanto à Kautsky, Hilferding e Bauer, ver adiante, 2ª parte do presente trabalho, ainda em elaboração. Quanto ao "jovem Lenin", ver Roman Rosdolsky, Zur entshenhungsgeschichte des marxschen "kapital", Frankfurt del meno, 1968, cap.30 (trad.esp. donde citamos, México, Siglo XXI, 1978). Para Bukárin e Kondratieff ver R. Day, op. cit., caps. 2, 3 e 5 (com a advertência de que a influência sobre Bukárin se fez fundamentalmente através de Hilferding, como mostram o próprio Day e também Stephen Cohen em seu estudo biográfico, Bukárin and the Bolshevik Revolution. London: Wildwook House, 1974 p.21 e seqs.). No que diz respeito à "escola continental", ver Moise Moisseev "L'evolution d'une doctrine; la theorie des crises de Tugan-Baranovsky et la

livros, o de 1894, consagrado a uma investigação sobre a história industrial inglesa mas fortemente sobredeterminada pela polêmica com os "norodnicks" e pela discordância com certas teses do "Marxismo revolucionário", e o de 1905, orientado diretamente à uma dissecação crítica dos fundamentos do pensamento de Marx, constituem o núcleo disto que chamamos de "um ataque quase simultâneo" (ao de Bernstein) à ortodoxia marxista emergente. Tentemos resumí-lo.

conception moderne des crises économiques", in: Revue d'histoire économique et sociale, v.20, 1932. A influência sobre Pollock deu-se também através de Hilferding; Cf. a respeito G.Marramao. Il Politico e le trasformazioni (cit) parte II, cap.1. A influência sobre Schumpeter não está, ao que sabemos, documentada. Tentaremos dizer algo sobre isto ao longo do presente capítulo de nosso trabalho.

- (7) Da sua substancial produção intelectual (que vai de 1890 à 1917) somente quatro títulos costumam ser mencionados (além dos dois já por nós referidos, também Russkaia Fabrika de 1898, trad. ingl. Homewood, AEA, 1970 e Sovremennyi Sotsializm v svoem istoricheskom razvitii - O Socialismo moderno na sua evolução histórica - de 1906, trad.ingl. London 1910, trad.esp. donde citamos, Madrid, REUS, 1921), sendo que apenas ao de 1894 foi dedicada alguma (a nosso juízo, muito pouca) atenção. O único título de que temos notícia referente a um estudo maçudo sobre a sua obra, é o de L.M.Kowal. Economic Doctrine of M.I.Tugan-Baranovsky, uma tese de doutoramento (Dept. of Economics, University of Illinois-Urbana, 1965) infelizmente não publicada. Quanto à textos de menor fôlego a seu respeito, o panorama é igualmente desalentador, além dos ensaios de Nove, Kowal e Moisseev e do verbete de Olga Crisp, já referidos, foi-nos possível relacionar apenas mais cinco ensaios relevantes: S.Gringaus. M.I.Tugan-Baranovsky und seine Stellung in der theoretischen National - Ökonomie, Kovno, 1918 (ao qual não tivemos acesso); Alvin H.Hansen. Business cycles and National Income. London, George Allen and Unwin, 1951, parte III, cap.16; VP. Timoshenko. "M.I. Tugan-Baranovsky and Western European Economic Thought" (orig.russo 1925, trad.ing., donde citamos) in: Annals of the Ukranian Academy of Arts and Sciences in the United States, Spring Issue, 1954; L.M. Kowal "The market and business cycle theory of M.I. Tugan - Baranovsky" in: Rivista Internazionale di Scienze e Commerciali, 20(4), 1973 e Jorge Miglioli. Acumulação de Capital e Demanda Efetiva. São Paulo, T.A. Queiroz, 1981. Parte III, cap.10, textos todos, com exceção - para nós brasileiros - do último dificilmente acessíveis na atualidade (inclusive o de Hansen). No mais, há o comentário desleixado de Sweezy no seu Theory

2. A CIRURGIA TEÓRICA (I)

Como em Bernstein a crítica "Tuganiana" do marxismo em bora tenha várias direções, está centrada no questionamento do que também ele concebia como sendo a teoria do colapso de Marx e Engels. Segundo Tugan, o materialismo histórico de ambos pretendia legar uma fundamentação científica do advento do socialismo, apresentando-o como resultado de uma necessidade histórica objetiva criada pelo próprio desenvolvimento capitalista. Este argumento explicitar-se-ia - nos seus escritos - através de uma "Zusammenbruchs theorie", a qual caberia fornecer uma "prova rigorosa" da impossibilidade econômica do capitalismo, chegando este a uma determinada etapa do seu desenvolvimento. "Uma vez provada esta impossibilidade - dirá Tugan - o está também a necessidade da transformação do capitalismo no seu contrário e, com isto, o socialismo sai do reino da utopia para ascender feliz ao da ciência." (8)

Pois bem, prossegue Tugan, uma consulta aos numerosos escritos de Marx e Engels sobre esta matéria revela-nos não uma, mas duas "teorias do colapso": "Se repararmos o núcleo teórico

of capitalist development, NY, 1942 (trad. port. RJ, Zahar, 1973) e observações tópicas e unilateralmente críticas e imprecisas de adversários como, por exemplo, Grossmann, Rosdolsky, Mattick ou Kalecki.

Como se vê, a obra de Tugan é a despeito de a nosso juízo, riquíssima, um campo praticamente virgem de investigação (característica esta que divide, como veremos, com seu "discípulo rebelde" Rudolf Hilferding. Ver adiante, do presente trabalho, ainda em elaboração 2ª parte).

(8) Tugan; Teoriticheskiia... (trad. esp. cit. cap. 9 p. 229-230).

de seus escritos ... encontraremos-nos frente à duas construções teóricas que mantêm certa conexão entre si, ainda que tenham diversos elementos independentes..."(9)

Estas "duas construções teóricas" seriam a "lei de tendência à queda na taxa de lucro, por efeito da elevação da composição orgânica do capital e da insuficiência (crônica e crescente) de mercados" para absorver a produção, ambas a seu ver, carentes de fundamento teórico sólido. Fazendo aqui uma rápida reflexão, reafirmaremos que estamos convencidos da pertinência deste juízo de Tugan acerca das "duas teorias do colapso". Como já mencionamos, se não em Marx, certamente nos escritos econômicos do "Último Engels" podem ser identificadas as raízes, de uma "segunda" teoria do colapso calcada justamente no que chamamos de uma concepção malthusiana da relação entre produção e mercados. Concepção presente tanto nos textos de Cunow, Luxemburg e do "1º Kautsky", (10) quanto nos escritos do Lenin do "Imperialismo" (tão distinto do "jovem Lenin"!) e no marxismo da III Internacional. (11).

(9) Ibidem. É oportuno lembrar que Cláudio Napoleoni, na sua introdução escrita para o volume editado com Colletti (Il futuro del capitalismo: crollo o sviluppo? ed.cit.), retrata a questão da crise do capitalismo em Marx exatamente da mesma forma que Tugan embora não lhe dê o crédito pela interpretação (Cf.op.cit.p.25 e segs.). Plágio ou desconhecimento?

(10) Cf. a respeito Day, op.cit.,cap. ;T.Kowalick, Rosa Luxemburg. Teoria akumulacji i imperializmu, Varsóvia,1971 (trad. esp.,México, ERA, 1979). Apêndice II; P. Mattick, Krisen und Krisentheorien, 1974 (trad. esp. Barcelona, Península,1977) cap.3.

(11) Cf. por exemplo Day, op.cit. passim.

2.1. VALOR, MAIS-VALIA E EXPLORAÇÃO

Quanto à crítica Tuganiana à "primeira" teoria do colapso de Marx, é de causar perplexidade o fato de que se tenha prestado a ela tão escassa atenção: a mesma não somente antecipa o essencial da moderna discussão como, de certo modo, até a supera. A partir de um exame cuidadoso das categorias marxistas de valor, mais-valia e composição orgânica do capital, Tugan as rejeita e constrói sua própria concepção do funcionamento do capitalismo.

A perplexidade aludida só faz aumentar, quando recordamos que a intervenção de Bortkiewicz na chamada "problemática da transformação", referida frequentemente como o "ponto de partida para um aprofundamento da questão", (12) foi explicitamente inspirada pelas colocações de Tugan e se construiu, em grande medida, como um diálogo para com elas. (13)

A crítica arranca, como se disse, do conceito de valor, detêm-se no de mais-valia e desemboca uma rejeição da "lei de tendência postulada por Marx (rejeição esta observe-se, da qual Engels, como vimos, parecia partilhar). Tugan, de saída, contrapõe os pontos de vista clássico e marxista à respeito do va

(12) Cf. a respeito, por exemplo, a introdução de P. Sweezy à coletânea por ele editada Karl Marx and the close of his system. NY, Augustus M. Kelley, 1949 (trad. esp. Buenos Aires, Sí glo XXI, 1974).

(13) Cf. Sweezy op.cit. p.191 e segs. (o trabalho de Bortkiewicz foi publicado originalmente em 1907 com o título "Zur Berichtigung der Grundlegenden Theoretischen Konstruktion von Marx in III. Band des 'Kapital'". Foi reeditado por Sweezy na coletânea supracitada, junto com os ensaios de B. Baweck e Hilferding aos quais agregou a introdução referida).

lor. Chama de relativa a teoria ricardiana do valor-trabalho "por não considerar o trabalho como responsável único pelo valor das mercadorias", (14). contrapondo-a à absoluta de Rodbertus e Marx para quem o trabalho constituiria sim, a substância (absoluta) do valor: "o conceito de trabalho como substância do valor - diz - é o eixo do sistema econômico de Marx."

(15) Para a correta compreensão desta última, prossegue Tugan, é necessário todavia, ter em mente não apenas o que é (ao juízo de Marx) o valor, mas também o que ele não é. "A particularidade desta doutrina - observa - está na distinção rigorosa que faz entre os conceitos de valor e preço":

"Enquanto que outros economistas unificam o valor das mercadorias em abstrato com a sua expressão concreta no preço, Marx as considera como coisas distintas ... Marx no primeiro tomo de sua grande obra não estabelece uma relação precisa entre valor e preço, mas já fica claro ... que, a seu juízo, o preço das mercadorias é coisa muito distinta da mera expressão em dinheiro, do valor do trabalho." (16)

A crítica desta concepção, aponta Tugan, deve iniciar-se pela verificação da procedência desta distinção; devendo consistir sobretudo, na análise da sua utilidade científica, isto é, da sua eficácia como meio de investigação. Para ele, à luz destes critérios, o conceito Marxista de valor deve ser rechaçado, pois na sua opinião, "encerra uma contradição interna que o incapacita como instrumento de investigação." (17) O valor é para Marx - diz - não apenas trabalho mas trabalho objetivado. É preciso perguntar então, como se dá este processo de objetivação? A resposta possível é, ao seu juízo, a seguinte:

(14) Teoriticheskiia ... p.148.

(15) Op.cit., p.151.

(16) Op.cit., p.150-151.

(17) Op.cit., p.152.

"... na economia mercantil é impossível a comparação direta do trabalho empregado na obtenção dos diferentes produtos, porque o sistema econômico ... é conformado por produções independentes e autônomas nas quais as mercadorias formam o único laço de união. A objetivação do trabalho se expressa, portanto, no preço das mercadorias. Aparte o preço, a mercadoria não tem propriedade alguma na qual possa objetivar-se a quantidade de trabalho que contenha."

Não obstante o anterior, como reconhece o próprio Marx, diz Tugan:

"O preço das mercadorias não expressa a quantidade de trabalho que contém, senão a inversão de capital efetuada durante sua produção. No preço das mercadorias objetiva-se então, não o trabalho mas a inversão de capital e não podendo objetivar-se o trabalho mais que no preço das mercadorias, deve deduzir-se que esta objetivação não tem lugar." (18)

E aduz: "por conseguinte, o valor não é trabalho objetivado. Fica assim explicitado o caráter contraditório do conceito de valor." (19) Marx ter-se-ia, portanto, afrontado com um grave dilema: ou os preços das mercadorias determinar-se-iam pelo seu valor, mas neste caso, o valor não coincidiria com os custos de trabalho, ou não se determinariam desta forma e aí, perderia seu sentido o próprio conceito de valor. Num juízo muito semelhante ao expresso por Bernstein, Tugan aponta que a contradição referida teria minado o edifício teórico esculpido por Marx, o qual teria oscilado entre duas construções:

"nos três tomos d'O Capital, vacila o seu autor entre conclusões antagônicas: o reconhecimento ou a negação no trabalho de uma propriedade determinante do preço." (20)

(18) Op.cit.,p.152-153.

(19) Ibidem.

(20) Op. cit.,p.154.

A isto agrega as seguintes considerações:

"Isto imprimiu um selo fantástico a muitas passagens d'O Capital. Após ter negado expressamente que o preço das mercadorias gravite sobre os custos de trabalho, Marx adiciona uma fórmula após outra, superpõe teoremas e constrói um sistema que se complica cada vez mais, fundado no reconhecimento implícito de que o preço das mercadorias ... gravita sobre os custos de trabalho. O autor passa então a viver num mundo fantástico que deixa de ter relação com o real." (21)

No momento em que escrevemos não são raros, "sob a bandeira do marxismo esclarecido," clamores para que "se leve a sério a crítica de B.Bawerck à Marx." (22) Tugan parece ter sido o primeiro pensador de extração marxista a fazê-lo: aos seus olhos, não há subterfúgio lógico que permita provar que o trabalho necessário à produção constitua a substância do valor. Segundo ele, a condição necessária à existência do valor não é o dispêndio de trabalho mas a apropriação privada dos elementos dos quais depende o processo produtivo. "... bens gratuitos - escreve - podem possuir valor porque a condição (para isto) não reside em terem eles custado trabalho, senão, de depender de sua posse a satisfação das nossas necessidades." (23) "... o valor - acrescentará (ricardianamente) no texto de 1906 - é um fenômeno muito complexo que depende apenas em parte do trabalho invertido na produção." (24)

(21) Ibidem.

(22) Cf. por exemplo Massimo Cacciari, Krisis: Saggio sulla crisi del pensiero negativo da Nietzsche a Wittgenstein. Milano, Feltrinelli, 1976 (trad. esp. México, Siglo XXI, 1982) cap. 1; A. Cutler, B. Hindess, P. Hirst e S. Hussain. Marx's capital and capitalism today. London, Routledge e Kegan Paul, 1977 (trad. port. RJ, Zahar, 1980, v.1, p.52-54) e Claudio Napoleoni "L'enigma del valore" in: Rinascita, n.8, Fev.1978. (trad. esp. in: P. Garegnani et alii. Debate sobre la teoria marxista del valor. México, Siglo XXI, 1979, p.23).

(23) Teoriticheskiia... p.158.

(24) Sovremennyi ... p.59.

"Chamã-se de irracional o valor do solo - acrescentará provocativamente - pode-se chamã-lo do que se quizer, isto é uma mera questão de gosto, o fundamental é que este valor, qualquer que seja sua denominação, é um fato real e verdadeiro: todo proprietário que embolsa ao vender suas terras, uma importante soma, que nada tem de fictício, sabe-o muito bem..." (25)

Todo o anterior, adverte porém, moderando, não deveria induzir a concluir pela inutilidade total da teoria absoluta do valor-trabalho de Rodbertus-Marx. Sua impossibilidade de dar conta do processo real de formação dos preços é demasiado manifestado para que pensadores daquele calibre não o tenham percebido. Se ainda assim mantiveram-se firmes na sua defesa, foi certamente por considerarem-na indispensável para as suas reflexões, que tinham como objeto a elucidação das relações sociais sob o capitalismo. Uma crítica proveitosa de uma doutrina - aduz - deve não somente apontar o que ela tenha de falso, como também resgatar o que possua de correto. É isto o que faz a seguir.

A referida teoria, prossegue Tugan, tem, a despeito de suas contradições, uma idéia bastante fecunda que pode e deve ser explorada pela doutrina socialista: o trabalho certamente não deve ser concebido como substância do valor mas é indiscutivelmente "o único verdadeiro elemento de custo na economia humana..." (26)

"O erro de Rodbertus-Marx - argui - foi o de pretender identificar dois conceitos totalmente distintos, custo e valor, e em considerar sem valor os 'bens gratuitos'." (27)

"O valor de um objeto - aduz - advém de sua importância econômica como meio de satisfação de determinadas necessidades ... seu custo, dos gastos necessários à sua produção." (28)

(25) Op.cit., p.55. Evidentemente, a referência de Tugan aqui é à renda absoluta.

(26) Teoriticheskiiia ...p.157 (tb Sovremennyi...p.57-59).

(27) Teoriticheskiiia ...p.158.

(28) Sovremennyi...: p.58, Grifo meu.

A postura de Tugan é confessadamente "ética" com respeito à esta questão. Ele faz questão de sublinhar que está tratando da economia humana, e assim, quando fala de custos, ele os diferencia entre absolutos e relativos. Estes últimos relacionar-se-iam com o fato de que para lograr determinados fins, é necessário o consumo (gastos) de bens dotados de valor; estes gastos podem ser pensados então como custos necessários ao fim almejado. Tugan os classifica de relativos na medida em que eles não apareçam do ponto de vista da sociedade como um todo:

"O solo virgem - dirá - não possui nenhum átomo de trabalho humano e não obstante, possui valor o qual pode conseqüentemente expressar-se em um determinado preço. Para aquele que compra a terra com o objetivo de nela produzir, seu preço constitui um custo, custo este que não é absoluto senão relativo, pois conta como tal apenas para o comprador do solo, e para a economia privada onde o mesmo está inserido: a sociedade no seu conjunto não despendeu com a 'aquisição' do solo, o menor sacrifício." (29)

Os custos absolutos seriam aqueles representados pelo trabalho dispendido pela sociedade como um todo - e.j., trabalho humano - para a produção. (30) No universo da produção capitalista, prossegue, os chamados 'custos de exploração', considerados como base na inversão de capital realizada, são fundamentalmente custos relativos: os desembolsos de uma empresa não são genuinamente custos se forem considerados do ponto de vista da sociedade como um todo, já que se tornam receita para outros membros do corpo social. "O único gasto absoluto que requer o processo produtivo é, portanto, - conclui Tugan - o trabalho humano." (31)

(29) Teoriticheskiia ... p.159-160.

(30) Cf.op.cit.,p.158-160.

(31) Sovremennyi... p.58. Tugan observa ademais, a este respeito, que embora vacas, touros e cavalos, e até mesmo a queda d'água que move um moinho representem uma contribuição ao processo produtivo, não representam um custo absoluto de trabalho humano. "O trabalho do cavalo não é um gasto de força

"Chegamos portanto à conclusão - reafirma - que a riqueza social é criatura do trabalho humano ... Todos os bens econômicos podem pois, deste ponto de vista, ser considerados como quantidades determinadas de trabalho social, como cristalização de trabalho, para utilizar uma expressão ao gosto de Marx."

(32) A convergência com Marx, no entanto, extingue-se neste ponto. Dando prosseguimento a sua análise, Tugan o explicita claramente: "certamente - diz ele - não incorreremos no equívoco de Marx, não sustentaremos que somente o trabalho determina o valor dos produtos. A teoria do potencial produtivo como exclusividade do trabalho humano deve ser rigorosamente diferenciada da teoria marxista do valor como exclusividade do trabalho; as duas teorias, do ponto de vista lógico, não tem nada em comum."

(33)

Desta conclusão, Tugan extrairá - como veremos adiante - significativas implicações; tanto a reconstrução da teoria da exploração elaborada por Marx quanto a crítica das teorias neoclássicas da distribuição da renda, baseadas na "produtividade técnica do capital".

Não escapa entretanto à sua análise o fato de que do ponto de vista capitalista as coisas não são percebidas desta forma. Na ótica do capital não são os gastos de trabalho, mas as inversões de capital que formam os verdadeiros custos de produção:

vital do organismo humano" (Teoriticheskiia p.157) "Na economia humana - aduz - o sujeito é o homem... Se estudássemos a economia das abelhas estas o seriam, ou se quiséssemos estudar a economia dos bois, seriam-nos eles; em ambos os casos entretanto, o homem deixaria de sê-lo." (Ibidem).

(32) Sovremennyi... p.59.

(33) Op.cit.p.59-60.

"O característico da categoria de custos de produção no capitalismo consiste precisamente no completo desaparecimento da distinção econômica entre os homens e os objetos do seu comércio. Os homens e os meios materiais de produção aparecem indistintamente naquela categoria, confundidos como elementos de uma mesma espécie."

"Do ponto de vista capitalista, - aduz - o trabalhador é um dos tantos meios de produção, uma forma de capital." (34)

Pois bem, continua Tugan, ainda que esta "ótica capitalista" seja uma perspectiva unilateral, o sistema econômico capitalista funciona efetivamente segundo sua lógica (eg. a lógica que emana desta ótica). Esta é, a nosso juízo, sublinhemos, uma aguda percepção de Tugan, principalmente se for contraposta à reflexão de extração marxista, a qual nem sempre conserva em mente este ponto fundamental. Em consequência, ainda que sejam os gastos de trabalho os custos fundamentais do processo produtivo não são eles os elementos decisivos no processo capitalista de determinação dos preços:

"... os preços das mercadorias produzidas determinam-se não pelos custos de trabalho, mas pelos das inversões de capital. Os custos de trabalho são estranhos à consciência capitalista... Somente como inversões de capital influem os custos de trabalho nos preços, na medida em que aquelas inversões são o único gasto conhecido pelos capitalistas." (35)

A contradição que emana da convivência entre este princípio econômico objetivo do capitalismo e suas "modernas normas jurídicas", que reconhecem no trabalhador um cidadão livre com os mesmos direitos que um capitalista ou proprietário de terras, é algo que Tugan explorará intensamente na sua avaliação do destino histórico provável do sistema capitalista. (36)

(34) Teoriticheskii ...p.160-161.

(35) Op.cit.p.162.

(36) Cf. adiante, pp 147-151.

O questionamento da concepção marxista de valor serve-lhe como prólogo à crítica da "demonstração científica da exploração" intentada por Marx, ou seja, da teoria da mais-valia. "A teoria marxista da mais-valia - diz Tugan - que é ao mesmo tempo sua teoria do lucro, é uma consequência necessária de sua teoria do valor." (37)

De acordo com esta teoria, prossegue, a fonte única do lucro capitalista é o trabalho dispendido pelos operários no processo de produção, aparecendo os meios de produção, que Marx chama de capital constante, como um peso morto no referido processo, do ponto de vista da gênese do benefício a ser apropriado pelos donos do capital. A idéia em si não é nova, continua Tugan, William Thompson e os socialistas ricardianos já a haviam exposto muito antes de Marx. "A originalidade e a força de Marx - diz - consiste em ter ele derivado de uma idéia tão simples, tal amplitude de resultados." (38)

Não obstante porém, observa Tugan, é sabido que na prática cotidiana do mundo capitalista não se observa distinção alguma entre "capital constante" e "capital variável", no que concerne ao aparecimento dos lucros. Isto no entanto, aduz, não é contestado por Marx, ao contrário, ele o admite mas busca harmonizá-lo com a sua teoria explicando que ainda que sejam originariamente muito distintas as taxas de lucro relativas aos diversos ramos produtivos, elas são niveladas mediante a concorrência, que as transforma numa taxa geral de lucro que equivale a uma média das taxas anteriormente existentes. (39)

(37) Teoriticheskiia ... p.182. No trabalho de 1906, sustentará de modo similar que "a doutrina de mais-valia de Marx descansa sobre sua teoria do valor, e embora esta seja o antecedente lógico daquela, é a teoria de mais-valia que deve ser considerada como o núcleo central de todas as concepções econômicas e sociológicas d'O Capital" (Sovremennyi...p.52).

O anterior serve a Marx como base, continua Tugan, para a manutenção de sua proposição original, permitindo-lhe afirmar que ... "não obstante dependerem os lucros dos capitalistas considerados isoladamente, tanto do seu capital constante quanto do variável, os da classe capitalista como um todo tem origem exclusivamente no capital variável." (40) Pois bem, diz Tugan, a despeito de todo o talento empregado por Marx na construção de seu sistema, e da amplitude dos resultados obtidos ... "a teoria da mais-valia - escreverá no trabalho de 1906 - tal como está formulada, deve ser absolutamente rechaçada, pela ciência porque é falsa e (pelo socialismo. LBC) porque é supérflua." (41) A fundamentação desta audaciosa proposição sua, vem a seguir:

"Estas considerações - argumenta no texto de 1905 - devem ser contestadas na medida em que este processo de nivelção, que Marx apresenta de modo AD HOC, é imaginário e não corresponde em absoluto à realidade. Na realidade capitalista não se verifica em momento algum este processo, da mesma forma que não se vêem alteradas as quotas 'originárias' de lucro por conta da diversa composição dos capitais." (42)

E acrescenta:

"A teoria da mais-valia pode ser refutada tanto pela indicação de que a distribuição do produto social entre as diversas classes não segue a lei da mais-valia, quanto pela constatação de que a taxa de lucro independe, tanto em situação estática quanto em suas alterações, da composição do capital social." (43)

Este último ponto, Tugan o desenvolve, como veremos a diante, como parte de sua crítica à lei de tendência à queda na taxa de lucro, formulada por Marx. Com relação ao primeiro, seu questionamento embora se mova, inicialmente, no mesmo terreno

(38) Sovremennyi ...p.52.

(39) Cf. Teoriticheskiiia ...p.183.

(40) Marx citado por Tugan, op.cit., p.185.

(41) Sovremennyi... p.53, Grifo meu.

(42) Teoriticheskiiia ...p.183-184.

(43) Ibidem.

analítico que o já trilhado por Böhm-Bawerck, distancia-se enormemente das conclusões adotadas por este pensador. As suas, equidistantes, como veremos, do pensamento neoclássico e do marxismo ortodoxo, não de conduzi-lo a uma perspectiva teórica fascinantemente convergente com aquela que nos habituamos a chamar hoje, de neo-ricardiana. Vejamo-lo:

Partindo de esquemas de reprodução, tridepartamentais construídos em preços, Tugan os transforma para valores-trabalho e aponta as divergências inconciliáveis entre os resultados obtidos em cada caso.

"A comparação entre ambos - conclui - mostra que todas as relações ... são outras, segundo se expressem em uma ou outra forma (preços ou valores-trabalho. LBC)... Vemos pois que (diferentes) taxas de lucro se deduzem de preços e valores-trabalho. Qual delas é a real? Evidentemente aquela deduzida dos preços, já que a formação do lucro se processa efetivamente com base no preço das mercadorias... A taxa geral de lucro deveria ser totalmente distinta da que é ... se estivesse determinada pela mais-valia." (44)

Esta transformação invertida (preços → valores) realizada por Tugan, a despeito de totalmente inusual como metodologia de organização da crítica, foi uma operação analítica explicitamente referendada - vale a pena assinalar - por Bortkiewicz. Este, no seu trabalho supracitado, de 1907, assim diz a seu respeito:

"... até os dias de hoje, a crítica marxista mostrou-se pouco disposta a examinar com seriedade o procedimento empregado por Marx no terceiro volume d'O Capital para a transformação dos valores em preços de produção e para a determinação da taxa média de lucro está, em si, isento de contradições. Tugan-Baranovsky representa a única exceção neste sentido. Demonstrou, em particular, que

(44) Teoriticheskiia ...p.189.

não é válido o procedimento pelo qual Marx calcula a taxa média de lucro. Por sua parte, Tugan-Baranovsky demonstrou que é possível calcular corretamente sobre a base dos preços de produção e de uma taxa média de lucro dados, os correspondentes valores e taxas de mais-valia." (45)

É curioso que este ponto nunca esteja presente nos comentadores de Bortkiewicz, para não falar dos do próprio Tugan.

(46) Quanto à inspiração Böhm-Bawerckiana de seu ponto de partida, dizê-lo hoje não chega a causar nenhum impacto: considerado uma heresia pelo "alto clero" marxista em tempos passados, este ponto de vista frequente hoje, com desenvoltura, os círculos neo-marxistas. (47) Fechemos nosso parêntesis, retornemos às próprias idéias de Tugan:

"Deste modo, diz ele, fica demonstrado que a taxa geral de lucro não corresponde à relação de mais-valia com o capital social." (48) A teoria da mais-valia é falsa, escreverá na sua obra de 1906. "... porque parte de uma premissa falsa. O trabalho não é a substância do valor apesar dos esforços dos marxistas para demonstrá-lo. Ao fazer do trabalho a substância do valor, Marx colocou-se em irremediável contradição com os fatos. A doutrina socialista não lucrou nada com isto, vale dizer, compartilhar da teoria da mais-valia, pelo contrário, teve um enorme prejuízo." (49)

(45) Bortkiewicz, op.cit. (trad. esp. Buenos Aires, Siglo XXI. Cuaderno pasado y presente. (49), p.191, grifo meu).

(46) Recentemente, Ronald Meek viria a mencioná-lo (Cf. Smith, Marx and After: Ten essays in the development of economic thought. London, Chapman e Hall, 1977. Trad. esp. Madrid, Siglo XXI, 1980, p. 135) sem porém atribuir-lhe maior importância.

(47) Cf. por exemplo o ensaio de Napoleoni "Valore" (Milano, ISEDI, 1977, trad. port. Lisboa, Presença-Martins Fontes, sd.) esp. caps. 3, 5 e 6, além dos artigos contidos na coletânea supracitada (nota 22) e também Cutler, Hindess, Hirst e Hussain, op. cit., p.17-62; Cacciari, op.cit., p.11-14 e Ronald Meek, op. cit., 2a. parte.

(48) Teoriticheskiia ...p.190.

(49) Sovremennyi ...p.53.

E adiciona, algumas páginas adiante:

"Tomaria demasiado tempo enumerar todas as contradições existentes entre a realidade e as heresias da teoria absoluta do valor-trabalho. Ademais, isto não é necessário. Os adversários burgueses do socialismo já se encarregaram de fazê-lo e, graças a Marx, a luta que sustentam contra as doutrinas socialistas simplificou-se muito. A partir do dia em que a crítica socialista da ordem econômica existente passou a fundar-se na teoria da mais-valia, seus adversários tornaram-se, de um golpe, senhores da situação." (50)

Tal constatação seria desoladora, prossegue, se a teoria da mais-valia, do modo exposto por Marx, fosse indispensável ao socialismo, e se portanto ao seu abandono, equivalesse o abandono também da teoria da exploração. Afortunadamente não é assim, diz Tugan, pois a teoria da mais-valia é ... "completamente supérflua para o socialismo." (51) Para provar a existência da exploração, tanto na sociedade atual como nas organizações econômicas anteriores não é necessário recorrer a uma teoria do valor...

"Os san-simonianos e Pecqueur já haviam demonstrado - aduz - que esta exploração é inevitável na medida em que subsista a propriedade privada dos meios de produção." (52)

Para provar que o lucro capitalista descansa sobre a violência, argumenta Tugan, basta observar os fatos e ver que o operário não trabalha por amor ao capitalista, ou por prazer, senão porque é compelido pelas circunstâncias nas quais é obrigado a viver. A renda e o lucro descansam, na propriedade privada dos meios de produção: posto que o acesso ao solo e ao "capital" constitue requisito necessário à produção, proprietários e capitalistas trazem consigo o poder de se apropriarem de uma par

(50) Op.cit., p.55-56.

(51) Ibidem.

(52) Op.cit., p.57.

te alíquota da riqueza criada. "Esta possibilidade de adquirir mediante o poder sobre as coisas, um poder sobre o homem - diz - é a fonte, e a única fonte, da exploração sobre o trabalho." (53)

"Os fundadores do chamado socialismo científico-escreverã no trabalho de 1905, a este mesmo propósito - partiram de uma teoria do valor... é não obstante justamente isto, o anti-científico e equivocado no novo socialismo. O antigo, chamado de utópico, era, neste ponto, muito mais científico ao não querer dar às suas pretensões ético-sociais uma fundamentação objetiva impossível." (54)

A reflexão neo-marxista tem recentemente convergido, com "algum" atraso poderíamos dizer, para estas mesmas conclusões. (55)

(53) Ibidem.

(54) Teoriticheskii ...p.211.

(55) Meek por exemplo afirma, no sétimo capítulo de seu trabalho supracitado, que ... "a noção de que o lucro nasce exclusivamente do trabalho vivo, ou de que é 'uma subtração do produto do trabalho' não tem muita substância científica" ao que aduz: "Evidentemente devemos ser capazes de fazer afirmações de algum tipo sobre a exploração, e tem que ser proposições que atinjam o coração do assunto. Para o próprio Marx, o coração do assunto consistia indubitavelmente no fato (já mencionado) de que na economia capitalista, como resultado do monopólio (dos meios de produção. LBC) detido pelos patrões, a força do trabalho se vê obrigada à 'execução de mais trabalho que aquele prescrito pelo estreito âmbito de suas necessidades vitais'." (p.162-163).

Cutler, Hindess, Hirst e Hussain concluem de modo parecido, na sua obra conjunta, quando escrevem: "afirmamos que a estrutura das relações sociais capitalistas não só pode ser analisada sem a teoria do valor, mas que esta teoria é na realidade um obstáculo a tal análise (p.53, grifo dos autores). O Filósofo Lucio Colletti tem, como se sabe, chegado às mesmas conclusões (Cf. seus títulos citados na nota 62 do segundo capítulo).

2.2. NEM MARX, NEM BÖHM-BAWERCK

As objeções de Tugan ao pensamento de Marx são acompanhadas de uma igual recusa da explicação neoclássica da distribuição da renda, a qual procura como se sabe, desligar a gênese do lucro e da renda de qualquer mecanismo de exploração. A teoria que nasce com J.B.Say, diz Tugan, e vê nos salários, nos juros e na renda da terra a indenização pelos serviços produtivos prestados pelo trabalho, capital e solo, parece justificar o lucro capitalista. (56)

"... para Böhm-Bawerck, - observa - como para Von Wiesser, Marshall, Menger e outros modernos representantes da teoria da produtividade, a produtividade técnica do capital constitui a base natural do lucro capitalista." (57)

"Esta tese - prossegue - é até hoje a dominante entre aqueles economistas que rechaçam a teoria da exploração. Böhm-Bawerck, por exemplo, criticou-a severamente, mas sua crítica (à teoria da exploração. LBC) foi pouco afortunada, na medida em que padece de um defeito básico, qual seja, a sua própria concepção de capital." (58)

O capital que produz benefícios é concebido, nesta explicação como constituído de máquinas e ferramentas, cujo uso faz ascender os rendimentos da produção. "Em minha opinião - diz Tugan - este ponto de vista descansa num completo desconhecimento da essência do problema." (59) É certo, acrescenta, que o uso de máquinas incrementa os rendimentos da produção, os capitalistas entretanto, pouco tem a ver com isto:

(56) Teoriticheskiia ...p.211.

(57) Op.cit.,p.217.

(58) Op.cit.,p.216, grifo meu.

(59) Op.cit.,p.209.

"É fato que o capital e o solo são tão imprescindíveis para o processo produtivo quanto o trabalho; não se pode entretanto dizer o mesmo dos proprietários e capitalistas. Também em poder dos trabalhadores, conservaríamos o capital e o solo, suas virtudes produtivas." (60)

Em outras, mas também suas palavras:

"Trabalho e capital ou solo são incomparáveis entre si... O capital e o solo, como meros objetos, constituem meios econômicos" o trabalhador porém "é um sujeito, uma pessoa humana, um fim em si por conseguinte." (61)

A conclusão é límpida:

"A exploração radica, do ponto de vista da teoria da produtividade, não no fato de que o capital ou o solo não concorram para o incremento do valor produzido, senão em que dele se priva os trabalhadores para transmiti-lo aos que não trabalham." (62)

Tugan reconhece em Rodbertus o solucionar desta questão:

"Rodbertus - diz - deu ao problema da origem do lucro, uma solução definitiva. A renda, diz este notável pensador, descansa sobre dois requisitos primordiais. Primeiro, não é possível renda alguma enquanto, com o trabalho, não se possa obter mais do que o necessário para viver; pois é impossível que, sem um PLUS semelhante, alguém sem trabalhar para si mesmo, possa obter regularmente um benefício. Segundo: tampouco é possível uma renda sem a existência de instituições que privem deste PLUS, ou de parte dele, os trabalhadores, e o concedam a outros que não trabalham... Que o trabalho proporcione este PLUS descansa sobre os fundamentos econômicos que elevam a produtividade do mesmo. Que todo este PLUS, ou parte dele seja retirado dos trabalhadores e transferido a outros, se funda no direito positivo, que coligado de antemão com o poder, leva ao cabo continuamente esta subtração." (63)

(60) Ibidem. Grifo meu.

(61) Ibidem. Grifo meu.

(62) Op.cit., p.212.

(63) Op.cit., p.220.

Subscrevendo estas palavras, Tugan avança mais uma conclusão familiar ao pensamento contemporâneo sobre o tema em questão: a problemática da distribuição da renda decide-se fundamentalmente no nível político da sociedade, e não nos seus níveis econômico ou técnico:

"Cada classe - dirá - aspira a apropriar-se de uma parcela tanto maior quanto possível do produto social. Somente a luta pôde determinar a quota de participação de cada uma. A quota dos capitalistas será tanto maior quanto mais poderosos eles apareçam frente aos trabalhadores, bem como às demais classes." (64)

Ao que acrescenta, como uma crítica dirigida simultaneamente ao marginalismo e ao marxismo:

"... uma teoria exata da distribuição do rendimento nunca poderá ser deduzida como mera consequência de uma teoria do valor. Assim o percebeu Ricardo quando escreveu em uma de suas cartas à Mac-Culloch esta importante regra metodológica: ao fim e ao cabo, todos os grandes problemas acerca da renda da terra, salários e lucros tem que ser explicados pelas proporções em que se distribui o produto total entre proprietários, capitalistas e trabalhadores, as quais não estão em relação com a doutrina do valor." (65)

Permita-nos aqui o leitor, uma rápida reflexão: o exame destes textos de Tugan é de fato impactante. Referimo-nos, e o leitor certamente já terá percebido, à impressionante convergência existente entre as suas colocações e o moderno paradigma "neo-ricardiano" calcado fundamentalmente sobre a obra de

(64) Op.cit., p.222.

(65) Op.cit., p.226. Sobre a questão da determinação dos salários diz: "...não há uma regra fixa que determine a quantia de salário, a qual tem como limite mínimo o necessário para a subsistência do trabalhador, e como máximo, a totalidade do produto do trabalho, descontados os meios de produção consumidos" (p.222). Num longo ensaio animado por preocupações diferentes das nossas, Wolfgang Müller e Christel Neusiiss perceptivamente assinalam que ... "Tugan-Baranovsky already perceived distribution purely as a power

Piero Sraffa.(66) Ao lidar com estes textos seus, assaltou-nos, devemos dizê-lo, uma perturbadora sensação de déjà-vu, mas com a singela diferença de um sinal trocado, isto é, enquanto a obra de Sraffa data, como se sabe, de 1960, os textos de Tugan que examinamos foram escritos em 1905 e 1906 .

Com efeito, pode-se observar que ambos se constroem em um espaço de crítica tanto ao marginalismo quanto aos fundamentos do pensamento de Marx. (67) ambos se utilizam de um conceito de excedente de tipo ricardiano, recusam a pretensão tanto de ligar a formação de preços meramente a quantidades de trabalho objetivadas nas mercadorias, quanto a explicar a distribuição de renda com base apenas na análise do valor. E ainda, de ambas emerge a possibilidade de eliminar os raciocínios de tipo circular nas questões relativas à determinação de preços e taxas de lucro.

issue, while seeing production as determined by economic and technical laws" (Cf. "The illusion of state socialism and the contradiction between wage labor and capital" in: TELOS 25, Fall, (14):19, 1975).

(66) Production of commodities by means of commodities, Cambridge, Cambridge Univ.Press, 1960 (trad.port, Rio de Janeiro, Abril, 1985. Os Economistas).

(67) Ainda que, no que diz respeito à Sraffa, a crítica ao pensamento de Marx esteja fundamentalmente implícita, como observou, por exemplo, Napoleoni. Provavelmente, acrescentamos nós, por razões históricas - a posição já francamente defensiva do Marxismo, nesta questão, à época - e de simpatias políticas (Cf. de Napoleoni, Valore, ed.cit.p.167; e também Fabio Ranchetti "Se la teoria economica dubita del capitalismo in: Rinascita, (31):Ago., 1978 (trad.esp. in: Debate sobre la teoría Marxista del valor. México, Siglo XXI, 1979). Em tempo, é no mínimo curioso como no debate contemporâneo acerca das relações (e principalmente da compatibilidade) entre Marx e Sraffa, teóricos da estatura de um Garegnani terminem por - na sua ânsia de, como já se disse, tornar Sraffa assimilável pelo Marxismo - minimizar o potencial destrutivo, sobre o edifício teórico erigido por Marx, da obra Sraffiana (Cf.de Garagnani "La realtà dello sfuntamento in: Rinascita, (9):Mar., 1978 - trad.esp. in op.cit.supra). Muito mais pertinentes parecem-nos as

Diremos mais, se é certo que a "escola de Sraffa" desenvolveu com profundidade e rigorosa precisão lógicas análises referentes à determinação dos "preços de produção" e à influência neles exercida pelas "variáveis distributivas" (taxa de lucro e salários); (68) não menos o é, o fato de que a perspectiva representada por Tugan é mais abrangente - e neste sentido, ultrapassa a de Sraffa, sendo, não obstante, fundamentalmente compatível com ela - enquanto reflexão sobre o processo global de funcionamento do capitalismo.

Numa longa carta à propósito da relação entre Marx e Sraffa, enviada em 1975 aos editores de New Left Review, Geoff Hodgson assim se pronunciava acerca deste último:

"He (Sraffa) does not provide a systematic conceptual analysis of the capitalist mode of production, or a theory of exploitation, alienation and fetishism. That is the major weakness of his work... (where) there is no trace of a revolutionary critique of capitalist society." (69)

Ao que, agregava:

"As far as I am aware, a complete 'neo-Marxian' critique of Marx which is consistent with Sraffa's formal results, has not been constructed. I am certain that such a critique must be developed... it is necessary to develop theories of value, fetishism, exploitation, and capitalist development that are compatible with Sraffa's formal results." (70)

intervenções de Colletti e Napoleoni, no colóquio em questão. O esforço de Garegnani é, a nosso juízo, não só infrutífero, como desnecessário, pois, como tão precocemente nos mostra Tugan, nem a teoria do valor de Marx é imprescindível ao argumento da exploração, nem é necessário ser marxista para permanecer socialista, ou mesmo, lutar, com boas armas, pelo socialismo...

(68) Cf. por exemplo Alessandro Roncaglia: Sraffa e la teoria dei prezzi. Roma, Gius-Laterza, 1975 (trad.ing. John Wiley & Sons, 1978, esp.p.117).

(69) New Left Review, (90): Mar./Abr., 1975, p.111.

Pois bem, sugeriremos (talvez melhor seria dizer atrevemo-nos a sugerir) que as respostas à estas (legítimas) demandas de Hodgson podem ser encontradas na obra de Tugan. E ainda, que o Marxismo poderia há muito, caso houvesse incorporado suas críticas e suas colocações, ter saído da posição francamente defensiva em que se encontra, para assumir a vanguarda da reflexão teórica e política acerca do desenvolvimento e das perspectivas de superação do modo de produção capitalista. Adiemos, porém, as nossas conclusões; tornaremos a este ponto na conclusão do presente trabalho.

Retornando ao tema da exploração em Tugan, assinalamos por fim, que a rejeição da teoria da mais-valia, tal como formulada por Marx, não o impede, como vimos, de subscrever o argumento principal a ela correlato. Qual seja, que o capitalismo é um modo de produção antagônico, fundado na exploração do homem pelo homem, injusto portanto, e sem autoridade por conseguinte para reivindicar "vida eterna". Deve ser todavia, sublinhado, que

(70) Op.cit., p.111-112. Napoleoni ao comparar, intentando uma -ainda que tímida - defesa do pensamento de Marx, as teorias neoclássica e marxista do valor, assim se expressa em seu trabalho, supracitado, Valore: "...A própria teoria do valor com a qual não é incompatível a determinação Sraffiana dos preços, isto é, a que está contida nos modelos de acumulação (do tipo de Von Neumann.LBC) padece de um defeito que se torna bem evidente se a confrontarmos com a teoria marxista do valor: nesta última há uma explicação (não importa aqui se aceitável ou não!LBC) do excedente... o qual tem origem na exploração; na outra ao contrário, o sobreproduto é apenas presuposto, não se sabendo nada sobre a sua origem. O mesmo ... sucede com Sraffa..." (p.177). Descontando o absurdo da indiferença do autor acerca da aceitabilidade ou não da explicação fornecida por Marx, vale indicar que a teorização realizada por Tugan não padece, como vimos, do tipo de indeterminação, que Napoleoni estende à obra de Sraffa. Na realidade, pensamos, o debate contemporâneo a este respeito carece das considerações desenvolvidas -há tanto tempo - por aquele pensador.

suas idéias são a este respeito algo mais penetrantes do que a colocação marxista tradicional, que quando fala de trabalho humano tem em mente, quase sempre, simplesmente o trabalho manual. Para Tugan "(a riqueza social é...) produto não apenas dos trabalhadores empregados na produção, senão que de todo o trabalho social que colabora para a prosperidade econômica, quer dizer, também do trabalho intelectual aplicado em todos os ramos ... os trabalhadores dirigem as máquinas mas, para a criação destas é necessário algo superior ao esforço muscular. Sem a ciência, o trabalho imediato seria tão impotente quanto um pássaro sem asas".

É certamente equivocado - adverte em seguida - considerar os capitalistas como os promotores do progresso industrial. O capitalista apropria-se dos seus frutos mas não os produz..." (71)

E reafirma:

"É igualmente incorreto considerar os trabalhadores ocupados na produção como os únicos impulsores do progresso industrial. A sociedade toda, como uma unidade cultural, produz o PLUS - produto de que irão apropriar-se os poderosos. Este PLUS - produto é criação tanto do trabalho genial da inteligência quanto do trabalho mecânico dos produtores imediatos." (72)

Importantíssimas conclusões (de certo modo antevistas por Marx nos Grundrisse mas ausentes d'O Capital) (73) sobre um tema que, com exceção de uma polêmica ocorrida na virada dos anos vinte, no interior do Institut Fur Sozialforschung opondo Henryk Grossmann à Friederick Pollock, (74) somente viria a ser

(71) Teoriticheskiia... p.224. A isto agrega: "Muito poucos grandes inventores enriqueceram com seus eventos. Se os milhões de um Arkwright ou de Watt foram criados por seu gênio, evidentemente não se pode dizer o mesmo dos inumeráveis fabricantes que desde então se utilizam das máquinas de fiar e de vapor".

(72) Op.cit., p.225.

discutido no interior do "Sraffa debate". Elas aliás não soariam mal aos ouvidos dos quatro autores de "Marx Capital and Capitalism Today":

"Uma vez eliminados os limites da teoria do valor - dizem-nos Cutler, Hindess, Hirst e Hussain -, então torna-se possível corrigir e desenvolver a análise que fez Marx da fábrica como um processo complexo e coletivo de produção. Se reconhecermos que a agência de transformação de matéria-prima é o processo complexo (inclusive cada um de seus elementos necessários, máquinas, o trabalhador coletivo, técnicas e conhecimentos), então o produto resultante só pode ser atribuído ao próprio processo (e a todas as suas partes combinadas) e não ao trabalho ou tempo de trabalho apenas." (75)

Tugan já o havia percebido, há pelo menos setenta anos... seu capítulo em questão conclui com as seguintes observações:

"A teoria aqui desenvolvida coincide, pelo seu conteúdo social, e em seus pontos essenciais, com a teoria da exploração de Rodbertus-Marx. Seu fundamento econômico é não obstante, outro, está livre de toda e qualquer relação com a teoria absoluta do valor-trabalho ... O entusiasmo de muitos socialistas (por esta teoria) descansa em um mal-entendido; as justas pretensões da classe trabalhadora não necessitam fundamentar-se nela... a exploração continua sendo para as novas doutrinas (Tugan refere-se aqui, presumivelmente, à sua própria.LBC), o fundamento do lucro capitalista e, com isto, mantém-se a crítica socialista da ordem econômica reinante." (76)

(73) Cf. Grundrisse ed., cit., v. 2^a, p.227 e segs., e também Seigel op.cit., caps.10 e 11.

(74) Cf. Martin Jay, op.cit., p.49, onde o autor nos revela entretanto que as observações críticas de Pollock a este respeito (às quais ele teve acesso) jamais se publicaram.

(75) Op.cit., p.46. O parágrafo conclui com as seguintes palavras: "Estas análises não foram feitas, tendo sido afogadas pela concentração no trabalhador direto e na produção de mais-valia relativa" e remete ao livro de Harry Braverman (Labour and Monopoly Capital) como um paradigma do que acabara de ser dito.

(76) Teoriticheskiia ... p.225-226.

2.3. O MOVIMENTO DA TAXA DE LUCRO

Tratemos de ver agora um ponto central à nossa investigação. Toda a reflexão anterior deságua no questionamento radical da lei de tendência à queda na taxa de lucro por efeito da elevação da composição orgânica do capital. A crítica de Tugan a este elemento da obra de Marx constrói-se em dois níveis. Podemos chamá-los de interno e externo vale dizer, refutando as conclusões a despeito da aceitação das premissas (crítica interna) e recusando as próprias premissas que dão origem às conclusões (crítica externa). Vejamo-lo por partes.

O homem de negócios comum julga, observa Tugan, que a substituição, na sua empresa, de trabalho humano por máquinas não lhe diminui os lucros senão que, ao contrário, geralmente os eleva. Pois bem, é precisamente neste ponto, prossegue, que Marx crê que deva celebrar-se a maior vitória de sua teoria do valor e da mais-valia, na medida em que, com ela, fica ele habilitado a demolir este "conventional wisdom" característico da mentalidade capitalista. Marx pretende ter, partindo de suas premissas ... "descoberto (o verdadeiro fundamento) da lei mais importante no desenvolvimento da economia capitalista: a lei de tendência decrescente da taxa de lucro, que designa como 'o problema em torno de cuja solução gira toda a economia política desde Adam Smith'." (77)

"A lei em si é muito elementar - continua Tugan - e parece derivar-se com necessidade lógica da teoria absoluta do valor trabalho." (78) "Esta apa-

(77) Teoreticheskiia ...p.190.

(78) Op.cit.,p.191.

rência é entretanto falsa - aduz -, a referida lei não se deduz desta teoria. Creio tê-lo já de mostrado no meu livro 'Estudos para uma teoria das crises comerciais em Inglaterra'. Aqui, limitar-me-ei a apresentar uma outra face do problema procurando, ao mesmo tempo, indicar a verdadeira lei de movimento da taxa de lucro." (79)

No trabalho de 1894, sua argumentação se centra na indicação do descuido de Marx para com a integração das "causas contrarrestantes" ao mecanismo de ação da lei, problema este que, como vimos, será também objeto da crítica de Bernstein. Com maior precisão analítica que seu contemporâneo, Tugan aponta, em particular, a negligência de Marx para com o fenômeno do barateamento do capital constante, concebido (por Tugan) como resultado habitual da introdução do progresso técnico:

"(Na colocação de Marx) - diz - ... prescinde-se quase que por completo da influência do aumento da produtividade do trabalho sobre o valor dos produtos do trabalho. A substituição de trabalhadores por máquinas tem que aumentar a produtividade do trabalho. O valor-trabalho de qualquer quantidade determinada de produtos deve decrescer ... O valor da força de trabalho também deve fazê-lo, e a exploração do trabalhador a aumentar. Por conseguinte, também a taxa de mais-valia deve aumentar. Por outro lado - aduz - dado que o valor de todos os produtos decresce, deve decrescer também o valor do capital constante. Todas estas influências do aumento da produtividade do trabalho sobre o valor do capital não são considerados por Marx. Por conseguinte, uma solução adequada do problema não é tão simples como Marx supõe." (80)

(79) Ibidem.

(80) Promyshlennye kriziisy ... citado (pela edição alemã, Studien zur theorie und geschichte des Handelskrisen in England, JANE, 1901, p.210-211) por Kautsky na sua resenha deste trabalho, intitulada "Krisentheorien", publicada em Die Neue Zeit, 20, 1901-1902 (trad. esp. in: Colletti ed., op.cit., p.191-192).

No mesmo ano da edição original do trabalho de Tugan - 1894 - (81) Engels, como vimos, fornecia, no seu capítulo anexado ao terceiro volume d'O Capital, base empírica para esta formulação. (82) Somente na virada dos anos vinte, este ponto de vista crítico haveria de ser retomado, por Natalie Moszkowska, uma pouco conhecida economista polaca, a qual por sua vez não atribui a Tugan (ou a Engels) o crédito pela paternidade da colocação. (83) Recentemente, Ian Steedman por exemplo (e entre nós, Eginardo Pires) tem voltado a insistir nesta mesma linha de argumentação. Steedman num curto e preciso artigo titulado "Value, Price and Profit", publicado na revista inglesa New Left Review, faz as seguintes considerações:

(81) Devemos registrar aqui uma dúvida: não é impossível que as considerações de Tugan acerca da "lei de tendência" de Marx estivessem ainda por desenvolver quando da publicação da primeira edição russa de seu trabalho supracitado. É certo que elas se encontram na edição alemã do mesmo, mas esta é de 1901. Por outro lado, Kowal, provavelmente seu mais autorizado biógrafo intelectual, data de 1899 o primeiro trabalho crítico de Tugan a este respeito (Cf. op.cit., p.150). Tugan por sua parte, parece confirmá-lo (Cf. Teoreticheskiia... p.204). Uma conclusão definitiva a respeito pareceno-nos imprudente já que nenhum dos dois (Kowal e o próprio Tugan) é taxativo sobre a possível incorporação da crítica somente quando da tradução alemã de 1901. A edição francesa de 1913, à qual tivemos acesso, não contém este material presente na alemã. A conjectura possível, neste caso, é a de que Tugan tenha a partir de 1905, procurado separar, na medida do possível, sua investigação sobre as crises e o ciclo, de suas opiniões críticas sobre o pensamento de Marx.

(82) Cf. cap.1 supra.

(83) Cf. de Moszkowska. Das Marxschen System. Berlim, 1929 (trad. esp. México, Siglo XXI, 1979, p.110 e segs.); Zur Kritik Modernes Krisentheorien. Berlim, 1935 (trad. esp. México, Siglo XXI, 1978, p.52 e segs.) e Zur Dynamik des Spätkapitalismus, München, 1943 (trad. esp. México, Siglo XXI, 1981, p. 17-55). Colletti na sua nota introdutória ao texto de Marx sobre a "lei", no volume supracitado por ele editado, por razões não muito claras (já que lidou com os textos originais de Tugan, bem como com o de Kautsky sobre ele) "esquece-se" de mencionar Tugan, apontando Moszkowska como a primeira predecessora deste tipo de argumentação: Tugan não parece ter tido a simpatia nem daqueles que subscrevem suas posições.

"As is well-known, Marx, starting from his formula $S/(C + V)$ for the rate of profit, pointed out that a rise in C/V tended, S/V remaining constant, to reduce $S/(C + V)$. He asserted, further, that C/V does rise through time under capitalism. Thus, while he drew attention to a number of counteracting tendencies, Marx does appear to have thought that $S/(C + V)$ would fall in the long run ... In the first place, there is no obvious reason why any tendency to fall should be regarded as 'fundamental', while tendencies to rise should be dubbed 'counteracting'. The labels could just as well be reversed and it is far from clear why the cheapening of the elements of constant and variable capital should not suffice to maintain or raise $S/(C + V)$. Secondly - prossegue Steedman -, while Marx asserted that C/V tends to rise under capitalism, he did not know that it rises. Indeed no-one knows or ever has known the magnitude of C/V for a single economy even at one point of time, let alone known its trend over time. While C/V ... is calculable in principle, the fact is that it never has been calculated and that any attempt at such a calculation would be fraught with difficulty. Nor may the movement of C/V be inferred from published statistics, for the latter are always in price terms and value aggregates may move quite differently from the corresponding price aggregates." (84)

O estudo conclui com o seguinte parágrafo:

"There is, at present, no respectable Marxist theory of a long-run tendency for the rate of profit to fall. Thus any existing Marxist analyses of capitalist development which are based on the existence of such a tendency are, as yet, without theoretical formulation." (85)

(84) New Left Review, (90):79-80, Mar./Abr., 1975.

(85) Ibidem. Colletti, na sua nota introdutória supracitada, assim se expressa a este respeito: "... o ponto que parece mais insatisfatório na exposição de Marx, tal qual esta chegamos, é o que concerne aos efeitos do aumento da produtividade do trabalho na sua relação com o 'barateamento do capital constante'... Talvez se deva dizer que Marx não teve suficientemente em conta este importantíssimo fator". (op.cit., p.53).

Quanto à Eginardo Pires, um dos poucos pensadores, entre nós, a se preocupar com este aspecto da questão, e também um dos raros a conjugar fortes simpatias pela obra de Marx com um espírito científico incapaz de a elas se dobrar; podemos dele ler as seguintes considerações: "É verdade que esta concepção de Marx sobre a tendência ao crescimento do capital fixo era defensável por seu realismo: desde as últimas décadas do século XVIII até o seu tempo, não foi na produção de meios de produção que se verificaram as mudanças tecnolôgi-

A investigação histórica objetiva não pode deixar de reconhecer em Tugan-Baranovsky o verdadeiro 'fundador' deste tipo de reflexão.

A "outra face" desta crítica interna, desenvolvida apenas no trabalho de 1905, consiste na sugestão de que as conclusões auferidas por Marx, sobre o declínio tendencial da taxa de lucro, ter-se-iam baseado num equívoco manifesto: Marx haveria confundido, tomando os primeiros pelos segundos, os efeitos de uma queda com os de um aumento na produtividade do trabalho, sobre o comportamento da taxa média de lucro.

Tugan assim introduz a discussão:

"Não se pode dizer, a priori, qual influência há de ter sobre a taxa de lucro, a redução relativa do capital variável social, pois aquela deve ser diversa segundo as causas desta diminuição. Pode ocorrer por dois motivos, a saber: primeiro, pela diminuição da produtividade do trabalho social e segundo pelo seu incremento. Ambos os casos devem, portanto, ser examinados..." (86)

cas mais espetaculares da indústria capitalista e sim nos setores produtores de artigos de consumo e nos serviços de transporte. Era legítimo, portanto, ver no aumento da razão capital/produto uma característica fundamental do desenvolvimento das forças produtivas capitalistas. Mas também Ricardo havia formulado anteriormente sua concepção da lei da queda da taxa de lucro... Marx nos seus Grundrisse, criticou-o nestes termos: "Ele só apresenta um caso particular. É como se declarasse que a taxa de lucro baixa em consequência de um aumento momentâneo do salário, ou se elevasse a lei geral um fato que se verifica no decurso de um período de 50 anos, mas evolui no sentido inverso nos 50 anos seguintes, como o desequilíbrio histórico entre o desenvolvimento da agricultura e o da indústria." A crítica atingia o seu próprio autor no momento em que ele formulava, como sabemos hoje, pois ao longo do século XX, o desenvolvimento capitalista parece ter sido acompanhado não por um aumento, mas por um declínio contínuo da razão capital-produto" (Cf. "Valor-trabalho e ideologia" in: Encontros com a Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, (23):Maio, 1980, p.106. Agora também em Ensaio Econômico, Rio de Janeiro, Achiame, 1984, p.28-64. Ver também, neste mesmo volume, p.150-159, onde o mesmo tema é discutido por um outro ângulo).

(86) Teoreticheskiia... p.191-192. Grifo meu.

Utilizando novamente seus esquemas, Tugan se detém em primeiro lugar no caso do decréscimo na produtividade do trabalho:

"O esquema seguinte refere-se ao primeiro caso ... o da diminuição da produtividade do trabalho ... Eu parto da suposição, por exemplo, de que em virtude do esgotamento do solo e das minas, os custos de trabalho para a obtenção de mineral de ferro, carvão, grãos e outras matérias-primas sobe consideravelmente, o que conduz a um aumento do valor-trabalho de uma unidade de produto, de 25%. Isto obriga aos capitalistas a empregar uma (maior. LBC) parte dos seus lucros para cobrir os (novos-LBC) custos de produção, sobre a base de um capital constante e variável aumentado." (87)

"Para acercarmos-nos mais à realidade capitalista - prossegue -, suponho também que o incremento do valor-trabalho de cada unidade de produto (e também, por conseguinte, dos meios de consumo dos trabalhadores) conduz à uma redução na remuneração efetiva do trabalhador (isto é, da massa de meios de consumo da qual os trabalhadores dispõem) em 10%." (88)

O resultado desta situação, argui Tugan, é uma elevação da composição orgânica do capital, que se processa em simultâneo ao decréscimo do salário recebido pelo trabalhador, e pressiona negativamente a taxa média de lucro dos setores de produção. A taxa de lucro, dirá ele, que na primeira fase ascendia à 33,3% cai na segunda (sob as novas e piores condições de produto) para 24,1%; contraindo-se, portanto, consideravelmente, a despeito da redução salarial. (89) "Acaso o anterior robustece, ao invés de invalidar, a lei marxista", (90) inquire Tugan, e responde:

(87) Op.cit., p.192.

(88) Op.cit., p.192-193. Isto é, os mesmos salários nominais compram, agora, uma quantidade menor de mercadorias.

(89) A operação realizada por Tugan, sobre a base dos esquemas de reprodução, encontra-se nas páginas 193 e 194 de sua obra em questão.

(90) Op.cit., p.195.

"Não se pode discutir que em determinadas circunstâncias, a elevação da composição orgânica do capital está associada a uma queda na taxa de lucro. Mas, quais são as circunstâncias? O caso investigado refere-se à hipótese... da queda na produtividade do trabalho; o incremento da referida composição pode ter lugar também por outra causa, a saber, do seu incremento." (91)

Ele então, inverte o argumento anterior, prosseguindo na sua tentativa de redução ao absurdo:

"Os progressos da técnica - argui - conduzem ao aumento do capital fixo (máquinas, ferramentas, etc.) empregado na produção, e posto que a elevação da produtividade do trabalho expressa-se no aumento da quantidade de matérias-primas utilizadas, crescerá o capital circulante em relação ao variável (salários), o qual reduzir-se-á à parte menos expressiva do capital social." (92)

No seu segundo exemplo, (93) Tugan parte da hipótese de que a introdução de novos métodos de produção eleva em 25% a produtividade do trabalho e aumenta, na mesma proporção, a quantidade disponível de produto. Trabalha também com o suposto de um aumento do salário real "... suponho também - diz -, para não aparecer como partidário da 'lei de bronze dos salários' que da elevação da produtividade do trabalho participam também os trabalhadores, e que seus salários reais aumentam em 10%." (94) O processo de reorganização do capital social que tem lugar sobre estas novas condições de produção resulta numa elevação da sua composição orgânica, a qual se acha, todavia, conectada com um substantivo aumento da taxa de exploração. A taxa de lucro, a despeito de pressionada negativamente pelo incremento da relação

(91) Op.cit., p.195-196.

(92) Op.cit., p.196.

(93) Cf. op.cit., p.197-199.

(94) Ao que aduz: "Marx parte, na sua fundamentação da lei de tendência à queda na taxa de lucro, do suposto da invariabilidade dos salários reais. Minha proposição deveria dar realce ainda maior à lei marxista" (op.cit., p.196-197).

entre capital constante e variável, vê-se impulsionada para cima, pelo mais que compensador aumento da extração de mais-valia.

Esta linha de crítica à Marx logo viria a ser retomada por Bortkiewicz, reaparecendo posteriormente também, por exemplo, nos discursos de Sweezy, Joan Robinsson e Claudio Napoleoni. (95)

"Vemos - diz Tugan - que a redução relativa do capital variável pode estar acompanhada de uma alteração em sentido inverso da taxa de lucro, conforme a origem daquela redução." (96)

Ao que, acrescenta:

"É por demais bastante óbvio que seria contrário à todas as leis da economia, que fenômenos antagônicos como o descenso ou o aumento da produtividade do trabalho exercessem um mesmo efeito sobre a taxa de lucro." (97)

Qual dos casos, inquire, queria Marx investigar, o do descenso ou o do ascenso da produtividade do trabalho? Evidentemente o segundo, responde, que é o único que corresponde à realidade capitalista.

"Marx queria - conclui - determinar a influência deste (segundo. LBC) momento sobre a taxa de lucro mas envolveu-se num portentoso QUI PRO QUO, ao invés da subida da produtividade do trabalho, investigou o caso contrário - o do descenso da mesma - e, desta forma, chegou à sua lei da tendência declinante da taxa de lucro." (98)

(95) Cf. de Bortkiewicz, "Wertrechnung und Preisrechnung in Marx'schen System". Tübingen, 1907 (trad.ingl. in: International Economic Papers, (2):5-60, 1952). Quanto à Sweezy e Joan Robinsson ver, respectivamente, The Theory of Capitalist Development, ed.cit., cap.VI e An essay on Marxian Economy, London, MacMillan, 1942, cap.5. De Napoleoni, a seção VI de sua "introdução geral" ao volume, supracitado, editado em conjunto com Colletti (trad.cit.p.22-40). Nenhum deles, "naturalmente", entretanto, refere Tugan como o pioneiro na argumentação.

(96) Op.cit., p.200.

(97) Op.cit., p.201.

(98) Op.cit., p.202.

Utilizando um instrumental analítico muito mais sofisticado, Mário Luiz Possas, parece ter chegado, recentemente, à parecidas conclusões. Num artigo baseado na sua, ambiciosa, tese de doutoramento assim se expressa Possas a este respeito:

"A referida lei poderia em princípio ser formulada em dois níveis: enquanto 'tendência' sem estatuto legal, envolvendo forças contrapostas e teoricamente indeterminadas quanto à direção, que se resolvem no movimento real; e enquanto 'lei' mas do limite geral e imanente do modo de produção capitalista. Neste último caso, o presente modelo ... seria provavelmente um instrumento satisfatório para expor a natureza da referida lei. Contudo, com este modelo demonstra-se sem dificuldade que, em face do desenvolvimento das forças produtivas que está na base da formulação de Marx, e independentemente do que suceda com a composição orgânica do capital em valor ou preços, a consequente elevação da produtividade do trabalho - refletindo-se em coeficientes de trabalho decrescentes - acarretaria, por si só que a taxa de lucro cairia se e somente se ocorresse o aumento de algum coeficiente produtivo, vale dizer, algum insumo produtivo apresentasse rendimentos decrescentes, certamente ao contrário do que pretendiam Marx e quase todos os seus intérpretes mais autorizados." (99)

Se nos pautarmos pelo que nos diz Eginardo Pires, também o Professor Antônio Barros de Castro teria chegado, previamente à Possas inclusive, a esta mesma conclusão. (100) Quanto à Tugan, ele, com base em todo o anterior, deduz ousadamente a sua própria versão do movimento tendencial da taxa de lucro, sobre condições capitalistas: nem mais nem menos do que uma inversão daquela formulada por Marx.

(99) "Valor, preço e concorrência: não é preciso recomeçar tudo desde o início" in: Revista de Economia Política, 2(4):102-103, out./dez., 1982.

(100) Cf. "Ensaio Econômico" p.153 onde o autor nos revela que, para Castro, a lei de Marx seria "uma lei dos rendimentos físicos decrescentes do capital" disfarçada ...

"O anteriormente exposto - argui - mostra não só que esta lei não é verdadeira, senão que é justamente o oposto, o correto: o desenvolvimento progressivo da força produtiva do trabalho produz a tendência ascendente, e não descendente, da taxa de lucro.

Esta última lei - prossegue - é, como tendência, um momento indiscutível, e muito importante, do desenvolvimento capitalista. Como tendência apenas, todavia, cuja ação se vê entorpecida e compensada por causas contrárias." (101)

Como "tendências contrarrestantes" à sua "lei de tendência ao incremento da taxa de lucro por efeito da elevação da produtividade do trabalho" Tugan relaciona as seguintes: 1) a prolongação do processo de circulação do capital. Toda substituição de trabalho manual por mecânico, diz, tende a aumentar a quota de capital fixo em detrimento do circulante e, por conseguinte, a tornar mais lento o processo de "conversão" do capital. (102); 2) a redução da jornada de trabalho; 3) a elevação do salário real dos trabalhadores ocupados na indústria capitalista ("já vimos - sublinha entretanto Tugan - que, esta elevação tem que ser considerável para que chegue a contrarrestar efetivamente a tendência à ascender da taxa de lucro) (103); 4) o aumento,

(101) Tugan, op.cit., p.202. É necessário advertir aqui para o emprego pouco feliz também por Tugan, seguindo Marx neste particular, dos conceitos de "lei" e "tendência". A rigor, a expressão "lei de tendência" é, a nosso juízo, uma contradição em termos, pois o que é "lei" não pode ser, por definição, apenas "tendência". Acha-se todavia uma idéia, fecunda, escondida atrás deste mal uso dos conceitos: é a de que no plano estrito do processo produtivo, o capitalismo contém uma propensão à elevação da taxa de lucro, que, no entanto, pode ser contrarrestada por fenômenos que se dão em outros planos do processo econômico que não o estritamente produtivo.

(102) Op.cit., p.202-203. O anterior é, não obstante, imediatamente relativizado com as seguintes palavras: "Por outro lado, a utilização intensiva de capital fixo, a maior rapidez dos transportes e as melhorias na técnica que encurtam o tempo de trabalho, tendem a abreviar este mesmo processo... Temos, portanto, perante nós, dois momentos distintos que modificam em sentido diametralmente oposto o processo de 'conversão' do capital.

à custa dos lucros, de outras formas de renda, como, por exemplo, o extraordinário incremento das rendas derivadas (da posse. LBC) de grandes propriedades urbanas; 5) o aumento da parcela que o Estado retira, mediante os impostos, do lucro capitalista, para atender às suas necessidades.

"Todas estas tendências contrárias à do ascenso da taxa de lucro - conclui Tugan - chegam, por vezes, a compensá-la, em maior ou menor escala; a tendência mesma, não obstante, subsiste pois não é senão a expressão especificamente capitalista do aumento do PLUS-produto de que dispõe a sociedade."
(104)

Parece, não obstante, que é o primeiro que se verifica com intensidade maior, donde, permanece o efeito contrário ao incremento da taxa de lucro" (ibidem).

Não custa observar que este argumento já se encontrava em Tugan - de forma ainda mais relativizada, a bem dizer - desde, pelo menos, 1899. No seu artigo publicado em maio deste ano na revista russa *Nauchnoe obozrenie*, titulado "Osnoonia oshibka abstraktnoi teorii kopitalizma Marksa" ("O erro fundamental da teoria abstrata do capitalismo de Marx") pode-se ler o seguinte parágrafo, citado por Kowal: "Le développement du capitalisme entraine une argumentation du capital fixe ... aux dépens du capital variable ... De cette façon, la circulation du capital social - dans une économie capitaliste en expansion - devient plus lente. D'autre parte, le développement de l'économie s'accompagne d'une croissance rapide de la productivité du travail social. Ainsi, le développement du capitalisme comporte à la fois une tendance à la hausse et une tendance à la baisse du taux de profit, mas il est en général impossible de dire quelle tendance va prévaloir" (Kowal, op.cit., p.160).

O Professor Castro adverte-me aqui que esta observação de Tugan deve ser tomada com cuidado, pois se funda, em última análise, em dados empíricos subordinados à tendências tecnológicas mutáveis, e não em qualquer princípio teórico universalmente válido. Fica a observação.

(103) Op.cit., p.203.

(104) Op.cit., p.203-204. É certamente necessária aqui uma referência à obra de Baran e Sweezy, *Monopoly Capital*, publicado no ano de 1966 (NY, Montly Review Press, trad. port., Rio de Janeiro, Zahar, 1974). A formulação teórica que lhe serve de base não é outra senão uma inversão da lei tendencial elaborada por Marx, e, neste sentido, talvez não fosse destituído de sentido apontá-los como "herdeiros" (inconscientes?) das idéias de Tugan. Não cabe dúvida todavia que, no conjunto, a obra de Baran e Sweezy en-

É evidente o tom francamente provocador das anteriores colocações. Não nos proporemos a fazer uma defesa, ou mesmo, um exame minucioso desta tese de Tugan; deixêmo-lo ao leitor, pois temos ainda muito que "caminhar". Gostaríamos de apenas deixar registrado, que é de causar espécie que nunca tenha sido seriamente discutida. A nosso juízo, merece-o, não apenas do ponto de vista histórico, mas pelo seu valor intrínseco.

Passemos, finalmente, a sua crítica "externa" à "lei", a qual consiste fundamentalmente, como já referimos, na recusa das premissas sobre as quais ela está construída. É certamente este o ponto de vista mais representativo das próprias idéias de Tugan, pois é o que se relaciona mais diretamente com suas críticas anteriores, particularmente, com sua análise dos problemas do valor e da mais-valia.

Esta culmina como já sabemos, com a rejeição tanto da "teoria absoluta do valor" de Marx, quanto da sua explicação do lucro pela via exclusiva da extração de mais-valia. Pois bem, o anterior leva-o, naturalmente, questionar também os conceitos marxistas de capital constante e capital variável, e com eles, a própria base onde repousa a referida lei. Esta linha de argumentação, anotemos, encontra-se já no seu artigo de 1899. Ali ele diz ... "des hypothèses incorrectes ont conduit Marx à deux conclusions incorrectes". (105) E, entretanto, na edição alemã de sua obra de 1894 que podemos encontrar, mais facilmente, o fundamento desta sua proporção:

contra-se nas antípodas da de Tugan: para eles, a inversão da lei de tendência de Marx culmina numa reedição daquela imagem catatônica e prostrativa do capitalismo que já vimos insinuada nas reflexões econômicas do "último Engels".

(105) "Os noonia...", citado por Kowal, op.cit., p.159.

"Não utilizo a terminologia habitual de Marx (capital constante, capital variável e mais-valia), diz ele neste trabalho, porque não partilho da teoria marxista da mais-valia. Em minha opinião, na criação do produto excedente ... não há diferença alguma entre a força de trabalho humana e os meios de produção inanimados. Existe o mesmo direito para qualificar de capital variável tanto a máquina quanto a força de trabalho humana, já que ambas produzem produto excedente." (106)

Ao que aduz, alguns capítulos adiante:

"Os meios de produção desempenham no processo produtivo, bem como na formação da taxa de lucro, exatamente o mesmo papel que a força de trabalho. As máquinas são, sob as modernas condições econômicas, completamente equivalentes aos operários: elas criam, como eles, valores de uso e influem na mesma medida sobre a taxa de lucro. O capitalismo, no seu processo de funcionamento, transforma as pessoas em simples meios de produção e trata os homens como animais ou objetos inanimados. Isto vale tanto para a formação do lucro quanto para a realização da produção ... A teoria da mais-valia de Marx afirma que com relação à formação do lucro, existe uma diferença fundamental entre homens e meios de produção ... nossa análise, entretanto, demonstrou a inconsistência da teoria marxista da mais-valia. Também com respeito à criação do lucro, homens e meios de produção são iguais na economia capitalista." (107)

Não é preciso salientar o caráter polêmico desta proposição. E ela nos remete, ao mesmo tempo, ao Marx dos Grundrisse e à etapa presente do desenvolvimento capitalista. Marx, neste texto, prognostica, enfaticamente, a tendência à supressão de sua "lei do valor", pelo desenvolvimento vertiginoso das forças produtivas capitalistas:

"Na medida em que a grande indústria se desenvolve - diz ele - a criação de riqueza torna-se menos dependente do tempo e do 'quantum' de trabalho empregados ... senão que depende progressivamente mais do estado da ciência e do progresso da técnica, ou, da aplicação desta ciência à produção ... O trabalho já não aparece tanto como en-

(106) Studien... cap.1 (trad.esp. in: Colletti ed., op.cit.,p.263, nota 1).

(107) Op.cit.,cap.7,p.229 (cit.por Kautsky in: Krisentheorien,trad. esp. in: Colletti ed., op.cit.,p.200) Grifos meus.

capsulado pelo processo produtivo, senão que o ser humano passe a se comportar como supervisor e regulador do mesmo processo... Nesta transformação, o que surge como pilar fundamental da produção e da riqueza, não é nem o trabalho imediato executado pelo homem nem seu tempo de trabalho... O roubo de tempo de trabalho alheio sobre o qual se funda a riqueza presente, aparece como uma base miserável, comparado com este fundamento recém desenvolvido, criado pela própria grande indústria. No momento mesmo em que o trabalho, na sua forma imediata, cessa de ser a fonte por excelência de riqueza, o tempo de trabalho deixa, e tem que deixar, de ser sua medida,.. O trabalho excedente das massas deixa de ser condição para o desenvolvimento da riqueza social ..."(108)

O abandono destas idéias no capital parece ter tido por base a convicção de Marx, de que este estado de coisas não seria compatível com a preservação de relações capitalistas. Nos próprios Grundrisse ele o afirma, embora sem explicar exatamente porque: a seu juízo, uma vez atingida esta etapa "... a produção fundada sobre o valor de troca desmorona e o processo imediato da produção material fica, ele próprio, desprovido de sua forma grosseira e antagonística."(109)

Transportemo-nos, agora, para a situação atual do modo de produção capitalista, para o capitalismo "pós-moderno" de nossos dias. Sabemos que nos encontramos no transcurso de uma revolução tecnológica de proporções provavelmente "Kondratiefianas", de um conjunto de processos que certamente transformará, de maneira radical - aliás, já o está fazendo -, as condições de produção, trabalho, vida, lazer, pensamento (inclusive o econômico...).

(110) Neste Cluster de inovações que se anuncia, um dos desta-

(108) Grundrisse..., trad.esp.cit.,v.2, p.227-229.

(109) Op.cit.,p.229. Permita-me aqui o leitor, uma rápida digressão: estamos, aqui, perante uma prognose que não é idêntica àquela que se pode extrair das páginas d'O Capital. Nesta parte dos Grundrisse, o "colapso-via-automação" não se deduz diretamente do funcionamento da lei do valor, mas antes, da sua superação.

(110) Cf.por exemplo Futures, 13(4/5):Ago/Oct, 1981 (Special issues on Technical innovation and long waves in world econo

ques é, sem dúvida, o trinômio microeletrônica-computação-robótica, o qual traz consigo, mais que nunca - Tsukuba o está mostrando -, o espectro da imagem pintada por Marx: a automatização absoluta do sistema. (111)

Diante deste quadro, é, certamente, pertinente o retorno a Tugan. Embora ignorando a sua obra (como seria de presumir), o debate em torno dele, ao que consta, já se iniciou. Prologada de certo modo, pelo livro de André Gorz (112), a discussão irradiou-se, atravessou o canal da Mancha indo alojar-se, como tantas outras, nas páginas de New Left Review. Num artigo recente titulado, sugestivamente, "Robots and Capitalism", Tessa Morris-Suzuki, embora inspirada sobretudo em Mandel, põe o tema nos termos de Marx:

"The present situation - diz ela - is obviously very far from the state of total automation which Mandel depicts as the limit of Capitalism. But if we accept his view that automatic enterprises can make profits only parasitically, but absorbing the surplus value created in other parts of the economy, and that the rising level of automation must therefore be accompanied either by increasing exploitation of the remaining labour force or by falling average levels of profit, then it would seem that major capitalist economies are rushing towards their doom like Gardarene swine." (113)

mic development, edited by Christopher Freeman) e o debate subsequente, particularmente nos números de fevereiro e outubro de 1984. Também T. Forester ed. The Microelectronics Revolution. Oxford, 1980; Les Léviñow e Bob Young eds. Science, Technology and The Labour Process. London, CSE Books, 1981 e B. Coriart. La Robotique. Paris, Editions La Découverte/Maspero, 1983.

(111) O melhor exemplo disto talvez seja a fábrica FANUC no Japão, onde robôs são produzidos por robôs, e onde a partir das 17:30 hs., quando a equipe de manutenção se retira, o processo produtivo continua funcionamento normalmente. Walker Cronkite, num especial produzido pela CBS norte-americana - titulado Hight-Tec; Dream or nightmare? - após uma visita às instalações desta fábrica faz, sobre ela, uma assustadora reflexão: "If this will be the factory of the future - diz ele -, it will lack one dimension: The human voice". Na da mais de acordo com o espírito das idéias de Tugan... (A propósito, este especial pode ser encontrado na videoteca do consulado norte-americano sob a classificação RJ 85601).

Ao que, aduz:

"The fission of labour inherent in the nature of robots, in other words, creates a situation where it is only in the design of new productive information and the initial bringing together of information and machinery that surplus value can be extracted. Unless this process is continually repeated, surplus value cannot be continuously created and the total mass of profit must ultimately fall." (114)

Ou seja, em uma palavra, caso os lucros se expliquem unicamente, pela extração de mais-valia, uma economia totalmente automatizada não tem mais como criá-la, logo, uma economia totalmente automatizada não tem como gerar taxas de lucro positivas.

A réplica chega quatro números adiante; ela vem pelas mãos de Ian Steedman, e se faz - o leitor já deve estar imaginando - nos termos de Tugan:

"Tessa Morris-Suzuki - escreve Steedman - has opened up an interesting and necessary discussion of the consequences of automation in manufacturing and of the associated rapid growth of the software industries ... unfortunately, Morris-Suzuki's discussion (which contains much fascination material independent of any particular theoretical framework) is firmly cast within a completely inappropriate set of concepts." (115)

Após resumir, muito rapidamente, o argumento desenvolvido por Suzuki, Steedman arremete:

"Why is this conceptual framework completely inappropriate for a discussion of automation? Because a fully automated economy will exhibit zero surplus value and can be organized by private, individual owners of the means of production receiving a uniform, positive rate of profit.

(112) Adieux au Proletariat. ed.cit., p.1980.

(113) New Left Review, (147):Oct., 1984.

(114) Op.cit., p.114.

(115) Steedman, Ian. "Robots and Capitalism: a clarification". New Left Review, (151):May-Jun. 1985.

What is revealed by full automation is NOT the 'inner limit' of capitalism but rather the inner limit of the labour theory of value and of surplus-value theorizing." (116)

Através de um exemplo numérico simplificado, Steedman demonstra, em seguida, o que acabara de indicar. (117)

Tugan-Baranovsky não teria, como pretendemos ter indicado, dificuldade alguma em subscrever tal argumentação (Cláudio Napoleoni, possivelmente, também não). (118) O debate está ainda, entretanto, no seu termo inicial. De nossa parte arguiremos, com Steedman (e Tugan) que a "automação total" pode realmente não ser compatível com a manutenção de relações capitalistas, mas a razão certamente não há de ser aquela indicada por Marx-Mandel-Morris-Suzuki.

(116) Op.cit.. Grifo meu.

(117) Cf.op.cit. Para a origem e o desenvolvimento desta tese de Steedman ver, além de seu artigo supracitado, "Positive, Profit with Negative surplus-values". Economic Journal, (86): 114-23, 1976. Marx after Sraffa. London, New Left Books, 1977 e "Ricardo, Marx, Sraffa" in: Steedman et alii. The Value Controversy. London, New Left Books, 1981. Se nos permite o leitor aqui uma brincadeira, diremos que se fosse dado o prazer de conhecer Steedman, sugeriríamos a modificação do título de seu livro de 1977 para "Marx after Tugan and Sraffa"...

(118) Napoleoni não se acanhou em apontar na sua intervenção no "Seminário de Mòdena", um debate já referido por nós, que... "se existe um ponto no qual a reflexão econômica sobre a realidade capitalista por parte do marxismo fracassa, é precisamente na demonstração do 'colapso'. Por exemplo, um dos pontos mais baixos alcançados pela análise econômica de Marx constitui-se na falsa lei da queda tendencial da taxa de lucro..." (L'enigma del valore. Rinascità (8):Fev.1978; trad. esp. in: Debate sobre la Teoria marxista del valor, México, Siglo XXI, 1979, p.28-29. Grifo meu).

3. A CIRURGIA TEÓRICA (II)

Estamos, agora, a pouco mais de meio caminho do termo de nosso exame das idéias de Tugan. O percorrido até aqui compreende basicamente os elementos de sua crítica àquela que refere como "uma das" (duas) teorias do colapso destiladas dos escritos de Marx e Engels.

O restante do nosso percurso, daqui em diante, constitui-se na apreciação de seu juízo acerca da "segunda" teoria do colapso produzida pelo marxismo, justamente aquela que localizamos no "último Engels" (mas que Tugan atribui também a Marx), e que se origina, como já referimos, do que apelidamos de uma "concepção malthusiana da relação entre produção e mercados".

A "Zusammenbruchtheorie" daí derivada é, naturalmente, a do colapso pela via da insuficiência, crônica e crescente, de mercados para absorver a produção - uma tese, poder-se-ia anotar, correlata não à compressão da produção de mais-valia mas, de certo modo, à sua expansão.

O exame cuidadoso, e a crítica, dos fundamentos desta concepção abrem espaço, mais uma vez, a Tugan, para o desenvolvimento de sua própria explicação daquilo que podemos talvez chamar de "natureza do processo" com respeito ao funcionamento do capitalismo industrial. Sua construção neste perímetro pode ser desmembrada em três partes, quais sejam: a crítica da tese marxista e a indicação das verdadeiras coordenadas sobre as quais se move a realização da produção; o estudo da natureza das crises e o exame do seu processo de deflagração - o qual não se separa, como

veremos, para Tugan, do estudo da própria dinâmica cíclica que molda a marcha da acumulação. (119)

Vejamo-lo mais de perto.

3.1. ACUMULAÇÃO E REALIZAÇÃO

A concepção da insuficiência de mercados para absorver a produção, que serve de base à enunciados relativos ao colapso do sistema, diz Tugan, forma parte de numerosos documentos produzidos por Marx e Engels. Ela pode por exemplo ser encontrada, prossegue, em escritos "juvenis" de Engels, na sua polêmica com Eugen Düring, no "Manifesto" de ambos, e mesmo, no terceiro volume d'O Capital. (120)

(119) Tugan desenvolve os três temas no trabalho de 1894 mas retorna somente ao primeiro, ainda que com maior requinte e já replicando algumas críticas formuladas à edição alemã dos seus "Promyshlennye...", no de 1905. Recorreremos, por conseguinte a ambos os textos, optando entretanto, sempre que possível, por sua crítica direta do marxismo (isto é, o trabalho de 1905).

(120) Teoreticheskiia... p.232-234. O texto de Marx por ele transcrito é aquele, contido no décimo quinto capítulo do terceiro tomo d'O Capital: "as condições de exploração direta e os de sua realização não são idênticas. Divergem não só no tempo e no espaço, mas também conceitualmente. Uma são limitadas pela força produtiva da sociedade, outras pela proporcionalidade dos diferentes ramos de produção e pela capacidade de consumo da sociedade. Esta última não é, porém, determinada pela força absoluta de produção nem pela capacidade absoluta de consumo; mas pela capacidade de consumo com base nas relações antagônicas de distribuição que reduzem o consumo da grande massa da sociedade a um mínimo só modificável dentro de limites mais ou menos estreitos... Por isto, o mercado precisa ser constantemente ampliado... a contradição interna procura compensar-se pela expansão do campo externo da produção. Quanto mais, po

Segundo Tugan, o argumento que informa as prognoses pessimistas produzidas por estes dois pensadores, sobre o capitalismo, podem resumir-se como segue: a amplitude do mercado para a produção capitalista é determinado pela amplitude do consumo social.

Se a massa de produtos cresce mais rapidamente que o consumo social, uma parcela destes produtos deve deixar de ser vendida e uma parcela do capital, de se valorizar ... O desenvolvimento da produção capitalista deve tornar cada vez mais real este estado de coisas, na medida em que, neste sistema, o consumo social estende-se muito menos velozmente do que a marcha da produção. Assim sendo, deverá se chegar a uma época onde a superprodução se torne crônica, momento no qual se inviabiliza a ordem capitalista pela manifesta impossibilidade de seguir valorizando-se o capital acumulado. (121)

"Esta tese - observa Tugan em seguida - predomina no pensamento socialista até os dias de hoje. Karl Kautsky está tão firmemente convencido quanto seus mestres, de que a economia capitalista avança em direção a uma superprodução crônica, uma situação por ele descrita como 'não deixando qual quer outra saída que não a da partida inevitável rumo ao socialismo'." (122)

rêm, se desenvolve a força produtiva, mais ela entra em conflito com a estreita base sobre a qual repousam as relações de consumo". (ed. Abril Cultural, v.3/1, p.185). De nossa parte, arguiremos que a despeito do texto em questão surgir realmente a possibilidade de uma interpretação subconsumista de Marx, as evidências em contrário (em outras partes de suas obras) são bem mais numerosas. O debate neste ponto continua todavia aberto (Cf. a respeito, por exemplo, Rosdolsky, op.cit., p.504-505; 532-538). Queremos acrescentar aqui que, a nosso juízo, em Marx, em certos campos é possível realmente encontrar respaldo para afirmações teóricas que se contradizem entre si (não devemos esquecer que, ao fim e ao cabo, grande parte de sua obra constitui-se de rascunhos, manuscritos inconclusos para fins de publicação...).

(121) Teoreticheskiia... p.234-235.

Não é somente, no pensamento socialista, prossegue Tugan, que encontra eco o fundamento último que anima aquela te se que viemos de referir, e que pode ser resumido pela máxima "a amplitude da produção social está determinada pela amplitude do consumo social".

Também os "economistas burgueses", de Say a Malthus, (123) de Sismondi a Böhm-Bawerck, (124) são unânimes em aceitar este axioma; e mesmo aqueles - como Say ou Böhm-Bawerck - que não deduzem daí qualquer conclusão pessimista, contra ele nada tem a objetar. Há neste campo, portanto - conclui Tugan -, uma singular concordância entre escolas rivais. Ricardianos e Malthusianos, clássicos e "austriacos", "ortodoxos" e "revisionistas", todos parecem partilhar desta mesma certeza.

(122) Op.cit., p.235. Tugan certamente ficaria abismado em saber o quanto ainda influe (esta tese estagnacionista) no pensamento socialista, nos nossos dias de hoje... A propósito de Kautsky, embora estivesse nesta altura, realmente convencido deste devir que acabamos de indicar, ele haveria de imprimir, ao longo de sua trajetória teórica, uma guinada de 180°, algo que o levará a comungar completamente, com as análises de Bernstein e Tugan.

(123) "... a escola de Ricardo-Say, diz Tugan, não admite a possibilidade de uma superprodução geral de mercadorias considerando que a acumulação do capital não reduz o consumo social, na medida em que todo o capital investido se transforme em salários, elevando deste modo o consumo dos trabalhadores. A escola de Malthus-Sismondi, ao contrário, sustenta a possibilidade de uma superprodução geral em consequência de uma acumulação demasiadamente rápida de capital... ambas as escolas dão, todavia, por descontado, que a amplitude da produção social é determinada pela amplitude do consumo social, e tem um movimento paralelo ao desta última." (op.cit., p.237-238).

(124) "Este excepcional estudioso (Böhm-Bawerck) chega à conclusão - escreve Tugan -, sobre a base das suas cuidadosas investigações sobre as condições da acumulação, de que 'a renda de uma população é, genericamente falando, igual ao produto da venda de sua produção', e concorda com outro tratadista, Lexis, ao afirmar que 'os totais anuais do consumo social, da produção e do rendimento primário, devem ser consideradas como magnitudes quase coincidentes'." (Op.cit. p.238).

"Parece pois - abrevia - que a tese da necessária concordância entre produção social e consumo social forma parte do universalmente aceito, pela ciência econômica dos dias de hoje. O que se discute é se o capitalismo conduz ou não a uma limitação do consumo social..." (125)

Ao que, com a usual inconoclastia, aduz:

"Frente a um alinhamento tão imponente de estudiosos de tal calibre a favor desta teoria, parecerá talvez uma empresa excessivamente ousada tratar de demonstrar a sua substancial falsidade. Não é, não obstante, outra, a tarefa que me proponho a desenvolver aqui." (126)

Tal juízo, observa em seguida, radica num equívoco palmar, qual seja: o de atribuir ao capitalismo características pertinentes à sistemas econômicos de tipo harmônico. (127) Nestes, a atividade econômica não possui outro fim que não seja o atendimento (a satisfação) das necessidades humanas. De outro modo, prossegue, se passam as coisas nos sistemas econômicos antagônicos, dos quais forma parte o capitalismo. A característica fundamental dos sistemas antagônicos é o fato de neles não coincidirem numa mesma pessoa, trabalhador econômico e sujeito econômico. Neles, o trabalhador econômico está inserido numa economia que lhe é estranha, cujo sujeito é uma pessoa estranha que não toma parte no trabalho econômico; os meios de produção não pertencem ao trabalhador senão ao sujeito econômico, o qual tem em mãos a direção do processo produtivo determinando, por conseguinte, sua orientação. Este grupo, subdivide-se em: 1) sistema escravista; 2) sistema feudal; 3) sistema capitalista. Os defini como antagônicos porque o contraste de interesses constitui sua essência. (128)

(125) Ibidem.

(126) Op.cit., p.239.

(127) Tugan utiliza aqui uma classificação dual onde contrapõe sistemas econômicos harmônicos à antagônicos: "Para os

O trabalhador não é, em suma, um sujeito senão um objeto nesta economia, exatamente como a besta de carga, a maquinaria e as matérias-primas. (129)

Tomando como base, dentre os sistemas antagônicos, a economia escravista, Tugan aprofunda o seu desafio:

"A economia escravista - diz ele - somente depende do consumo dos escravos na medida em que é este um momento necessário da produção. O proprietário de escravos tem que alimentar seus escravos, e o proprietário de escravos inteligente, alimenta-lo-á bem, como também haverá de alimentar bem suas bestas de carga, mas, somente em virtude do fato de que uma boa alimentação incrementa a capacidade de trabalho tanto do homem quanto dos animais.

Que o escravo não constitui para a economia mais que um mero meio econômico, demonstra-o, de maneira cristalina, a possibilidade da substituição, sem prejuízo para a economia escravista, do escravo por outros tipos de meios de produção." (130)

Suponho que ocorresse, prossegue Tugan, a um imaginário proprietário de escravos, a idéia de que a substituição parcial de escravos por cavalos possa melhorar o desempenho de sua produção, ele o fará. Uma parte de suas terras passará a produzir, ao invés de centeio para os homens, aveia para alimentar os cavalos. A economia escravista alimentará então, argumenta, um número menor de homens e um número maior de cavalos. O proprietário não se terá tornado, com isto, mais pobre,

propósitos que nos interessam, podemos distinguir dois grupos de sistemas econômicos, o primeiro dos quais se caracteriza pela coincidência entre trabalhador econômico e sujeito econômico numa única pessoa... Entre estes, podemos distinguir: 1) a produção para auto-consumo; 2) a economia mercantil fundada no pequeno produtor independente...; 3) a produção socialista vindoura na qual a direção da produção corresponderá à totalidade dos produtores... Chamo harmônicos estes sistemas econômicos porque não comportam necessariamente um conflito de interesses entre os personagens que tomam parte no processo econômico."

(128) Op.cit., p.240-242.

(129) Op.cit., p.242.

(130) Op.cit., p.243.

senão que mais rico. A exploração de seus campos far-se-á de forma mais eficiente e o produto excedente resultante proporcionar-lhe-á uma massa maior de meios de consumo.

"Temos pois - salienta - simultaneamente, um aumento do consumo do sujeito econômico, e uma redução do consumo dos homens que funcionam como meios de produção." (131)

Passemos agora, propõe, à economia capitalista. Constituindo esta uma variante de sistema econômico antagônico, sua lógica pode ser apreendida - é isto, em última análise, o que Tugan se propõe a demonstrar - pelo mesmo raciocínio utilizado para captar o "modus operandi" da economia escravista. Recorrendo mais uma vez aos seus esquemas (Tugan os constrói desta feita, com o suposto "menos favorável" para a sua teoria, qual seja, o de salários reais continuamente declinantes) (132) ele dá sequência ao seu trabalho, que nos inclinamos a chamar de "desobstrução teórica". (133) O objetivo aqui é indicar a possibilidade teórica, e não a inexorabilidade prática é preciso sublinhar, do equacionamento do chamado "problema da realização", a despeito inclusive, de um decréscimo significativo e contínuo do consumo pessoal. "Este esquema está destinado a mostrar - diz Tugan - de que maneira deve distribuir-se a produção social para que, a despeito do descenso do consumo social e da rápida expansão da

(131) Ibidem.

(132) Ele o faz como resposta às críticas a si dirigidas por Kautsky, na resenha deste, da edição alemã do seu trabalho de 1894. "Investigarei - escreve Tugan - o caso aparentemente mais desfavorável para a minha teoria: o da acumulação de capital com descenso constante e significativo dos salários e sem aumento do consumo (pessoal) dos capitalistas. No esquema que segue, suponho que o salário se reduz anualmente em 25% e que o consumo dos capitalistas permanece inalterado, a despeito do aumento da massa de lucros à sua disposição." (Op.cit., p.244-245).

(133) Tomamos de empréstimo a expressão de Castro, que a utiliza em seu inspirado ensaio-réplica "A Controvérsia da Demanda

produção social, não resulte um produto excedente impossível de vender." (134) Detenhamo-nos aqui um instante; é preciso insistir neste ponto já que a grande maioria dos "comentadores" de Tugan não o parece captar com a devida correção. O que Tugan quer demonstrar, e o faz, é a possibilidade teórica (abstrata portanto) do chamado "crescimento equilibrado", mesmo na base de relações regressivas e aviltantes de distribuição (135); e, assim fazendo, refutar a inexorabilidade (não confundir com possibilidade), defendida também teoricamente, da tendência à prostração da marcha da acumulação.

Que as coisas não se passavam assim, no funcionamento concreto do sistema, ele o sabia muito bem: a impossibilidade, da existência (que não de modo meramente casual) de tal "crescimento equilibrado", na base de relações anárquicas de produção, é o fundamento de suas teorias do ciclo e da crise; temas aos quais - não custa lembrar - dedicou um primeiro e alentado volume (suas edições alemã e francesa contam mais de 400 páginas) de cuja influência ainda iremos falar. Assim sendo, chamá-lo de "neoharmonicista" (Grossmann, Rosdolsky e Mattick por exemplo) (136) ou caracterizá-lo sutilmente como tal (Kalecki por exemplo) (137) é um equívoco que radica, no mínimo, numa leitura

Efetiva". Cadernos de Opinião, (15):112, Dez.1979/

(134) Op.cit., p.246-247.

(135) O nacional-socialismo esteve próximo de demonstrar a possibilidade prática de ser atingida esta situação. Cf. a respeito, por exemplo, A.R.L. Gurland "Technological Trends and Economic Structure under National Socialism" e Friedrich Pollock "State Capitalism: Its Possibilities and Limitations", ambos in: "Studies in Philosophy and Social Sciences", New York, 9(2):1941, p.226-263, 200-225 respectivamente. Também Friedrich Pollock. "Is National Socialism a new order? in: ibid 9(3):440-455, 1941; John A. Garraty. "The new deal, national socialism and the great depression". American historical review, 78(4):907-944, oct.1973; David Landes também nos dá algumas boas indicações neste sentido; Cf.op.cit., p. 427 e segs.

apressada CUM má compreensão de sua obra. Seus comentadores nativos Antonio Barros de Castro e Jorge Miglioli - este último, um ex-aluno de Kalecki -, enquadram-no neste particular com muito maior precisão. (138) Podemos retornar agora, ao exame das idéias de Tugan.

3.2. DESMONTANDO A TESE ESTAGNACIONISTA

Suas teses com respeito ao problema da realização são certamente a parte mais conhecida (ou talvez, a menos desconhecida...) de sua obra; e podem ser reproduzidas independentemente do recurso aos esquemas de reprodução. Façamo-lo deste modo, em homenagem à simplificação. (139)

(136) Cf. Grossmann, op.cit., p.40-43, 68-73, 118-120 por exemplo; Rosdolsky, op.cit., p.510-518; Mattick. Krisen und krisentheorien, 1974 (trad.esp., Barcelona: Península, 1977, p.118-121.)

(137) Cf. "The Problem of Effective Demand with Tugan-Baranovsky and Rosa Luxemburg" in: Selected essays on the dynamics of the capitalist economy. Cambridge: Cambridge University Press, 1971. (Orig.- em polaco - 1967; trad. port. in Jorge Miglioli - org. - Crescimento e ciclo das economias capitalistas, SP, Hucitec, 1977, p.10-18). É curiosa a atitude de Kalecki para com Tugan: acusa-o, sem dizê-lo explicitamente é certo, de "neocarmonicista", mas não deixa de seguir-lhe, metodologicamente falando, os passos: embora recusando a factibilidade prática do "crescimento equilibrado", Kalecki trata de demonstrá-lo como possibilidade teórica em seu ensaio "The Marxian equations of reproduction and modern economics" (orig. 1968, trad. port. incluída in Miglioli - org. -, op.cit., p. 1-9). Para uma boa discussão das antinomias existentes neste pensador, cf. Antônio Barros de Castro. O Capitalismo ainda é aquele, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1979 cap.V.

(138) Cf. Castro, op.cit.(supra) cap.VI, esp.p.138-140, "a controvérsia da demanda efetiva" in: op.cit., p.112 e 120 nota 2. Ver também seu ensaio mais recente "Keynes e a Velha Tradição do Ciclo", texto para discussão nº17, Rio de

Analisando criticamente, no seu trabalho de 1894, aquele argumento que haveria de referir mais tarde, como vimos, como "parte do universalmente aceito pela ciência econômica atual", qual seja, a da necessária coincidência entre produção social e consumo social, Tugan a desqualifica como segue:

"Cette thèse pourtant, loin de constituer une vérité évidente, est indubitablement une erreur assez profondément enracinée pour avoir les apparences de la vérité. Elle résulte d'une conception fautive du processus de l'accumulation du capital. L'accumulation du capital n'est nullement la substitution de la consommation par l'ouvrier à la consommation par le capitaliste, - pour cette raison simple que le capital qui s'accumule se transforme non seulement en salaires, mais encore en moyens de production, qui ne sont un objet de consommation pour aucune classe sociale." (140)

Janeiro; URPJ, 1983. Do professor Miglioli veja-se seu trabalho supracitado (nota do presente capítulo), esp. pp. 136-139.

- (139) Muito já se escreveu acerca do intenso uso dos esquemas de reprodução nas discussões sobre as questões das crises e do destino do capitalismo, no marxismo. Não nos imiscuiremos nesta polêmica. Caberia, no entanto, assinalar aqui somente o caráter ambivalente de sua utilização, pois o perigo da tautologia é grande: ilustrativos quando usados como recursos analítico apenas, podem, entretanto, desqualificar facilmente as análises a si subjacentes, na medida em que sejam tomados como a "contraprova irrefutável" do argumento que auxiliam a expôr. E isto, por uma razão muito simples: nos exemplos com eles construídos, as conclusões estão já virtualmente inscritas nas premissas (o que é, aliás, bastante usual entre os economistas, independentemente de sua genealogia teórica...). A razão parece estar, neste ponto, ao lado de Lenin, quando este afirma, nos seus escritos ainda "juvenis", que "...Os esquemas por si sô não provam nada", podem apenas ilustrar um processo ou indicar uma linha de argumentação cuja solidez nada tem a ver com eles (Cf. na coletânea "Escritos Econômicos 1893-1899" editada em 3 volumes por Siglo XXI, com introdução e notas de Fernando Claudin, México: 1974, vol.3, p.215). Tugan, por seu turno, provavelmente subscreveria, neste ponto, integralmente Lenin, já que o seu propósito, ao com os esquemas lidar, foi justamente o de ilustrar didaticamente, como já referimos, a possibilidade teórica de equacionar harmonicamente o chamado "problema da realização" (já não se pode dizer o mesmo acerca, por exemplo, de Henryk Grossman, mas isto já é tema para outra investigação...).

- (140) Promyshlennye Krizisy ... (ed. francesa citada, p.200).

Ou seja, sublinhemos, o consumo de meios de produção diferencia a produção social do consumo pessoal. E mais que isto, é um significativo componente de demanda capaz, como tal, de constituir mercado para todo um conjunto de setores de produção. (141) Constitui este um ponto-chave do argumento de Tugan:

"Ao observar este esquema - dirá ele na edição alemã do referido trabalho - deve-se notar, em particular, que os meios de produção são produzidos e circulam no mercado, conjunto e simultaneamente, com os meios de consumo de trabalhadores e capitalistas. Isto parece ser totalmente óbvio e não oferece maiores dificuldades; antes de Marx, todavia, a maior lacuna existente na análise do processo de reprodução do capital residia justamente na desconsideração dos meios de produção como componentes necessários do produto social. Toda a escola clássica, de Adam Smith à John Stuart Mill, partiu, para esta análise, da premissa insustentável de que o valor anual da produção se resolvia, apenas, em salários, lucros e renda." (142)

Um dos dois pontos-chave, sublinhemos, o outro ele o extrai do exame da história propriamente dita das crises industriais inglesas, do processo de acumulação à elas correto, e também, da leitura cuidadosa da obra de Marx: a tendência, dedutível e observável, dos meios de produção inanimados - maquinaria e matérias-primas -, de assumirem importância crescente na dinâmica da reprodução do capital.

"Os meios de produção - afirma - são cada vez mais importantes, tanto no processo produtivo quanto no mercado. Frente à máquina, o operário passa a um segundo plano, ao mesmo tempo que também o faz, a demanda de consumo à ele correlata, com respeito à derivada do consumo produtivo dos meios de produção. Toda a atividade da economia capitalista assume o caráter de um mecanismo, diria-se

(141) Uma observação se faz aqui necessária: é óbvio que os demais autores, com os quais polemiza Tugan, não ignoram a existência da chamada demanda intermediária. O que nos parece, entretanto, igualmente evidente, é o fato de que Tugan foi o primeiro - e na realidade um dos raríssimos a saber trabalhar teoricamente com ela.

(142) Op.cit. (trad.esp.cit.,p.264).

que, existente para si mesmo, onde o consumo do ser humano aparece apenas como momento dos processos de reprodução e circulação do capital." (143)

Dito de outra forma: o desenvolvimento da indústria capitalista é também o processo de constituição de um mercado "endógeno" que mobiliza uma demanda crescente de meios de produção. A produção de meios de produção, por sua vez, longe de constituir meramente pré-requisito ou "insumo" para ^a de bens de consumo, alimenta-se reciprocamente, num processo cumulativo que é, de certo modo, independente da evolução da produção de bens de consumo. Seu exemplo numérico está, pois, construído de modo a refletir isto, de forma que, como observou Miglioli, (144) o setor I (produtor de meios de produção) cresça mais rapidamente que os demais e onde "a ampliação da produção, isto é, o consumo produtivo de meios de produção ocupa o lugar do consumo humano." (145)

"Os esquemas citados deveriam provar inequivocamente - argui Tugan no trabalho de 1894 - um princípio muito simples, mas capaz de despertar facilmente objeções no caso de uma má compreensão do processo de reprodução do capital: o princípio de que a produção capitalista cria seus próprios mercados." (146)

Um contraponto com a "máxima" expressa por J.B.Say faz-se aqui necessário, na medida em que o texto transcrito tem sido recorrentemente utilizado pelos comentadores de Tugan, desde Rosa Luxemburg, para associá-lo ao fantasma do pensador francês e à tradição "harmonicista" à ele correlata. Jorge Miglioli nos prestou o serviço de apontar o equívoco subjacente a esta formulação; não iremos repetir seus argumentos. (147) Seja-

(143) Op.cit. (trad.cit. supra, p.271).

(144) Cf.op.cit., p.135-136.

(145) Teoreticheskiia ...p.249.

(146) Promyshlennye kriziisy ... (ed.alemã, trad.esp.cit., p.269).

(147) Cf.op.cit., p.136-139.

nos permitida, ainda assim, uma breve observação a este propósito. Diremos que aqui sobretudo, manifesta-se aquela "leitura apressada CUM má compreensão de sua obra" que referíamos acima. Somente tal pode justificar o fato de que - parafraseando Tugan - "pensadores daquele calibre" (dos que citamos) possam ter insistido em tornar suas as idéias de J.B.Say. Logo Tugan, que opinava, como nos conta Kowal, que "Toute la difficulté d'une analyse du marché réside dans l'explication du mécanisme de la demande".(148)

É possível, entretanto, que tal mal-interpretação radi- que, descontando a má vontade generalizada - e algo neurótica - para com as suas idéias, no fato de que a chamada "questão da demanda efetiva" apareça na sua obra fundamentalmente como o problema não do volume global da demanda, mas, o da sua estrutura (composição), ou, como ele o diz, o problema da distribuição proporcional da produção social. Para o significado desta expressão, remetemos o leitor, também, ao trabalho de Miglioli.

(149) Não nos custa, entretanto, mencionar que sua reflexão sugere a conclusão, de que, na marcha do processo de acumulação do capital, não é o "NÍVEL" de poupança a questão crucial, senão que sua distribuição pelas artérias do organismo econômico. Conclusão perspicaz, na medida em que sabemos que a críti-

(148) Promyshlennye kriziisy ... (ed.russa, p.3-4; citado por Kowal in: op.cit.,p.165).

(149) Cf.op.cit.,p. 139-142. O professor Miglioli parece, entretanto, perder de vista, neste ponto de sua exposição, aquilo que dissemos acima, acerca dos esquemas em Tugan: sua preocupação era, naquele contexto, a de refutar teoricamente a tese malthusiano-marxista da inexorabilidade de uma tendência à insuficiência crônica de demanda efetiva, e não, a de reconstruir o processo de acumulação na sua dimensão concreta. Quando o faz, adiante na sua obra, ele abandona, como veremos, o suposto da chamada "repartição proporcional da produção" e elabora uma explicação das crises onde tem lugar a insuficiência global de demanda efetiva, a qual deriva, principalmente, de um problema de

ca à Say do ponto de vista da ênfase excessiva na questão do "nível de poupança" é o estuário da "moderna" teoria da estagnação, caminho do qual, como observou Schumpeter, nem mesmo a obra de Keynes soube sempre se desviar. (150)

De nossa parte, preferiremos sugerir, para esta tese de Tugan, uma ponte menos usualmente assinalada pelos seus comentadores: com a obra de Schumpeter, pensador tão "revisitado" ultimamente. Tomemos por exemplo seu, célebre, ensaio de 1928, o supracitado "The instability of capitalism". Ali pode-se ler o seguinte parágrafo:

"... em qualquer momento dado (no tempo) encontramos-nos com uma série de casos em que indústrias inteiras ... são arrastadas por uma demanda que lhes é externa ... esta demanda é, todavia, resultado de uma mudança primária, interna e uma outra indústria... a qual não segue a expansão senão que a cria ... expande esta primeiro, e por iniciativa própria, sua produção criando com isto uma expansão de demanda para os seus próprios produtos e, em consequência, para os relacionados com eles ... a expansão geral que (então) observamos é seu resultado, como se pode verificar tomando qualquer dos casos notáveis do referido processo como, por exemplo, o desenvolvimento dos transportes através das estradas de ferro." (151)

Schumpeter, entretanto, atribuía a eficácia do referido processo, sobretudo neste texto, principalmente à fase supostamente "competitiva" do capitalismo. Tugan de sua parte, não fazia nenhum tipo de restrição, histórico-teórica contando isto certamente a seu favor.

desproporção setorial e da forma de funcionamento do sistema creditício, e não, de uma, sempre mal fundamentada, "lei malthusiana da relação entre produção e mercados".

(150) Cf. "John Maynard Keynes". American Economic Review, 36 (4):sep.1947 (trad.port. in Teorias Econômicas; de Marx a Keynes. Rio de Janeiro, Zahar, 1970, p.256).

(151) Op.cit., trad.esp., cit.p.66-67. A convergência com Schumpeter, indicada por Hansen, também não passa despercebida à Keynes: Cf.seu comentário a respeito no Treatise on Money (London: Mac Millan, 1971.v.2,p.89-90).

Podemos agora voltar à questão de que nos ocupávamos: o exame, por Tugan, da "segunda teoria do colapso" oriunda do marxismo. Sua conclusão neste ponto é, como de costume, muito clara: a economia capitalista não encerra, no seu interior fatores capazes de arrastá-la, de maneira inexorável, ao "colapso" por efeito de uma deficiência, crônica e crescente, de mercados para absorver a produção. Sua lógica de funcionamento - a de um sistema econômico voltado para o lucro e não para o atendimento ou satisfação das necessidades humanas - é totalmente compatível com um "estado de coisas" onde o consumo de mercadorias segue aumentando em paralelo a uma significativa rebaixxa do nível de consumo pessoal.

"Devemos rechaçar decidida e totalmente (esta)... teoria do colapso ... Na década de 1840 Engels prognosticava que os limites do desenvolvimento capitalista já haviam sido praticamente atingidos ... Evidentemente, esta profecia foi muito pouco afortunada. Desde então, a produção capitalista experimentou uma tremenda expansão e nem por isto se viu às voltas com dificuldades oriundas do processo de valorização do capital. O mercado para a colossalmente expandida massa de mercadorias da indústria capitalista foi criado por ela mesma." (152)

Ao que, impiedosamente, acrescenta:

"A escola marxista julga o capitalismo com demasiada benevolência; crê que também nesta economia o homem que trabalha, e seu consumo, devam ser considerados como objetivos últimos da produção. Isto não ocorrendo (assim diz a crença ...LBC) o sistema desmorona pela impossibilidade de valorizar sua produção. Esta concepção, entretanto, baseia-se num total desconhecimento das verdadeiras regras que presidem a valorização do capital." (153)

(152) Teoreticheskiia ... p.258-259.

(153) Op.cit., p.260.

Lamentavelmente - com exceção do austromarxismo, um marxismo "perdedor", sublinhemos - não tiveram muito eco estas acertadas observações de Tugan. O Marxismo subsequente, de Luxemburg a Stalin e ao Comintern, de Trotsky a Baran e Sweezy ou Mandel desenvolveu-se em grande medida, e a despeito de seu diferenciado semblante político, sobre a base deste "... desconhecimento das verdadeiras regras que presidem a valorização do capital". (154) O resultado veio a ser, quase sempre, uma tão ingênua quanto perigosa subestimação das possibilidades e da "expectativa de vida" do capitalismo, secundada por um, igualmente ingênuo e perigoso, otimismo no que diz respeito a "proximidade da revolução".

Assim sendo, não deixa de existir uma ponta de amarga ironia no fato de que seja precisamente através de dois dos principais herdeiros das idéias de Tugan - Kondratieff e Schumpeter - que se esteja "reeducando" o marxismo contemporâneo.

3.3. CICLO E CRISE

Tendo por base o mesmo instrumental teórico no qual se respaldara para recusar esta concepção estagnacionista, do

(154) Cf. a respeito Day op.cit.; Claudin op.cit.; (todos passim). Lelio Basso, Socialismo e Rivoluzione, Milano: Feltrinelli, 1980, Introdução (trad. esp. Mexico: Siglo XXI, 1983).

comportamento prospectivo do desenvolvimento capitalista, Tugan edifica sua própria visão do mesmo (155): a trajetória tendencial do sistema é inexoravelmente expansiva, e, neste sentido, seu único limite econômico intransponível é o grau de desenvolvimento das forças produtivas e disposição da sociedade:

"La production capitaliste - diz ele - dispose de forces productrices énormes et tend toujours à augmenter la somme des produits qu'elle crée." (156)

Mo que, acrescenta:

"En règle générale, il n'existe pas d'autre limite au développement de l'économie capitaliste, que celle des forces productives de la société, de capital se créant à lui seul ses débouchés." (157)

Não obstante o anterior, o modo pelo qual se processa, concretamente, esta expansão longe de ser harmônico ou contínuo, é, ao contrário, ciclotímico e desequilibrado, permeado por... "des retârdos et des interruptions (qui) sont les crises économiques". (158) A acumulação se faz, portanto, por meio de ciclos econômicos onde se alternam épocas de crescimento acelerado com épocas de estagnação ou mesmo, crescimento negativo.

"L'évolution capitaliste - escreve - est périodique en ce sens qu'elle est faite d'une succession de périodes d'essor et de faiblissement, ou prospérité et de dépression, qu'elle évolue suivant un cycle." (159)

(155) As idéias de Tugan sobre o ciclo e crises podem ser também encontradas em Moisseev op.cit. esp.p.1-9; Hansen, op.cit., cap.16; Kowal. La Theorie ...p.164-174 e "The Market and bussiness cycle theory"... passim, e Miglioli op.cit., esp., p.142-145.

(156) Promyshlennye krizisy... (trad.francesa, ed.cit., p.221).

(157) Op.cit., p.233.

(158) Ibidem, parêntesis acrescentado.

(159) Op.cit., p.248.

Cada ciclo comporta por sua vez uma sucessão de fases ao longo das quais a economia muda a sua forma de funcionamento. Utilizando expressões de um outro estudioso do assunto (Samuel Lloyd), Tugan assim caracteriza a dinâmica interna a cada ciclo:

"... nous avons tous les dix ans - dix - la calme commercial, puis un progrès, un retour de confiance, la prospérité, l'énergvement, la spéculation à outrance, les luttes convulsives, l'impasse, la stagnation des affaires, la misère..., et puis de nouveau de calme commercial." (160)

A passagem da "calmaria comercial" pós-crise ao frenesi da acumulação acelerada não é um passo automático nem simples, sublinha, (161) mas a expansão uma vez iniciada torna-se seu próprio combustível. O "enigma" dos mercados, que tanto atormentava a Engels, Cunow, Luxemburg et Caterva, é então resolvido pela própria expansão da produção:

"... toute extension intensive du capital fixe - argui - s'accompagne-t-elle d'un mouvement général de prospérité industrielle... L'impulsion qui parte à l'extension de la production se transmet d'une branche industrielle à l'autre: par suite, l'extension de la production est contagiense et a toujours une tendance à gagner toute l'économie sociale. Voilà pourquoi, pendant les périodes d'extension du capital fixe, on remarque pour toutes les marchandises une argumentation de la demande." (162)

As condições que possibilitam o crescimento vão, entre tanto, se "gastando" à medida em que o mesmo se dá. A proporcionalidade, inter e intrasetorial na distribuição dos investimentos, condição sine-qua-non para o prosseguimento indefinido do

(160) Ibidem.

(161) Cf. especialmente p.263 a respeito.

(162) Op.cit., p.257-258. Observe o leitor que Hilferding e Schumpeter por exemplo, só para ficarmos nos dois mais ilustres "discípulos" de Tugan, repetiriam ao longo de suas respectivas obras - e de modo quase ipsis literis - a descrição que viemos de transcrever (sendo que o último sem ter a coragem de indicar a fonte do empréstimo).

"boom", vai sendo erodida pelos ritmos diferenciados da expansão dos numerosos setores da indústria.

"... la production sociale - observa Tugan - à la suite d'un mouvement de prospérité, devient de plus en plus improportionnelle, parce que les différentes branches de production ne subissent pas toujours la même extension." (163)

Também a conclusão de grandes projetos de investimentos, os quais consomem geralmente anos até serem finalizados, desempenha, na sua análise, um papel particularmente relevante na deflagração da reversão do boom: ela traz consigo uma contração significativa na demanda corrente, sobretudo para aqueles setores que produzem meios de produção.

"Finalement - acrescenta -, le nouveau capital fixe est terminé: on a de nouvelles fabriques, de nouvelles maisons, de nouveaux navires, de nouvelles lignes de chemins de fer. Mais alors les nouvelles entreprises se font plus rares. La demande de tous les matériaux qui constituent les éléments du capital fixe, subit une réduction ... Il est d'ailleurs évident que toute diminution du nombre des entreprises nouvelles doit provoquer un dérangement dans la répartition proportionnelle de la production sociale. La demande sociale se trouve modifiée et l'équilibre de l'offre et de la demande est rompu." (164)

Esta sinalização emitida pelo encolhimento da demanda corrente não impede entretanto, dados o "estado de ânimos" e sobretudo a defasagem temporal inerente ao funcionamento da produção de meios de produção, que estes setores continuem, por algum tempo ainda, a incrementar sua produção (165), a expansão prossegue, portanto, mas em meio a crescentes dificuldades: dessincronizada do estado real das relações entre os setores de produção e apoiada principalmente no crédito, no otimismo progressivo e nos "balões de ensaio" oferecidos pelas ondas de especulação:

(163) Op.cit., p.272.

(164) Op.cit., p.275-276.

(165) Cf.op.cit., p.271. O professor Castro nos dá uma boa descri-

"L'extension extraordinaire du crédit si caractéristique pour cette phase du cycle industriel, dénote un placement intensif du capital...L'extension de la production dans diverses industries se produit à ce moment presque indépendamment de la situation réelle de la demande, uniquement dans un but de spéculation et sous l'influence des manoeuvres de la bourse." (166)

Nestas condições de progressiva instabilidade, a elevação violenta da taxa de juros é o sinal de "ingresso na zona de perigo". (167) O golpe mortal será dado então, quer por um curto-circuito de natureza financeira ou bursátil, ou, finalmente, pelo escasseamento do crédito a disposição da produção. Por meio da crise, o organismo econômico passa do auge febril à estagnação desesperada ... a superprodução parcial converte-se em geral.

"Ainsi - conclui - une stagnation générale succède à un essor général et le cycle industriel passe de la phase favorable à la phase défavorable ... Ce n'est pas l'abondance du capital disponible mais le manque de capital, qui a provoqué la dernière crise..." (168)

As crises, momentos do ciclo econômico e indicadores por excelência de uma reversão cíclica, radicam portanto, segundo Tugan, naquilo que chama de "caráter anárquico da produção capitalista", (169) mas também, no perfil essencialmente financeiro

ção do referido processo em seu ensaio "O retorno do ciclo" in: O Capitalismo ainda é aquele, ed.cit., p.138-139.

(166) Op.cit., p.265 e 272 (Ver também p.255-256 a respeito).

(167) Op.cit., p.265.

(168) Op.cit., p.273-276.

(169) "Dans l'économie capitaliste - escreve ele à p.251 do seu trabalho de 1894 - l'accumulation du capital crée une tendance constante à l'extension de la production. Le capital presse, pour ainsi dire, toujours la production, la stimule sans cesse. Mais, pour que les produits puissent s'écouler, il faut une repartition proportionnelle de la production. Or, l'économie capitaliste dans son ensemble est chaotique, dépourvue d'organisation. Ce manque d'organisation et l'extension de la production par l'accumulation du capital créent une tendance permanente à surproduction, qui se manifeste précisément par cette difficulté de trouver des

das relações de complementariedade e concorrência entre os capitais. (170) Manifestam-se como impossibilidade tanto de vender a produção quanto de investir (ou mesmo manter) o capital; sua causa entretanto, não reside num suposto crescimento cronicamente insuficiente dos mercados para absorver a produção, senão que na natureza eminentemente desequilibrada da expansão da própria produção:

"Les débouchés sont toujours insuffisants pour le capitalisme - escreve -, non parce que les consommateurs sont trop peu nombreux, mais parce que la répartition proportionnelle de la production est absolument irréalisable dans les conditions de l'économie capitaliste."

débouchés pour les produits, par cette surabondance constante des forces productives, qui est si caractéristique pour le capitalisme, même en temps normal. La difficulté de trouver des débouchés ne résulte donc que de la difficulté d'aniver à une répartition proportionnelle de la production dans les conditions de l'économie capitaliste. En temps normal, cette difficulté empêche l'extension de la production. Mais il arrive qu'elle devienne plus aiguë et la production capitaliste tombe momentanément, pour ainsi dire, dans un état de paralysie générale et il se produit ce que nous appelons une crise industrielle."

- (170) Este é um ponto largamente descuidado mesmo pelos, poucos, textos simpáticos às idéias de Tugan. Para ele ... "La circonstance qui aggrave ces crises est le moyen de circulation caractéristique de l'économie capitaliste, le crédit ... En temps favorable, il multiplie la force d'achat de la société et disparaît dès que le moment difficile arrive. Grâce au crédit, toutes les oscillations de l'économie acquièrent une amplitude beaucoup plus grande: l'économie sociale monte plus haut et sa chute n'en est que plus grave" (op.cit., p.251-252). Na edição alemã de seu livro, organizado de forma muito distinta da francesa, o destaque para o papel do crédito aparece logo no primeiro capítulo. Ali ele escreve: "Com a expansão das compras e vendas a crédito, os preços das mercadorias adquirem uma curiosa mobilidade, convertendo-se em expressão de um elemento puramente psíquico: os cálculos ... não apenas com respeito à situação futura do mesmo, o estado de espírito de compradores e vendedores, a maior ou menor tendência à especulação ... Na economia creditícia - acrescenta - o poder aquisitivo do mercado é uma estrutura complexa e elástica, imaterial mas ao mesmo tempo frágil, construída sobre a base monetária real: o poder aquisitivo do mercado pode aumentar ou diminuir sem modificação alguma nas relações reais da oferta de mercadorias e dinheiro, dependendo apenas da maior ou menor inclinação dos compradores e vendedores em servir-se do crédito. Para concluir dizendo: "... o crédito for-

Ao que, acrescenta:

"Le capitalisme a la plus grande peine à atteindre une approximation de cette proportionnalité; il y arrive par les crises et par suppression des entreprises dont le développement a été excessif."
(171)

Neste quadro, a carência de mercados aparece como um obstáculo passageiro, embora recorrente, que o organismo econômico supera a cada nova etapa de expansão.

Façamos aqui uma pausa, para uma rápida avaliação. Creemos estar, subscrevendo as palavras de Castro, diante de uma "imponente construção".(172) Na realidade, a primeira teoria dos ciclos analiticamente desenvolvida num trabalho, em suma, onde estão presentes todos, ou quase todos, os elementos que marcariam daí por diante os melhores textos deste ramo da análise econômica: conjugação de investigação histórica com análise teórica, abordagem rigorosamente dinâmica onde são privilegiadas as defasagens temporais, assimetrias setoriais, conflitos nas relações intercapitalistas e onde se anunciam aqueles mecanismos que serão chamados posteriormente de "acelerador" e "multiplicador". (173) Com sua obra, um círculo teórico se fecha, as crises são integradas aos ciclos sendo estes concebidos como a própria essência do desenvolvimento capitalista. O nexó crise-acumulação presente no pensamento de Marx, torna-se com Tugan plenamente de

talece tremendamente a dependência recíproca entre as diversas empresas. A vinculação entre elas torna-se íntima e estreita. As modificações do mercado adquirem um caráter cumulativo: acontecimentos insignificantes podem exercer uma ação extremamente destrutiva sobre o mercado, porque o efeito do golpe originário cresce com sua propagação". (Op.cit., trad. esp. cit., p.274).

(171) Op.cit., p.222 (ambas as citações).

(172) Cf. "Keynes e a velha tradição do ciclo", p.7.

(173) Cf. no mesmo sentido as observações de Castro ("O retorno do ciclo" p.138-139; "A controvérsia da demanda efetiva" p.112 e "Keynes e a velha tradição do ciclo" p.5-7) e Miglioli (op. cit., p.144 nota 11).

desenvolvido; um lôgro tanto mais importante se nos recordamos que quando veio à luz, a investigação sobre as crises conectava-se, no pensamento socialista, muito menos aos ciclos que à "Revolução". Diremos mais, a nosso juízo, este trabalho de 1894, é antecessor direto da MAGNUM OPUS Schumpeteriana de 1939, seu Business Cycles, sabidamente subtulado de "A Theoretical, historical and statistical analysis of the capitalist process", justamente os termos empregados por Arthur Spiethoff ao iniciar, em 1903 uma apreciação da edição alemã do trabalho de Tugan. Spiethoff então o aclamava como ... "The first scientific monograph on business cycles, which combined history, statistics and analysis." (174)

Não obstante o anterior, isto é, a despeito de toda sua grandeza, a teoria de Tugan ressentia-se de, pelo menos, uma lacuna importante como cedo percebeu o mesmo Spiethoff: ela não consegue esclarecer os mecanismos responsáveis pelo início da expansão. (175) Sua gênese é atribuída muito genericamente a um momento no qual ... "la résistance de l'industrie est vaincue et ou les capitaux empruntables accumulés trouvent un placement et se transforment en capitaux productive" (176) momento este que não é objeto de uma análise detalhada. Tal lacuna começará a ser preenchida nos trabalhos do próprio Spiethoff e, sobretudo, nos

(174) "Die krisentheorien von M.I. Tugan-Baranovscky und z. Pohle" Leipzig, 1903 cit. por Kowal in "The Market and business cycle theory of M.I. Tugan-Baranovsky", p.316.

(175) Cf. Hansen, op.cit., p.291.

(176) Promyshlennye krizisy... p.263. Cabe assinalar aqui que, para Tugan, a reversão cíclica que marca a passagem ao reinício da expansão resulta de um entrecrusamento entre os mecanismos "saneadores" postos em ação pela própria crise, e o movimento (anti-cíclico) daquilo que chama de "fundos (ou capitais) emprestáveis". Que tal interseção possa ser insuficiente para explicar a "saída da crise" numa conjuntura histórica terrivelmente complexa como a da década de 30, não discutimos - e é aqui fundamentalmente que se inserem,

de Schumpeter com os conceitos por ele desenvolvido de "cluster de inovações" e de "destruição criadora". (177) Ainda assim, não cremos que se possa dizer, no nosso próprio tempo, que a questão tenha sido definitivamente esclarecida. Um outro ponto que nos parece problemático na sua formulação é o seu caráter monocausal no tratamento dos chamados determinantes das crises. Não parece ocorrer a Tugan, como também não ocorrerá à esmagadora maioria do pensamento econômico posterior, a ele, que o sistema capitalista possa ter mais de uma causa básica a determinar suas crises ou mesmo, que a causa básica possa variar de crise para crise. Este ponto de vista contudo, descontadas honrosas exceções, (178) somente agora, com a crise recente do sistema capitalista, começa a ser elaborado. (179)

a nosso juízo, as contribuições mais importantes de Keynes e Kalecki (Cf. no mesmo sentido, Castro "A controvérsia da demanda efetiva, p.120). Que ela possa contudo ter explicado a "retomada" em numerosas crises "menores" do capitalismo é algo que não nos parece destituído de sentido. A propósito, para um resumo do, supracitado, movimento dos "fundos emprestáveis" na análise de Tugan, cf. Moisseev, op. cit., p.4-5; Hansen, op.cit., p. 284-287 e Miglioli op. cit., p.143-144.

(177) Cf. no mesmo sentido as observações de Hansen, op.cit., p. 293 e 300-302. É contudo oportuno assinalar que o progresso técnico não estava ausente da análise de Tugan. Ao criticar a explicação de Rodbertus para a origem das crises, ele assim observa: "Les époques de prospérité industrielle ne sont point des périodes de progrès technique; au contraire, les progrès s'introduisent ordinairement durante les périodes de stagnation industrielle, lors que la baisse du profit oblige les entrepreneurs à rechercher les moyens de réduire les frais de production" (op.cit., p.246). É oportuno assinalar que esta sugestão foi, recentemente, ruidosamente retomada por Mensh. Cf. Das Technologische patt, Frankfurt, Verlag, 1975 (trad.ing., Cambridge, Massachussetts: Ballinger, 1979).

(178) Hilferding, Bauer e Dobb são provavelmente os nomes mais destacados entre eles. Sobre os dois primeiros cf. a segunda parte de nosso trabalho, ora em fase de elaboração. Quanto a Dobb ver Political economy and capitalism. London: Routledge, 1937, cap.4 e Studies in the development of capitalism, ed. cit., cap.7, seção 3.

3.4. TRANSFORMAÇÕES ESTRUTURAIS

Um último ponto antes de concluirmos com as idéias de Tugan: trata-se da "polêmica" questão da modificação no caráter das crises, tema cujo exame nos permitirá ademais anteciparmos algumas das conclusões relativas ao presente trabalho. Este é um tópico, como vimos, central tanto nas reflexões do "último Engels", como na crítica de Bernstein. Embora caminhando em meio a dúvidas e ambiguidades, Engels parecia, como já foi mencionado, apostar numa alteração do padrão cíclico peculiar ao desenvolvimento capitalista e na sua substituição por uma crise crônica, marcada muito mais pela prostração do que por ondas alternadas de expansão e contração. (180)

Bernstein por seu turno apontava, também de forma bastante cautelosa decerto, para o fenômeno oposto, isto é, para as características potencialmente reguladoras das políticas dos cartéis e para os efeitos amortecedores que estes tenderiam a exercer sobre as crises de então. (181)

(179) Cf. a respeito, por exemplo, R.Boddy and J.Crotty "Class conflict, keynesian policies and the business cycle". Monthly Review, oct.1974; E.Nell "Profit erosion in the USA", introdução à edição americana do livro de A.Glym e B. Sutcliffe British capitalism workers and the profit-squeeze Penguin; 1972; B.Rowthorn "Late capitalism" in: Capitalism conflict and inflation. London: Lawrence and Wishart, 1980, (trad. port. Zahar, 1982); Makoto Itoh. Value and crisis. London: Pluto Press, 1980 (esp.caps.4,5 e 6); P.S. Labini. "On the concept of the optimum rate of profit" in: Essays on economics in honour of Edward Lipinski. Amsterdam: North Holland, 1980 (trad.port. Forense - Universitária, 1984); G. Arrighi "Towards a theory of capitalist crisis". New Left Review, (111):oct.1978 e A.B.Castro "O retorno do ciclo".

(180) Cf. cap.1, *SUPRA*.

(181) Cf. pp.52-54, *supra*, a respeito.

Pois bem, a nossa tese é a de que as duas correntes interpretativas que daqui partem, comporão, levadas aos seus respectivos limites, um duplo "DEAD END" para o movimento socialista entre os anos 20 e o início dos anos 30; colapso eminente (Luxemburg, Lenin, Varga, Stalin) e organização irrestrita do capitalismo (Hilferding, Kautsky, Naphthali) hão de ser as bandeiras, ambas equivocadas, a dividir o pensamento socialista 'Mitteuropeo', particularmente durante o período da república de Weimar. (182) Aqui se insere uma segunda colocação nossa. Arguiremos no entanto, que à margem desta diáde encontrava-se uma terceira alternativa, certamente ignorada, a qual encarava com reservas estas duas posições, isto é, não cedia nem à tese do "colapso eminente" nem ao otimismo da crença nas possibilidades irrestritas de organização do sistema. Esta terceira alternativa embora presente, como vimos, (183) no discurso de Bernstein tem suas coordenadas teóricas verdadeiramente definidas pelos trabalhos de Tugan. Ela seria representada nos anos 20 pelas análises de seu brilhante aluno N.D. Kondratieff. (184)

Nos dois capítulos conclusivos da parte histórica de seu livro Tugan examina a questão da mudança nas crises. Seu diagnóstico inicial não deixa de lembrar os juízos do "último Engels":

"Ce qui caractérise l'évolution industrielle de l'Angleterre pendant les dernières années - dit -, c'est donc un changement dans les caractères des crises industrielles; au lieu des secousses et des paniques subites, nous avons des dépressions d'une assez longue durée." (185)

(182) A fundamentação desta proposição passa - obviamente - pelo exame das posições do Hilferding e do Kautsky "Weimarianos"; bem como, dos trabalhos de Luxemburg, Lenin, Varga e do Comintern. Tarefa que nos propusemos, e estamos desenvolvendo, mas cujos resultados não pudemos ainda, infelizmente, submeter ao "crivo da crítica". Mais uma vez pedimos ao leitor neles interessado (existirá tal personagem?) que aguarde a segunda parte deste trabalho.

(183) Cf. pp. 233 supra a respeito.

Ao que, acrescenta:

"Dans la nouvelle phase de l'évolution de l'économie... les fluctuations industrielles n'ont pas disparu et ne sont même pas devenues plus faibles; leur rapidité ait diminué ... Maintenant, la stagnation des affaires dure des années, mais elle n'est pas si absolue et ne survient pas si brusquement." (186)

Ao contrário de Engels, porém, Tugan se abstém de formular prognósticos catastrofistas sobre a base da metamorfose que observa na Inglaterra. Para ele:

"Le changement du caractère des crises industrielles dans l'histoire industrielle anglaise des derniers temps a donc été provoqué en partie par la ruine de la suprématie industrielle anglaise. Les périodes de prospérité industrielle n'ont plus, en Angleterre, assez d'importance pour être suivies d'une réaction aussi violente qu'autrefois." (187)

Ao que aduz, algumas páginas adiante:

"... l'Angleterre forme un contraste avec l'Allemagne, ou pendant cette même année (1901), on vit une crise industrielle très grave, qui atteignit les plus importantes branches de l'industrie et du commerce." (188)

Na realidade, é muito mais na vertente "Bernsteiniana" das reflexões do "último Engels" que se apoiará Tugan para analisar o resultado, ao nível do funcionamento global do sistema, das mudanças estruturais que percebe:

"... l'autres causes de l'absence des crises ne sont pas particulières à l'Angleterre. La moindre

(184) Cf. Day, op.cit., p.51, onde está indicada a relação professor-aluno existente entre os dois. Ver também Nove, "M.I. Tugan-Baranovsky (1865-1919)", p.261-262.

(185) Promyshlennye krizisy ... p.161-162.

(186) Op.cit., p.162.

(187) Op.cit., p.170.

(188) Op.cit., p.175, parêntesis e sublinhado meus. LBC.

importance des spéculations commerciales, génératrices de crises, par suite du développement du commerce mondial et de la plus grande stabilité des prix d'une part, et, à l'autre part, par suite du développement du travail sur commande, tend à rendre moins brusque, dans le monde entier, le passage de la période de prospérité à la période de stagnation." (189)

No capítulo conclusivo da edição alemã de 1901 de seu trabalho de 1894, Tugan porém, já consciente das interpretações e exageradamente otimistas que começavam a receber os argumentos de Bernstein, qualifica-os de modo preciso:

"Si les vues exposées dans ce livre sur les causes dans l'ordre économique capitaliste sont justes, rien n'est plus erroné que l'opinion suivant exprimée par quelques écrivains: l'évolution du capitalisme pendant les derniers temps a supprimé du retour périodique des crises... Beaucoup croient que les crises peuvent être supprimées par le développement de diverses sortes d'organisations patronales, des cartels, des syndicats, des trusts, qui directement ou indirectement, tendent à régulariser la production... Les cartels marquent un progrès très important de l'économie capitaliste dans la voie de la concentration de l'exploitation. Mais il ne nous semble pas moins tout à fait impossible que les cartels suppriment le cycle industriel. Un cartel peut introduire dans une branche industrielle une organisation méthodique de la production; le manque d'organisation et de plan n'en subsiste pas moins dans les relations réciproques des branches de production ainsi organisées."

"Le cycle industriel a ses racines - conclui-dans l'essence même de l'ordre économique capitaliste et il n'y a que la suppression de cet ordre... qui puisse prévenir le retour périodique des crises." (190)

Nas duas últimas páginas do livro todavia, Tugan procede a uma rápida reflexão teórica cuja medula haveria de ser intensamente aproveitada por Hilferding, e pelo "Schumpeter Weimaria no".

(189) Op.cit., p.170.

(190) Op.cit., p.461-462-463.

"Les cartels - escreve - ne pouvaient supprimer le cycle industriel qu'ou cas ou ils régulariseraient non seulement chacune des branches industrielles, mais encore l'accumulation de tout le capital social et sa répartition méthodique entre les différentes branches de la production, et cela non seulement dans quelques pays, mais dans l'ensemble du monde capitaliste. Or, pareil ordre économique peut-il être considéré comme possible? Ce serait un collectivisme dans l'intérêt de quelques capitalistes. La classe ouvrière seroit, dans ces conditions, tout à fait impuissante en face de la classe capitaliste organisée, qui réglerait toute la vie sociale dans son intérêt." (191)

Verã o leitor que estamos diante da "matéria-prima teórica" dos conceitos de "capitalismo organizado", cunhado por Hilferding ao longo da guerra e desenvolvido nos anos 20, e "capitalismo trustificado", utilizado por Schumpeter em seu, já citado ensaio "The Instability of capitalism". (192) Estamos também, diante de um tipo de reflexão que estará presente nos escritos de Keynes, qual seja, a relativa à "regulação" do capitalismo como forma de impedir variações cíclicas pronunciadas (bem como de alicerçar sua estabilidade política). (193) Para o próprio Tugan entre-

(191) Op.cit., p.463.

(192) Na realidade, o próprio conceito de "cartel geral", que antecede na obra de Hilferding, o de "Capitalismo organizado", tem a sua genealogia teórica nos escritos de Tugan: na introdução ao seu trabalho de 1906 "O Socialismo moderno na sua evolução histórica", já numerosas vezes citado por nós, ele assim diz: "em regra geral, o marxismo identifica o socialismo com a socialização dos meios de produção... Este conceito de socialismo não é satisfatório... a socialização da produção, em si mesma, não significa, pois, o socialismo. Suponhamos que o crescimento das sociedades por ações, em simultâneo à sua agrupação em sindicatos, cartéis ou trustes, traga consigo o desaparecimento das empresas capitalistas isoladas e a formação de uma empresa nacional colossal, metodicamente organizada... Esta produção capitalista socializada e centralizada seguirá sendo capitalista e jamais poderá ser considerada socialista". (Op.cit., p.8-9) Isto não passou despercebido à Henryk Grossmann que aponta corretamente a origem do conceito de "Cartel geral" (Cf. Grossmann, op.cit., p.392 nota 59) sobre Hilferding e Schumpeter, cf. 2ª parte do presente trabalho.

(193) Compare-se estas colocações de Tugan por exemplo, com o retrato das reflexões keynesianas fornecidas por Minsky. "The Breackdown of the 1960's Policy Synthesis" Telos, (50): Win-

tanto, ... "La réalisation de cet ordre économique se heurterait à des difficultés plus grandes que la réalisation du socialisme".

(194) Até prova em contrário, também neste ponto, dever-se-ia lhe render homenagem.

ter, 1981-82. Ver também Claps Offe, "Competitive party democracy and the keynesian welfare state: some reflections upon their historical limits. Policy Sciences, 1983 (trad. port. in: Problemas Estruturais do Estado Capitalista, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984) e Antonio Negrí, "John M. Keynes et la théorie capitaliste de l'état en 1929" in: La classe ouvrière contre l'état. Paris: Galilée, 1978 (orig. Milão: Feltrinelli, 1972). Do próprio Keynes, ver o capítulo conclusivo da General Theory of Employment, Interest and Money. Londres: Mac Millan, 1973 (trad. port., São Paulo, Abril Cultural: coleção Os Economistas, 1983). Cabe aqui uma palavra sobre a, curiosa, atitude de Keynes neste contexto. Tendo-se declarado no seu Treatise on Money (Londres: Mac Millan, 1971, v.2, p.89-90) "em forte simpatia" para com os autores da chamada "escola continental", e "especialmente com a forma que a teoria toma nos trabalhos de Tugan-Baranovsky", Keynes os ignora completamente na General Theory. O fato causa perplexidade, na medida em que a discussão destes autores, e especialmente do "simpatizado", Tugan estaria em plena sintonia com o objeto da análise de Keynes na obra de 1936. Tal "slip" não parece contudo ter sido o único na biografia intelectual do pensador inglês: Keynes a despeito de sabedor da convergência que possuíam com as suas, as idéias desenvolvidas pelos membros da STUDIENGESELLSCHAFT FÜR GELDUNG KREDITWIRTSCHAFT (formada em Berlim, em 1931, entre os quais encontrava-se W.S. Woytinsky, co-autor do chamado "Plano WTB", tipicamente "keynesiano" embora elaborado em 1931 - documento do qual Keynes recebeu um "first draft") também os ignorou no seu livro (convidado para fazer uma exposição na instituição em 1932, ele declinou do convite). Cf. George Garvy "Keynes and the economic activists of pre-Hitler Germany" Journal of Political Economy, 1975.

(194) Op.cit., p.463.

4. O FUTURO DO CAPITALISMO E O
ADVENTO DO SOCIALISMO:

Ao concluirmos, gostaríamos de fazer com relação a Tu gan a mesma pergunta que nos propusemos quando finalizávamos o exame das idéias de Bernstein: como se posicionava ele acerca dos temas do "futuro do capitalismo" e das possibilidades práticas do advento do socialismo? Com relação ao primeiro ponto, con vêm sublinhar que, para o autor, a refutação intransigente da ale gada "tendência ao colapso econômico eminente do capitalismo" não se confunde, ao contrário do que quer a maioria de seus críticos, com nenhuma profissão de fé quer na eficiência suprema, quer na eternidade deste sistema. Sua alegada "reconciliação" com as supostas virtudes da ordem burguesa não resiste à mais simples verificação. (195) O que ele de fato não aceitava eram as prognoses catastrófico-otimistas, de distintos matizes, que ademais de teoricamente equivocadas, poderiam, a seu juízo, fa cilmente conduzir a atitudes políticas perigosamente "quietistas": se realmente a evolução econômica conduzisse, por si própria, à ruína do capitalismo, observa Tu gan no trabalho de 1906, porque haveria então a classe operária de tomar parte numa luta - e nela consumir suas energias - na busca de um ideal cuja realização é do todo modo inevitável? (196)

(195) O termo entre aspas é de Bukárin, Cf. The Economy theory of the leisure class, ed.cit. apêndice final.

(196) Sovremennyi ... p.94-95.

"Não há razão para prever - dirá - que o capitalismo morrerá de morte natural, muito pelo contrário, é necessário que seja destruído pela vontade consciente do homem..." (197)

Afinado com Bernstein, Tugan atribui a origem deste "desvio fatalista", no marxismo, a um defeito básico da obra do próprio Marx. Segundo ele, o esquema teórico do autor do *Capital* estaria marcado por um dualismo inegável: Marx esforça-se para demonstrar que a passagem da ordem capitalista à socialista, é um fenômeno necessário, natural mas, ao mesmo tempo, também sustenta que a destruição do capitalismo e a criação do socialismo devam ser produto da obra consciente de uma classe social: o proletariado.

"Evidentemente - argui - há aqui uma contradição profunda cujas origens encontram-se na própria filosofia social de Marx que exagerava a importância do aspecto natural da evolução histórica e não compreendia o enorme papel criador que representava neste processo, a personalidade humana. Por isto, tratava sempre, como pensador, como homem de ciência objetiva, de colocar em primeiro plano, na arena da história, as forças naturais da evolução histórica." (198)

Também para Tugan, todavia, a ordem socialista é a herdeira legítima da capitalista. Embora evitando o viés catastrofista que identifica na obra de Marx, ele não deixa de reconhecer no desenvolvimento capitalista uma condição necessária para o triunfo do socialismo: o capitalismo cria condições econômicas e prepara o terreno para a construção da nova ordem, ao mesmo tempo que contribui para organizar as forças sociais de cujo trabalho dependerá a sua edificação. (199)

(197) Ibidem.

(198) Ibidem.

(199) Cf. Op.cit., p.95-96.

"O que excluo desde logo - escreverá no trabalho de 1905 - é a possibilidade de uma evolução econômica que leve o capitalismo diretamente, em direção ao colapso e que, assim fazendo, deixe o campo livre para o novo sistema econômico."(200)

Esta convicção não impede a Tugan, entretanto, de identificar "calcanhares de Aquiles" no funcionamento do sistema. A este respeito, ele escreverá no seu trabalho de 1906:

"... a economia capitalista não só condena a massa do proletariado a um trabalho excessivo e a uma existência medíocre, como também impede o desenvolvimento pleno de todo potencial produtivo contido na técnica moderna..."(201)

Tais conclusões não nos revelam, contudo, sua melhor pontaria na indicação dos limites da sociedade que analisa. É em seu livro do ano anterior que desponta um poderoso argumento nesta direção:

"Reconheço sem dúvida - diz - a existência no sistema econômico capitalista, de uma contradição interna insolúvel que deve levá-la inexoravelmente (ainda que não pelo que ocorre no seu plano econômico) à sua própria superação. Esta consiste em que a economia capitalista converte o homem que trabalha num mero meio de produção, ao mesmo tempo em que conduz à difusão do conceito jurídico que vê na pessoa humana um fim em si mesmo. Esta é, pois, a contradição do princípio econômico fundamental do capitalismo com uma norma ética fundamental."(202)

A seu juízo, portanto, a contradição fundamental do sistema não reside no interior de sua órbita econômica, mas, na incompatibilidade desta com o desenvolvimento pleno do ideal democrático que, ao nível do discurso político, a sociedade capitalista é levada a difundir. Argumentando desta forma, Tugan se coloca num estratégico ponto de convergência teórico entre o marxismo e a teoria política liberal do século passado, os

(200) Teoreticheskiiia ...p.259.

(201) Sovremennyi ... p.102.

(202) Teoreticheskiiia ... p.259.

quais, como nos apontou recentemente Claus Offe, estavam ambos convencidos - embora por razões extremamente distintas - de que "o capitalismo e a democracia plena não poderiam se misturar". (203)

A colocação cobra, a nosso juízo, a maior atualidade. Se o "capitalismo keynesiano" do segundo pós-guerra pareceu, por algum tempo, tê-la desmentido, sua situação mais recente onde, nas palavras do mesmo Offe, os "mecanismos institucionais sobre os quais repousa a compatibilidade da economia privada e da participação política das massas...estão sob tensões e pressões cuja ordem de magnitude não tem precedentes no pós-guerra", (204) encarregou-se de recolocá-la na ordem do dia. Em que medida o fez, somente o futuro será capaz de dizer, mas o próprio ensaio de Offe é um ótimo exemplo da atualidade da proposição. (205)

Passemos ao segundo ponto, a questão das possibilidades práticas do advento do socialismo. Aqui, é mais uma vez possível advertir sobre significativas convergências com o pensamento de Bernstein: a despeito de inteiramente convicto tanto da superioridade deste sistema quanto da sua viabilidade prática, Tugan também não o era menos das dificuldades implícitas na sua realização. A seu juízo, a conquista do poder político, vigorosamente defendida no "manifesto comunista", permanece, todavia, como um ponto essencial. Sem embargo, adverte, "... a conquista do poder político é apenas um fim bastante remoto no movimento socialista contemporâneo. A política prática cotidiana do socialismo propõe-se outros objetivos mais imediatos, que podem ser alcançados ainda no interior da atual ordem social." (206)

(203) Offe, op.cit., p.359.

(204) Op.cit., p.382.

(205) Cf. a respeito especialmente p.382-384. Ver também Stuart Holland. The socialist challenge. London: Quartet Books, 1976; introdução e cap.1.

(206) Sovremennyi ... p.197.

O programa puramente político do "manifesto comunista", dirá, solicita complementos necessários tais como a difusão do socialismo municipal, dos movimentos cooperativistas e dos sindicatos que eduquem a classe operária. Tais complementos, aduz, "... são condição essencial para o êxito da revolução proletária."

(207) Também a seu juízo, portanto, o processo de edificação da nova ordem deveria resultar, principalmente, de um lento processo "molecular" de transformação. Na penúltima página de seu livro de 1906 ele observa:

"É preciso reconhecer e considerar que a ordem socialista não é o sonho irrealizável de um paraíso sobre a terra, nem uma quimera ou ilusão; senão um sistema econômico-social que, embora não possa ser estabelecido de um dia para o outro, deve servir perfeitamente como fim para a nossa política prática." (208)

A isto agrega, a título de conclusão:

"Chegará o socialismo porque o próprio capitalismo cria, como demonstra a ciência, o terreno para uma nova era, e porque, independentemente de sua base científica, o socialismo tem plantado profundas raízes no coração de todos os que sofrem, para os quais o socialismo é um ideal, um credo, ao mesmo tempo que uma fé no progresso, em um devir melhor onde a violência e a exploração hajam desarmado, e onde a realidade social esteja em harmonia com nossas aspirações morais." (209)

Se não podemos afirmar que a história sucessiva tenha realizado esta sua previsão, podemos fazê-lo no que diz respeito à sua manifesta atualidade: se o socialismo algum dia há de chegar, o socialismo intransigentemente democrático como postulava Tugan, (210) as razões do seu advento não de ser, assim o cremos, exatamente estas apontadas pelo autor.

(207) Op.cit., p.212.

(208) Op. cit., p.214.

(209) Op. cit., p.215.

(210) Cf.op. cit., p.214-215.

Lubomyr M. Kowal encerra seu ensaio sobre Tugan, para a STORIA DEL MARXISMO CONTEMPORANEO editada pela Feltrinelli, com uma página deste autor acerca de suas relações com o marxismo de uma maneira geral. Gostaríamos de encerrar o exame de suas idéias recorrendo ao mesmo texto, originalmente publicado em 1903:

"J'ai été, il n'y a pas si longtemps, plus proche des marxistes que je ne le suis aujourd'hui mais je n'ai jamais été un disciple fidèle de Marx. J'ai toujours évité de me définir moi-même comme marxiste, mais l'opinion publique me considèrerait comme tel, et je n'y ai pas fait objection. Mais j'ai peu à peu rompu avec le marxisme, lequel, à mon avis, a fait son temps, et n'a plus d'avenir. Je pense que la tâche la plus importante de notre époque est de dépasser le marxisme par une critique qui aboutira à la création d'un nouveau système social. J'ai donc rompu avec ceux dont j'étais proche idéologiquement et je m'éloigne de plus en plus d'eux. Mes amis d'autrefois sont devenus mes ennemis. Mais je ne le regrette pas, car seule importe au chercheur consciencieux la poursuite de la vérité immuable et éternelle ; aussi loin que ma force et mes connaissances le permettront, je continuerai ma quête de la vérité objective, attentif aux critiques certes, mais fidèle à la voie que je me suis tracée."(211)

(211) Ockurkiiznoieishei istorii politicheskoi ekonomii (Ensaio sobre a nova história da economia política). São Petersburgo, 1903, p.6, cit. por Kowal in: Op.cit.p.173-174.

CONCLUSÃO

Certamente não é usual iniciar o capítulo conclusivo de um trabalho dizendo que talvez ele não precisasse ser escrito. Portanto, não faremos isto ainda que, através deste artifício de retórica (1), deixemos sugerida ao leitor esta idéia. É que, na verdade, nossas conclusões já foram enunciadas. Estão dispostas ao longo dos três capítulos precedentes, embora de forma dispersa. Assim, nossa "conclusão" não tratará de dizer nada de novo, nada que já não tenha sido dito nas páginas anteriores. Seu propósito será, então, apenas sistematizar o que nos parecem ser os principais pontos a serem extraídos, como resultados, do estudo que fizemos.

Em primeiro lugar, procuramos indicar a matriz no "último Engels", das duas principais linhas interpretativas ao longo das quais se moveria o pensamento econômico marxista subsequente. Este ponto - relevante por si mesmo - é, todavia, menos importante, para os nossos propósitos, do que um outro que daí pode ser extraído: trata-se do fato de que, a menos que se despreze o status de Engels de co-fundador do marxismo, a "revisão" já estava inscrita no próprio marxismo original como uma das suas possibilidades de desenvolvimento.

(1) Inspirado em Renato Mezan. Cf. a introdução de sua bela tese de doutoramento: Freud, Pensador da Cultura, São Paulo, Brasiliense, 1985.

Em segundo lugar, procuramos também salientar - fato muito pouco notado pela literatura que se ocupa do revisionismo - a estreita complementaridade existente entre as idéias de Bernstein e Tugan. Estranha lacuna porquanto o próprio Bernstein encareceu-se de adverti-lo no epílogo que agrega ao seu livro em 1920. Alí ele diz, após ter comentado sucintamente algumas teses de Tugan; o seguinte:

"Daí se depreende claramente que Tugan - Baranovsky compartilha as idéias desenvolvidas neste livro a propósito das diversas partes da teoria econômica de Marx, ainda que as desenvolva posteriormente a sua maneira e chegue a resultados mais precisos. Expressa-se em termos positivos enquanto eu me havia limitado a objeções críticas. Admito que isto constitui, inclusive, uma vantagem para suas obras." (2)

Gostaríamos de insistir neste ponto, o qual nos transporta para o nosso terceiro resultado - que cremos já evidente para o leitor: nossa avaliação amplamente positiva, digamo-lo com todas as letras, do legado destes dois pensadores.

Nas suas análises as possibilidades de desenvolvimento do capitalismo deixam de ser subestimadas, ao mesmo tempo em que delas emerge uma imagem muito mais precisa do seu funcionamento. Isto não obstante, não compromete as suas convicções socialistas e o socialismo - enquanto meta desejável e possível de ser atingida - permanece no centro de suas preocupações teóricas. Seu advento é, todavia, libertado da camisa de força da necessidade inelutável de um agravamento das condições de funcionamento do capitalismo e passa a ser discutido como produto, fundamentalmente, de transformações que resultam de um entrecruzamento de variáveis localizadas nos planos da cultura e da vontade política.

(2) Die Voraussetzungen ... p.277.

As deduções de ambos neste sentido não deixam entretanto de estar relacionadas com a evolução e com as modificações ocorridas na estrutura econômica do capitalismo, ou seja, baseiam-se em análises essencialmente materialistas. O que desaparece de suas reflexões é a idéia de "socialismo científico" conforme expressa originalmente por Marx e Engels. À ela é contraposta a de um "socialismo ético", como o expressa Bernstein:

"A justiça é, todavia, na atualidade, um motivo muito poderoso no movimento socialista pois nenhuma ação de massas permanente se verifica sem um estímulo moral. É um fato bastante comprovado que os elementos mais ativos no movimento socialista se recrutam, em todas as partes, entre aquelas camadas da classe operária, bem como de outras classes da população que, para utilizar uma expressão corrente, 'menos o necessitam', pessoas que a curto prazo perderiam com uma distribuição equilibrada da renda nacional. O que os impulsiona para o socialismo é o afan por uma ordem social mais racional e mais justa, e se se examina a questão mais detidamente, descobre-se que em nove de cada dez casos, o desejo de uma ordem social mais justa é o que se encontra em primeiro lugar." (3)

E ainda:

"Finalmente, gostaria de destacar, mais uma vez, que este livro expressa a idéia de que o DIREITO HISTÓRICO e o OBJETIVO da grande luta pela emancipação da classe trabalhadora não estão ligados a nenhuma fórmula fixa, senão que, estão determinadas pelas CONDIÇÕES HISTÓRICAS DE EXISTÊNCIA e pelas necessidades ECONÔMICAS, POLÍTICAS e ÉTICAS desta classe, que surgem destas condições. A classe trabalhadora deve realizar um ideal e não doutrinas." (4)

Procedendo desta maneira, isto é, recusando-se a conferir ao socialismo o caráter de uma previsão científica, ambos os autores recuperam, em certa medida, a tradição do pensamento socialista qualificada por Marx e Engels de "utópica". Na realidade

(3) "Probleme des Sozialismus" ...p.89.

(4) Die Voraussetzungen ...p.109. (Prefácio ao trigésimo milhar).

de, entretanto, Bernstein e Tugan se situam num ponto, digamos, intermediário entre o socialismo utópico e o marxismo, na medida em que além de fundarem suas conclusões sobre o capitalismo em análises rigorosamente materialistas, evitam considerar o devir socialista seja como "um novo mundo amoroso", seja como o palco da emancipação total do homem, da sua renovação conjunta com a natureza, o fim de todas as contradições ou, o salto para o reino da liberdade. Com Bernstein e Tugan, assim o cremos, se criam as condições para uma reflexão verdadeiramente madura sobre a questão do socialismo.

Diremos mais: a nosso juízo, a união das perspectivas, representadas por estes dois pensadores - sendo que sobretudo a que emerge da obra de Tugan - representava a gênese dentro do horizonte marxista, de um novo, e muito mais sólido, paradigma analítico, através de cujo desenvolvimento o marxismo poderia ter atingido a sua maioridade. Tal no entanto não se deu. Isto nos leva para a nossa quarta observação conclusiva: a de que estamos diante de um "paradigma abortado". Eclipsado pela fúria irracional derramada pelos congressos social-democratas de Stuttgart (1898) e Dresden (1903), marginalizado por críticas sempre muito mais comprometidas com a descaracterização do que com a avaliação e finalmente silenciado pelo triunfo do Leninismo após a revolução de 1917, este paradigma ficou por desenvolver. Bernstein e Tugan não deixaram verdadeiramente discípulos. Quando muito, meios-discípulos e influencias dispersas, embora marcantes. (5)

(5) Cf. no mesmo sentido, para Bernstein, Texte Zum Revisionismus mit einer Einleitung von Horst Heimann, Bad Godesberg, Bonn, 1977, (trad. esp., México, Nueva Imagem, 1982; e para Tugan, Sérgio Amato, "Tugan-Baranovsky Theories of Markets, Accumulation and Industrialization: Their influence on the Development of Economic Thought and Modern Historiographic Research, in Selected Contributions of Ukrainian Scholars to Economics ed by I.S. Koropectkyj, HURI, Harvard, 1984.

A história recente do capitalismo no entanto, como pretendemos ter indicado nos capítulos precedentes, encarregou-se de recolocá-los na ordem do dia. O paradigma por eles esboçado emerge hoje - embora de forma fragmentada - através de alguns nomes de peso do saber social contemporâneo. As teses de Sttedman, Meek e Napoleoni, as posições mais recentes de Alec Nove, o desenvolvimento do conceito de "capitalismo organizado" como instrumento de análise social, política e histórica por Bottomore, Habermas, Offe e pelo grupo de historiadores da "escola de Hans Rosemberg", a espetacular "virada" de Lucio Colletti (outrora expoente de uma "3a. geração" dentro do marxismo ocidental, no dizer de Perry Anderson(6)) e, mesmo, o "neo-Schumpeterianismo" de Landes, Mensch ou Freeman, são exemplos do que acabamos de dizer. O congresso interdisciplinar sobre a obra de Bernstein na Alemanha Ocidental em 1977 - e o renovado interesse por suas idéias desde então - (7) e os resultados do último congresso do PCI(8) apontam na mesma direção.

Ao concluir seu livro de 1899, Bernstein clamava por um "Kant" para o marxismo, isto é:

"... por uma mente ... que esclareça com rigor convincente quais partes da obra de nossos grandes precursores mereçam e estejam destinadas a sobreviver e quais as que podem e devem perecer, e que nos permita emitir um juízo desapassionado a seu respeito."

Dissemos, na altura em que transcrevemos suas palavras (9) que o marxismo ainda está à procura deste Kant. Agora,

(6) Cf. Considerations on western Marxism, p.39.

(7) Cf. Heimann, op.cit., p.99-104.

(8) Cf. por exemplo o artigo de Araújo Netto "PC Italiano, sem Berlinguer, se alinha à social-democracia" in Jornal do Brasil 13/04/86.

(9) Cf. capítulo 2, supra, p.68

podemos reformular a afirmação: cremos que o marxismo, através da obra de Tugan, TEVE ESTE KANT. Desprezou-o e hoje sua posição francamente defensiva na "batalha das idéias" é, a nosso juízo, o preço por tê-lo feito.

* * *

Terminando nossa exposição, gostaríamos de chamar a atenção para uma implicação mais ampla que sugere o estudo que fizemos. Trata-se do que podemos chamar de "a força das idéias", ou, "a importância do trabalho intelectual sério", isto é, preocupado com a verdade, e não com a eficácia política imediata que possam vir a ter seus resultados.

Exemplifiquemos através de uma alusão à relação entre a história do socialismo e a história das idéias socialistas: para grande parte da esquerda marxista internacional, foram FATOS - como a notória incapacidade da Rússia pós-revolucionária de erigir uma sociedade democrática, a revelação do legado de Stalin, a invasão da Hungria ou a transformação da "Primavera de Praga" num longo e tenebroso inverno - que obrigaram a um exame crítico do arcabouço teórico no qual se baseavam o "Stalinismo" e o "Leninismo" e, a partir daí, a um reexame também do próprio pensamento de Marx. (10) Pois bem, o que nos fica sugerido pela apreciação dos textos de Bernstein e Tugan - sendo que principalmente os de Bernstein - é que estas

(10) Não estamos sugerindo com isto, que Marx ou O Capital sejam os responsáveis diretos pela revolução bolchevique ou pelo Stalinismo - ainda que pensemos que também não seja possível isolar completamente ambos os fenômenos (na realidade, as suas relações ainda estão por ser estabelecidas a nosso juízo) - mas apenas que o caminho do questionamento à Marx passou muito frequentemente, por aqueles que o fizeram, pelas decepções trazidas pelas revoluções feitas em seu nome.

"provas ã negativo" dos fatos não eram necessárias, e que estes traumas, que tanto desserviço trouxeram ã causa do socialismo, poderiam ter sido evitados pois os resultados a que conduziram já haviam sido previstos, como consequência de medidas práticas extraídas de um arcabouço teórico inadequado. Polemizando com Lenin e com o bolchevismo em geral sobre o devir da revolução russa, por ocasião da implantação da NEP, Bernstein assim se expressava a seu respeito:

"Apoiando-se em uma expressão de Marx, a ditadura recebe o nome de ditadura do proletariado, apesar de que na realidade é a ditadura de um partido que apoiando-se numa parte do proletariado tomou posse, no momento oportuno, dos instrumentos de governo e, com o emprego de milícias pagas e medidas terroristas, oprime violentamente todos os demais partidos, socialistas e não socialistas." (11)

E concluía:

"O fato de que neste, como em muitos outros aspectos, se empreguem decididamente os piores métodos do antigo regime está, de todo modo, de acordo com a sua mentalidade política. Sua teoria socialista é um marxismo tosco, se não que até atrasado em relação ã Marx. Sua doutrina política é uma exaltação da força criadora da violência brutal; e sua ética política não é uma crítica senão que um desconhecimento das idéias liberais que encontram sua expressão clássica na revolução francesa do século XXIII. Mas, do mesmo modo que já se vêem obrigados, pela linguagem inflexível da realidade, a submeter a uma profunda revisão sua política econômica, não passará muito tempo até que se vejam também obrigados, frente ã revolta da inextirpável aspiração dos povos ã liberdade... a revisar radicalmente sua política e sua ética." (12)

Quanto ã substância de sua crítica, a história deu-lhe razão. No que diz respeito ã prognose, fê-lo de modo muito mais tímido e parcial do que previra ele, o que decerto não exclui que ainda possa vir a corroborá-la. embora hoje, ã 69 anos da Revolução, ainda não sejam perceptíveis esforços sérios neste sentido.

(11) Die Voraussetzungen... p.279.

(12) Op.cit., p.286.

Concluiremos dizendo, pois, o seguinte: este "paradigma" esboçado por Bernstein e Tugan nos começos do nosso século como uma proposta séria e teoricamente sólida de renovação das idéias socialistas foi abortado, triturado na realidade, em nome do "verdadeiro socialismo", da ortodoxia marxista a qual não admitia "revisões". Hoje, no final deste mesmo século, e por extrema ironia da história, são as idéias destes dois pensadores que reaparecem como a única possibilidade de re-legitimação deste mesmo socialismo em nome do qual foram soterrados.

BIBLIOGRAFIA*

- 01 - AMATO, S. Tugan-Baranovsky's. Theories of markets, accumulation and industrialization: their influence on the development of economic thought and modern historiographic research. Selected contributions of Ukranian Scholars to Economics. Harvard: Huri, 1984.
- 02 - ANDERSON, Perry. "Modernity and revolution." New Left Review. London, (144):Mar./Abp. 1984.
- 03 - ANDERSON, Perry. Considerations on western marxism. London: NLB, 1976. (México: Siglo XXI, 1979).
- 04 - ANDERSON, Perry. Lineages of the absolutist state. London: New Left Books, 1974. (México: Siglo XXI, 1979).
- 05 - ANDRESKI, Stanislaw. Marx Weber on capitalism, bureaucracy and religion. London: G.A. & Unwin, 1983.
- 06 - ANGEL, Pierre. Stato e società nel pensiero di Bernstein. Storia del marxismo contemporaneo. Milano: Feltrinelli, 1974. (Barcelona: Avance, 1976; Paris: Union générale d'edition, 1977).

* Os títulos aparecem no original e os parênteses indicam as edições utilizadas. Em alguns casos, a consulta foi feita a ambos mas não julgamos necessário discriminá-los.

- 07 - ARAÚJO NETTO. "PC italiano, sem Berlinguer se alia à social-democracia." Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 13.04.1986.
- 08 - ARRIGHI, G. "Towards a theory of capitalist crisis". London: New Left Review, (111): Oct.1978.
- 09 - BARAN, Paul, SWEEZY, Paul. Monopoly capital. New York: Monthly Review Press, 1966. (Rio de Janeiro, Zahar, 1974).
- 10 - BARON, Samuel. Pekhanov: the father of russian marxism. Stanford. 1963. (México: Siglo XXI, 1974).
- 11 - BASSO, Lelio. introdução à Socialismo e Rivoluzione. Milano: Feltrinelli, 1980. (México: Siglo XXI, 1983).
- 12 - BERMAN, M. All that is solid melts into air. London: Verso, 1985.
- 13 - BERNAL, J. Science and industry in the 19th century. London: Routledge, 1973.
- 14 - BERNSTEIN, Eduard. Die voranssetzungen des sozialismus und die aufgaben des sozialdemokratie. Stuttgart, Dietz, 1899. (México: Siglo XXI, 1982; Rio de Janeiro, Zahar, 1964).
- 15 - BERNSTEIN, Eduard. Probleme des sozialismus. Die Neue Zeit. Stuttgart, 1896-1898. (México: Siglo XXI, 1982).
- 16 - BERNSTEIN, Eduard. Der revisionismus in der sozialdemokratie. Amsterdam: M.Cohen, 1909. (México: Siglo XXI, 1982).
- 17 - BLAIR, John. "Technology and size". American Economic Review. Washington: American Economic Association, (2): May, 1948.
- 18 - BOODY, R., CROTTY, J. "Class conflict, keynesian policies and the business cycle". Monthly Review, Oct:1974.

- 19 - BOHM-BAWERK, E. Zum abschluss des marxschen system. Berlin, 1896. (Buenos Aires: Tiempo Contemporaneo, 1975).
- 20 - BOHM-BAWERK. Kapital und Kapitalzins. Innsbruck, 1884-89. 2.v. (México: FCE, sd).
- 21 - BORTKIEWICZ, L. Werthechnung und preisrechnung in Marxchen system. Tübingen, 1907. (International Economic Papers; 2, 1952).
- 22 - BORTKIEWICZ, L. Zur berichtigung der grundlegenden theoretischen konstruktion von Marx in III band des Kapital. JNÖSS, 1907. (Buenos Aires: Siglo XXI, 1974).
- 23 - BOTTOMORE, Tom . ed. "Introduction to the translation." IN: Hilferding, R. Financial Capital. London: Routledge, 1981.
- 24 - BOTTOMORE, T., GOODE, P. eds. Readings in marxis sociology. Oxford: Clarendon Press, 1983.
- 25 - BOTTOMORE, T. Theories of modern capitalism. London: G.A. & Unwin , 1985. (controversies in Sociology;17).
- 26 - BUKARIN, N. The economic theory of the leisure class. New York: Monthly Review Press, 1972. (Moscou, 1919).
- 27 - CACCIARI, M. "La nuova economia di Walther Rathenau." Democrazia e diritto. Roma, p.347-60, 1977.
- 28 - CACCIARI, Massimo. Krisis: saggio sulla crisi del pensiero negativo da Nietzsche a Wittgenstein. Milano: Feltrinelli, 1976.
- 29 - CAMBRIDGE ECONOMIC HISTORY OF EUROPE. Cambridge: The University Press, 1978. v.6-7.

- 30 - CAPRA, F. The turning point. New York: Simon & Schuster, 1982.
(São Paulo: Cultrix, 1986).
- 31 - CASTRO, A.B. BO capitalismo ainda é aquele. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1979.
- 32 - CASTRO, A.B. "A controvérsia da demanda efetiva". Cadernos de Opinião, (15):112, dez./ago.1980.
- 33 - CASTRO, A.B. "Keynes e a velha tradição do ciclo". Texto para discussão nº17. Rio de Janeiro, UFRJ, 1983.
- 34 - CORIAT, B. La robotique, Paris:Maspero, 1983.
- 35 - CHANDLER JR., Alfred. "The United States: evolution of enterprise". Cambridge Economic History of Europe. Cambridge:CUP 1978. v.7.
- 36 - CHANDLER JR., Alfred. Strategy and structure: chapters in the history of the industrial enterprise. Mass: MIT Press, 1962.
- 37 - CLAUDIN, Fernando. La crisis del movimiento comunista. Madrid: Ruedo Ibérico, 1970, 2v.
- 38 - COLLETTI, Lucio. "A political-philosophical interview". New Left Review. London, Jul./Aug. 1974.
- 39 - COLLETTI, Lucio, NAPOLEONI, C. Il futuro del capitalismo: crollo o sviluppo? Roma-Bari:Gius Laterza, 1970. (México: Siglo XXI, 1978).
- 40 - COLLETTI, Lucio. Tra marxismo e no. Bari: Gius Laterza, 1979.
(Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983).
- 41 - COLLETTI, Lucio. "Karl Marx, profeta ou cientista". O Estado de São Paulo, supl. Cultura, 13.03.1983.

- 42 - COLLETTI, Lucio. "Bernstein e il marxismo della seconda internazionale". Ideologia e società. Bari: Laterza, 1969. (Barcelona: Fontanella, 1975).
- 43 - CRISP, O. "Tugan-Baranovsky", M.I. IN : International Encyclopedia of Social Sciences. New York: Mac Millan, 1968, v.16.
- 44 - COHEN, Stephen. Bukarin and bolshevik revolution. London: Wildwook House, 1974.
- 45 - CRONKITE, Walter. Highttec : dream or nightmare New York: CBS. video-cassete. (disponível Consulado dos Estados Unidos, Rio de Janeiro. classif. 85601).
- 46 - CUTLER, A. et al. Marx's capital and capitalism today. London: Routledge, 1977. 2v. (Rio de Janeiro: Zahar, 1980.20).
- 47 - DAY, Richard. "The theory of the long cycle: Kondratieff Trotsky, Mandel". New Left Review. London, (99):Sep./ Oct. 1976.
- 48 - DAY, Richard. The crisis and the crash: soviet studies of the west (1917-1939). London: New Left Books, 1981.
- 49 - DERRY, T.K., WILLIAMS, Trevor J. A short history of tecnology. Oxford: Clarendon Press, 1960. (México: Siglo XXI, 1977. 3v.)
- 50 - DOBB, Maurice. Studies in the development of capitalism. London: Routledge, 1963. (Rio de Janeiro, Zahar, 1980).
- 51 - DOBB, M. Political economy and capitalism. London: Routledge, 1937.
- 52 - ENGELS, F. Vorwort zu Marx' Elend der Philosophie. Berlin, 1884. (México: Siglo XXI, 1975. Lisboa: Estampa, 1978).

- 53 - ENGELS, F. Introduction ^{to} Marx' Capital. London, 1886. v.1.
(São Paulo, Abril, 1983).
- 54 - ENGELS, F. Vorwort und glossen zu Marx' kapital. Hamburg,
1894. b.3. (São Paulo, Abril Cultural, 1983-85).
- 55 - ENGELS, F. Vorwort zu Marx'die klassenkämpfe im Frankreich
von 1848-1850. Berlin, 1895. (Moscou: Progreso, 1978.v.1).
- 56 - FELS, Rendigs. "The long wave depression, 1873-97." Review of
Economics and Statistics, feb.1949.
- 57 - FERRAROTTI, Franco. "A final rethinking : George Lukács talks
with Franco Ferrarotti." Social Policy. London, Jul./Aug. 1972.
- 58 - FETSCHER, I. "Bernstein e o desafio à ortodoxia" Storia del
Marxismo. Torino: Einaudi, 1978. (Rio de Janeiro : Paz e
Terra, 1982).
- 59 - FIEDLHOUSE, D.K. Economics and empire: 1830-1914. London:
Weidenfeld & Nicolson, 1973.
- 60 - FREEMAN, C. ed. "Technical innovation and long waves in world
economic development." Futures, 13(4-5): Aug.Oct.1981.
- 61 - FORRESTER, T. ed. The microeletronics revolution. London: Ox
ford Univ.Press, 1980.
- 62 - GARAGNANI, P. "La realtà dello sfruttamento." Rinascità, (9):
mar.1978 (México: Siglo XXI, 1979).
- 63 - GAREGNANI, P. et al. Debate sobre la teoria marxista del va-
lor. México: Siglo XXI, 1979.
- 64 - GAREGNANI et al. Progresso técnico e teoria econômica. São
Paulo: Hucitec-Unicamp , 1980.

- 65 - GARRATY, John A. "The new deal, national socialism and the great depression." American Historical Review, 78(4): 907-44, Oct.1973.
- 66 - GARVY, G. "Keynes and the economic activists of pre-Hitler Germany." Journal of Political Economy, 1975.
- 67 - GAY, Peter. The dilemma of democratic socialism. New York: Collins Books, 1962.
- 68 - GORZ, André. Les chemins du paradis. Paris:Galilée, 1983.
- 69 - GORZ, André. Adieux au prolétariat. Paris: Galilée,1980. (Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982).
- 70 - GOULDNER, Alvin. The two marxisms : contradictions and anomalies in development of theory. London: MacMillan,1981. (Madrid: Alianza, 1983).
- 71 - GREBLO, E. "Stato autoritario e crisi della regione in M. Horkheimer." Aut-Aut. Milano, jan./fev. 1982.
- 72 - GROSSMANN, Henryk. Das akkumulations und zuzamengruchsgesetz des kapitalistischen systems. Leipsig, 1929. (México: Siglo XXI, 1979).
- 73 - GURLAND, A.R.L. "Technological trends and economic structure under national socialism." Studies in philosophy and social sciences. New York, 9(2):226-63; 1941.
- 74 - GUSTAFSSON, Bo. Marxism och revisionism. Uppsala ,1969. (Barcelona: Grijalbo, 1975).
- 75 - HANSEN, Alvin H. Business cycles and national income. London: G.A. & Unwin , 1951.

- 76 - HEIMAHN, H. "Die aktualität Eduard Bernstein", Vorwort
Zu Texte zum revisionismus. Bonn: Ban Godesberg, 1977.
(México: Nueva Imagen, 1982).
- 77 - HILFERDING, R. Das Finanz Kapital. Munich: Willi Weismann,
1910. (Madrid: Tecnos, 1973).
- 78 - HILFERDING, R. "Die aufgaben der sozialdemokratie in dem re-
publik". Berlin, 1927. (traduao parcial IN: BOTTOMORE, T.,
GOODE, P. ed. Readings in marxist sociology. Oxford: Cla-
rendon Press, 1983).
- 79 - HILFERDING, R. "Probleme der zeit". Die gesellschaft, I. 1924.
(Traduao parcial IN: SALSANO, Alfredo. ed. Antologia del
pensiero socialista. Roma: Laterza, 1982, 7v.).
- 80 - HOBSBAWM, E. ed. Storia del marxismo. Torino: Einaudi, 1978.
(Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.)
- 81 - HODGSON, Geoff. New Left Review, (90):111, mar./apr., 1975.
- 82 - HOLLAND, S. The socialist challenge. London: Quartet Books,
1976.
- 83 - HOLTON, RJ. The transition from feudalism to capitalism. Lon-
don: MacMillan, 1985.
- 84 - HUMANITIES FUND. The information society. Video-cassete.
(disponível Consulado dos Estados Unidos, Rio de Janeiro.
classif. 81313).
- 85 - INTERNATIONAL ENCYCLOPEDIA OF SOCIAL SCIENCES. New York: Mac
Millan, 1968.
- 86 - ITHOT M. Value and crisis. London: Pluto Press, 1980.
- 87 - JAY, Martin. The dialectical imagination. Boston, 1973. (Ma-
dri: Taurus, 1974).

- 88 - JOHNSON, W.M. The Austrian mind, an intellectual and social history: 1848-1938. Los Angeles: University of California Press, 1972.
- 89 - JOLL, J. Europe since 1870. London: Penguin Books, 1973. (Lisboa: Dom Quixote, 1982).
- 90 - JOLL, J. The second international: 1889-1914. London: Routledge, 1955.
- 91 - KALECKI, "The problem of effective demand with Tugan-Baranovsky and Rosa Luxemburg". IN: Selected essays on the Dynamics of the capitalist economy. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.
- 92 - KAUTSKY, R. Das Erfurter Programme. Stuttgart, 1892. (São Paulo: Paulista)
- 93 - KAUTSKY, Karl. "Krisentheorien". Die neue zeit. Stuttgart, (20): 1901-02. (Colletti ed. El marxismo y el derrumbe del capitalismo. México: Siglo XXI, 1978).
- 94 - KAUTSKY, K. Bernstein und das sozialdemokratische Programme: Ein antekritik. Stuttgart, 1899. (Barcelona: Fontamara, 1975).
- 95 - KEYNES, J.M. "Am I a liberal?" Essays in persuasion. New York: W. Norton, 1931.
- 96 - KEYNES, J.M. Treatise of Money. London: MacMillan, 1971. 2 v. (Original de 1930).
- 97 - KEYNES, J.M. The general theory of employment, interest and money. London: MacMillan, 1973 (original de 1936; São Paulo: Abril Cultural, 1983).

- 98 - KEYNES, Milo. ed. Essays on John Maynard Keynes. Cambridge: The University Press, 1975.
- 99 - KINDERSLEY, R. The first russian revisionists: a story of legal marxism. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- 100 - KOCKA, J. "Enterpreneurs and mannagers in German industrialization." Cambridge Economic History of Europe. Cambridge: CUP, 1978.v.7.
- 101 - KOLAKOWSKI, Leszek. Main currents of marxism. Oxford, 1978.
- 102 - KORSCH, K. "Uber einige grundsatzliche voraunuzungen fur eine materialistische diskussion des krisentheorie." Proletarie, feb.1933. (Cuaderno pasado y presente. México: Siglo XXI, (78):1978).
- 103 - KOWAL, L.M. "The market and business cycle theory of M.I. Tugan-Baranovsky." Revista Internazionale di scienze e commerciali, 20(4):1973.
- 104 - KOWAL, L.M. "L'analisi dello svillupo capitalistico in M.I. Tugan-Baranovsky." IN: Storia del Marxismo Contemporaneo. Milano: Feltrinelli, 1974 (Paris: Union Generále D'Editions, 1977).
- 105 - KOWALICK, T. Roza Luxemburg: teoria akumulacji i imperializmu. Varsóvia: Ossilinium, 1971 (México: ERA, 1979).
- 106 - KRISTOL, I. ed. The crisis of economic theory. The public interest, 1980. Special issue.
- 107 - JAMESON, F. "Post-modernism or the cultural logic of late capitalism." New Left Review. London, (146):jul./aug. 1984.
- 108 - LABEDZ, Leopold. ed. Revisionism: essays on the history of

- marxist ideas. London: G.A. & Unwin, 1962. (Madrid: IEP, 1968).
- 109 - LABINI, P.S. "On the concept of the optimum rate of profit." IN: Essays on economics in honour of Edward Lipinski. Amsterdam: North Holland, 1980. (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984).
- 110 - LANDES, David. Unbound Prometheus. London: Cambridge University Press, 1969. (Madrid: Tecnos, 1979).
- 111 - LARSCH, C. The culture of narcissism. New York: W.W. Norton, 1979. (Rio de Janeiro: IMAGO, 1983).
- 112 - LARSCH, C. The minimal self. New York: W.W. Norton, 1984. (São Paulo: Brasiliense, 1986).
- 113 - LENIN, V.I. Escritos economicos 1893-1899. México: Siglo XXI, 1974. 3v.
- 114 - LEVIDOW, L., YOUNG, B. ed. Science, technology and the labour process. London: CSE Books, 1981.
- 115 - LICHTHEIM, George. Marxism: an historical and critical study. New York: Praeger, 1961. (Barcelona: Anagrama, 1971).
- 116 - LINDTKE, L. "Revisionism." IN: Marxism, comunism and the western society. New York: Herder & Herder, 1972.
- 117 - LUXEMBURG, Rosa. Sozialreform oder revolution? Leipsig, 1899. (São Paulo: Civilização Brasileira, 1975).
- 118 - LUXEMBURG, R. Die akkumulation des kapitals. Berlim, 1913. (Rio de Janeiro, Zahar, 1976).
- 119 - LYOTARD, J.F. La condition post-moderne. Paris: Minuit, 1979. (Rio de Janeiro: José Olympio, 1986).

- 120 - MANDEL, E. Der spatkapitalismus. Frankfurt:VERLAG, 1972.
(México: ERA, 1979).
- 121 - MANNHEIM, Karl. Freedom, power and democratic planning. London: Routledge, 1951. (Rio de Janeiro: Mestre Jou, 1972).
- 122 - MARRAMAO, Giacomo. Introdução. IN: POLLOCK, F. Teoria e prassi dell'economia di piano. Bari: De Donato, 1973.
- 123 - MARRAMAO, Giacomo. ed. Austromarxismo e socialismo di sinistra fra le due guerre. Milano: La Pietra, 1980.
- 124 - MARRAMAO, G. Il politico e le trasformazioni. Bari: De Donato, 1979. (México: Siglo XXI, 1982).
- 125 - MARX, Karl. Grundrisse der kritik des politischen okonomie: 1857-58. Berlin: Dietz, 1953 (México: Siglo XXI, 1977).
- 126 - MARX, Karl. Das kapital. Hamburg. 1867, 1885, 1894. (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974; Abril Cultural, 1983-85).
- 127 - MASHKE, E. "Outline of the history of German cartels from 1873 to 1914". Essays in European economic history. London: E. Arnold, 1969.
- 128 - MATTICK, P. Krisen und krisentheorien. Berlin, 1974. (Barcelona: Península, 1977).
- 129 - MENSCH, G. Das technologische patt. Frankfurt: Umschau Verlag, 1975. (Cambridge: Ballinger, 1979).
- 130 - MEEK, Ronald. Smith, Marx and after: ten essays in the development of economic thought. London: Chapman & Hall, 1977. (México: Siglo XXI, 1980).

- 131 - MEZAN, R. Freud, pensador da cultura. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- 132 - MIGLIOLI, Jorge, Org. Crescimento e ciclo das economias capitalistas. São Paulo: Hucitec, 1977.
- 133 - MIGLIOLI, Jorge. Acumulação de capital e demanda efetiva. São Paulo: T.A. Queiroz, 1981.
- 134 - MINSKY, Hyman P. John Maynard Keynes. New York: Columbia University Press, 1975.
- 135 - MINSKY, Hyman P. "The breackdwn of the 1960's policy synthesis." Telos. (50): Winter, 1981-82.
- 136 - MINSKY, Hyman P. Can "it" happen again? New York: M.E. Sharp Inc., 1982.
- 137 - MODERNITY and post modernity, New German critique, (33): fall, 1984. Special issue.
- 138 - MOISSEEV, Moise. "L'evolution d'une doctrine: la theorie des crises de Tugan-Baranovsky et la conception moderne des crises economiques." Revue d'histoire economique et sociale, v.20, 1932.
- 139 - MOSZKOWSKA, N. Das marxchen system. Berlim, 1929. (México : Siglo XXI, 1979).
- 140 - MOSKOWSKA, N. Zur kritik modernes krisentheorien. Berlim, 1935. (México: Siglo XXI, 1978).
- 141 - MOSKOWSKA, N. Zur dynamik des spatkapitalismus. Munich, 1943. (México: Siglo XXI, 1981).
- 142 - MULLER, Wolfgang, NEUSIISS, Christel. "The illusion of state

- socialism and the contradiction between wage labour and capital." Telos, (25):Fall, 1975.
- 143 - MUSIL, Robert. Der mann ohne eigenschaften, 1930-1943. Berlin, 1952. (Lisboa: Livros do Brasil, *ad.*).
- 144 - NAPOLEONI, C. "Introduzione". IN: COLLETTI, L., NAPOLEONI, C. ed. Il futuro del capitalismo, crollo o sviluppo? Roma: Laterza, 1970. (México: Siglo XXI, 1978).
- 145 - NAPOLEONI, C. Valore. Milano: ISEDI, 1977. (Lisboa: Martins Fontes, s.d.).
- 146 - NAPOLEONI, C. "L'enigma del valore". Rinascita, (8):fev. 1978. (Garegnani et al. Debate sobre la teoria marxista del valore. México: Siglo XXI, 1982).
- 147 - NAPOLEONI, C. "Ci obbliga a ricominciare tutto da capo". Rinascita, 31(4):ago. 1978. (GAREGNANI et al. Debate sobre la teoria marxista del valor. México: Siglo XXI, 1982).
- 148 - NEGRI, A. "J.M. Keynes et la theorie capitaliste d'état em 1929". IN: La classe ouvrière contre l'etat. Paris: Galilée, 1978. (Orig. Milano: Feltrinelli, 1972).
- 149 - NEGT, Oskar. "O marxismo e a teoria da revolução no último Engels". Storia del marxismo. Torino: Einaudi, 1978. (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982).
- 150 - NELL, E. "Profit erosion in the USA". Introduction ^{to} GLYN, A., SUTCLIFFE, B. British capitalism, workers and the profit squeeze. New York: Peregrin Books, 1972.
- 151 - NOVE, Alec. "M.I. Tugan-Baranovsky (1865-1919)". History of political economy, 2(2):246, 1970.

- 152 - NOVE, Alec. The Economics of feasible socialism. London: G.A. & Unwin, 1983.
- 153 - OFFE, C. "Competitive party democracy and the keynesian welfare state: some reflections upon their historical limits". Policy sciences, 1983. (Problemas estruturais do estado capitalista. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984).
- 154 - PAGGI, Leonardo. "Intellettuai, teoria e partito nel marxismo della seconda internazionale: aspetti e problemi". In introduzione a la edizioni italiana de ADLER, Marx. Der sozialismus and die intellektuellen. Viena, 1910. (Bari: De Donato, 1974; México: Siglo XXI, 1980).
- 155 - PAYNE, P.I. "The emergence of large scale company in Great Britain, 1870-1940". Economic History Review, 1967.
- 156 - PIRES, E. Valor e Acumulação, Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- 157 - PIRES, E. "Valor-trabalho e ideologia". Encontros com a Civilização Brasileira. (23):Maio, 1980.
- 158 - PIRES, E. Ensaio Econômicos. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- 159 - POLANYI, Karl. The great transformation. 1944. (Rio de Janeiro, CAMPUS, 1980.)
- 160 - POLLOCK, Friedrich. "State capitalism: its possibilities and limitations". Studies in philosophy and social sciences. New York, 9(2):200-25, 1941.
- 161 - POLLOCK, Friedrich. "Is national socialism a new order?" Studies in philosophy and social sciences. New York, 9(3):440-44, 1941.

- 162 - POLLOCK, F. Teoria e prassi dell'economia di piano. Bari: De Donato, 1973.
- 163 - POSSAS, Mário Luiz. "Valor, preço e concorrência: não é preciso recomeçar tudo desde o início". Revista de economia política, 2(4):102-103, out./dez. 1982.
- 164 - RANCHETTI, Fábio. "Se la teoria economica dubita del capitalismo". Rinascita, (31):ago.1978. (GAREGNANI et al. Debate sobre la teoria marxista del valor. México: Siglo XXI, 1982).
- 165 - RATHENAU, Walter. Die Neue Wirtschaft. 1917 (Torino: Einaudi, 1976).
- 166 - ROBINSON, J. An essay on marxism economics. London: Mac Millan, 1942.
- 167 - RONCAGLIA, Alessandro. Sraffa e la teoria dei prezzi. Roma: Gius-Laterza, 1975. (London: John Wiley and Sons, 1978).
- 168 - ROSDOLSKY, Roman. Zur Entstehungsgeschichte des marx-schen kapital. Frankfurt: Del Meno, 1968. (México: Siglo XXI, 1978).
- 169 - ROSEMBERG, Hans. "Political and social consequences of the great depression in Central Europe". Economic History Review, 1943.
- 170 - ROWTHORN, B. Capitalism, conflict and inflation. London: Laurence and Wishart, 1980. (Rio de Janeiro, Zahar, 1982).
- 171 - RUSCONI, G. Enrico. La crisi di Weimar. Torino: Einaudi, 1977.

- 172 - SALSANO, A. ed. Antologia del pensiero socialista. Roma: Laterza, 1982, 7v.
- 173 - SALVATORI, Massimo. "Kautsky entre o revisionismo e a ortodoxia." Storia del marxismo. Torino: Einaudi, 1978. (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982).
- 174 - SCHUMPETER, J.A. Zur soziologie des imperialismus. Tubingen: JCB Mohr, 1919. (Rio de Janeiro: Zahar, 1961).
- 175 - SCHUMPETER, J.A. "The instability of capitalism." The Economic Journal. pe. 1928 (Barcelona: Oikos-Tau, 1968).
- 176 - SCHUMPETER, J.A. Business cycles: a theoretical, historical and statistical analysis of the capitalist process. New York: Mac-Graw Hill, 1939.
- 177 - SCHUMPETER, J.A. Capitalism, socialism and democracy. New York: G.A. & Unwin, 1942. (Rio de Janeiro: Zahar, 1984).
- 178 - SCHUMPETER, J.A. "John Maynard Keynes (1883-1946)." IN: Ten great economists from Marx to Keynes. New York: Oxford University Press, 1951. (Rio de Janeiro: Zahar, 1970).
- 179 - SEIGEL, Jerrold. Marx's fate the shape of a life. New Jersey: Princeton University Press, 1978.
- 180 - SOMBART, Werner. Wirtschaftsleben des hochkapitalismus. Munchen, 1927. (México: Fondo de Cultura Econômica, 1946).
- 181 - SRAFFA, Piero. Production of commodities by means of commodities. Cambridge: Cambridge University Press, 1960. (Rio de Janeiro, Abril Cultural, 1976).
- 182 - STEEDMAN, I. Marx after Sraffa. London: New Left Books, 1977.

- 183 - STEEDMAN, I. "Positive profits with negative surplus-values." Economic Journal, (86):1976.
- 184 - STEEDMAN, I. "Ricardo, Marx, Sraffa." IN: STEEDMAN et al. The value controversy. London: New Left Books, 1981.
- 185 - STEEDMAN, I. "Robots and capitalism: a clarification." New Left Review. London, (151):May/Jun. 1985.
- 186 - STEEDMAN, I. "Value, price and profit." New Left Review. London, (90):Mar./Apr.1975.
- 187 - STONE, Norman. Europe transformed, 1878-1919. Glasgow, 1983. (México: Siglo XXI, 1985).
- 188 - SUBIRATS, E. Da vanguarda ao pós-moderno. São Paulo: Nobel, 1984.
- 189 - SUZUKI, T.M. "Robots and capitalism." New Left Review. London, (147):oct. 1984.
- 190 - SWEEZY, P. ed. Karl Marx and the close of his system. New York: Kelley, 1949.
- 191 - SWEEZY, P. Theory of capitalist development. New York, 1942, (Rio de Janeiro: Zahar, 1973).
- 192 - TIMOSHENKO, V.P. "M.I. Tugan-Baranovsky and western european economic thought." Annals of the Ukranian Academy of Arts and Sciences of the United States, spring issue, 1954.
- 193 - TUGAN-BARANOVSKY, M.I. Promyshlennye krisiy v sovremennoi anglii ikl prichiny ivliianil na narodmis zhizn s. I.N.Sko roklodova, 1894. (Paris: Giard & Briere, 1913).
- 194 - TUGAN-BARANOVSKY, M.I. Teoreticheskiya osnovi marksima. S.Petersburg, 1905. (Madrid: REUS, 1917).
- 195 - TUBAN-BARANOVSKY, M.I. Sovremenniyi sotsializm v svoen istori cheskom razvitii. 1906. (Madrid: REUS, 1921).

196 - WEISS, John. Conservadorism in Europe 1770-1945. London:Thames & Hudson, 1977.

197 - ZANARDO, Aldo. Storia del marxismo contemporaneo. Roma: Feltrinelli, 1974.(Barcelona| Aviance, 1976; Paris: Union Générale des Editions, 1977).